Se você perguntar a um amigo seu qualquer, como era o velho Oeste americano, ele, por certo, terá a resposta pronta na mente e na ponta da língua. Ele lhe dirá, inclusive com precisão de detalhes, como era a paisagem daquele Oeste, que condução os colonizadores se dirigiram para lá, como se estabeleceram, que tipo de ordem ali vigorava, se aquele povo era sanguinolento, ou não, como era a roupa usada por ele, seus costumes, suas danças, como se defendiam ou atacavam os índios que habitavam a região...

Pois bem. Tente agora perguntar a um amigo seu qualquer, como foi a conquista do Oeste brasileiro, como era essa região, que tipo de gente era essa que se fincou aqui, que tipo de roupa usava, qual era sua dança, sua alegria, sua dificuldade, seu temperamento... O amigo, por certo, nada lhe responderá. A memória regional se perde a cada dia, no desleixo das autoridades responsáveis, no descuido de uma população mal informada.

"COISAS QUE ME CONTARAM CRÔNICAS QUE ESCREVI" procura formar e informar, de modo criterioso, sobre a preservação da Memória Cultural do Triângulo Mineiro, principalmente da região de Uberaba. A partir da leitura dessas crônicas, que num espaço de três anos **Nabut** foi elaborando com cuidado, você se inteirará desses fatos que marcaram e definiram a região triangulina, bem como o caráter do homem que a conquistou.

JORGE A. NABUT — COISAS QUE ME CONTARAM CRÔNICAS QUE ESCREVI

JORGE A. NABUT / COISAS QUE ME CONTARAM CRÔNICAS QUE ESCREVI

Cad 021
45,00

Prof. João Batista,

Por este livro, queremos testemunhar-lhe nossa gratidão e sentimentos de admiração, por tudo o que o senhor tem sido em nossa Comunidade.

MOGRAL de Uberaba. 1978

COISAS QUE ME CONTARAM
CRÔNICAS QUE ESCREVI

CAPA DE DEMILTON DIB

A PAISAGEM DE ORIGEM

DESEMBOQUE

DESCUBRA VOCÊ MESMO A PAISAGEM DO DESEMBOQUE

Entre os meses de abril e setembro, existe um espaço de tempo, ideal, para você ir até o Desemboque, berço de nossa civilização triangulina. O Desemboque implica, antes de tudo, em simplicidade. Não vá ao Desemboque pensando encontrar uma nova Ouro Preto. A melhor coisa que você poderá ver no Desemboque, é sua própria sobrevivência no período de dois séculos. Uma sobrevivência custosa. Sofrida. Sentida na pele e na alma. Vá ver como ele, no século XX, se manteve alheio à civilização. Como seus habitantes se defendem, autônomos, para sobreviver.

Para nós triangulinos, um lugar como o Desemboque é uma espécie de paraíso perdido. Tem muito a ver com a procura do tempo perdido. E por isso, muito a ver com Proust.

Visualmente, há dois aspectos que compensam sua ida a esse lugar primevo do Triângulo Mineiro: a descoberta da paisagem (para os que sonham com as paisagens dos cartões postais da Europa, a paisagem do Desemboque é um banho), e a arquitetura (duas igrejas e umas trinta casas que documentam sistematicamente a economia, a cultura e enfim, todo um sistema social de sua época remota).

O CAMINHO BARROCO DAS SECAS

Só se poderá tentar a compreensão da cultura triangulina, a partir de estudos e paragens nas terras e nas obras do Desemboque.

O caminho, de estrada boa e de chão, como haveria mesmo de ser é ir primeiro a Sacramento. Tomar informações com os cidadãos. Atenção: não dê ouvidos aos que dizem que a estrada é ruim e que é difícil chegar lá no Desemboque. Primeiro, você viajará em léguas e léguas de reflorestamento. Esta plantação estranha à paisagem original dos chapadões, mostra finalidades outras que as terras áridas e secas têm hoje em dia para a economia nacional.

Passada essa região de verde implantado, indiferente à secura do período em que atravessamos no ano, você se achará finalmente no que se denomina chapadão. E' o chapadão, a região mais tipicamente nossa. Você se embrenha no chapadão do Bugre. O famoso chapadão. O chão plano. O descampado. A terra aberta em linha reta. O horizonte formidável sugere a idéia de um abismo horizontal.

Mais adiante, a paisagem muda de figura. A estrada vai se elevando. Entre morros altos. Em certas épocas do ano as beiras dos córregos ficam cobertas do roxo das quaresmeiras. O início da serra compõe uma paisagem deslumbrante.

Depois de uma viagem de 3 horas, a partir de Uberaba. Você finalmente descobre, entre montanhas azuis, os pontos brancos das igrejas. E' o Desemboque que se aproxima.

IMAGEM VISUAL DO DESEMBOQUE

O antigo Julgado do Desemboque que foi berço de toda civilização do Triângulo Mineiro, já citado no mapa de Von Spik e Von Martius, fundado em meados do século XVIII, é hoje, um lugarejo pequetito, umas casinhas esparramadas em belíssima posição geográfica... os regos d'água sinuosos, trazidos de longe, galinhas de pinto esparramadas pela frente das moradas, um povo encolhido e amável plantado na vergonhice das janelas e se arregalando nas portas, de repente escancaradas, quando sente ganhar a comunicação com o visitante. Entre punhados e punhados de folhagem vermelha de jardim, as campas pesadas de pedras solitárias, retalhadas em dor maciça, recomendadas nas mortes, desde o muito antigamente... pedronas de alcunha latina e portuguesa, verbetes cunhados de sepultura rústica, um cemitério shakesperiano à volta.

E, mais na alegria, grandes e branquinhas, duas igrejas encantam a região cheia de panoramas: a igreja Matriz de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque e a igreja de Nossa Senhora

do Rosário, a igreja do homem de cor. Duas excelentes obras de arquitetura colonial. A primeira, do século XVIII e a segunda, do século passado. A da matriz, toda construída em pedras, arredadas do próprio lugar. E' ainda nesta bela e pesada matriz que se encontra um acervo de peças raras da imagística barroca. Algumas importadas de Portugal. Outras provavelmente de cidades mineiras, como Ouro Preto. Convém notar que este acervo já foi muito mais completo e interessante. Hoje, com o desprezo de certos órgãos do clero, e das congregações religiosas do lugar, únicas capazes de conservar o que sobrou de uma época áurea, a falta de consciência de um povo, as manias de furto de antiguidades, praticamente deixaram a nu, as obras que existiam nas igrejas do Desemboque. Porém, como elementos de sociologia e história, quanto às casas e igrejas, como arquitetura, e os santos e altares entalhados, como escultura e arte, o povoado do Desemboque merece, não somente atenção das autoridades competentes, dos intelectuais brasileiros (e os uberabenses por excelência) mas também dos mebros do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Embora este Patrimônio não tenha muita valia, nem força suficiente para funcionar a contento, já que não existem verbas suficientes para ele, e por outro lado, já que não existe um Patrimônio do Triângulo Mineiro. O Desemboque merece, ainda, muito mais do que isso. Merece uma tomada de atitude urgente, para que não chegue ao fim definitivo e pereça de vez. Ele é a voz e o coração do povo do Triângulo.

IMAGENS SACRAS DO DESEMBOQUE

Na pobreza geral de esculturas das duas igrejas do Desemboque, tenho de chamar atenção do leitor e do possível interessado, para cinco imagens entalhadas na madeira, do mais requintado valor artístico. São imagens barrocas, dos dois séculos passados A imagem de Nossa Senhora do Rosário, mandada vir de Portugal, pelos pretos do lugar, é uma das mais belas imagens, e poderia pertencer a qualquer acervo de qualquer igreja de Ouro Preto.

A imagem de Nossa Senhora do Desterro, não tem as mesmas belas feições de rosto da outra Nossa Senhora, mas é a que tem o mais belo panejamento. Uma obra prima barroca. Para mim, a mais bela imagem, é a de São Francisco. A mais expressiva de todas, com um panejamento mais simples, mas a mais comovente. Finalmente, um santo muito querido no lugar, São Sebastião. Uma imagem de santeiro popular, mas muito interessante e expressiva, como de modo geral, costuma ser a arte feita pela mão do povo E uma Nossa Senhora da Conceição, a maior de todas, obra que mostra já a decadência do barroco e a pobreza de formas.

A ACADEMIA DE LETRAS: O DESEMBOQUE

A "descoberta" do Desemboque, que no seu sentido cultural, turístico, artístico, e como tema de estudos de sua importância para a história mineira, e, particularmente triangulina, se deve, única e exclusivamente à Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Esta, numa atitude pouco acadêmica e pouco acomodada, e sim, num verdadeiro brado de vanguardismo, chamou a atenção dos intelectuais sobre o Desemboque. Mostrou os livros de história, que documentam a importância do lugar e mais ainda, levou pela estrada de terra, a primeira leva de gente interessada em nossa cultura, ao próprio berço da civilização nossa. Sem estas atitudes conscientes da ALTM, talvez o Desemboque não tivesse ainda sido "descoberto". Além de fornecer o prazer da paisagem e local tão singular, a Academia de Letras mostrou ainda o resultado imediato dessa sua atitude. Ela fez mostras de fotografias do Desemboque, pediu o tombamento da localidade, e mais ainda, nas suas revistas publicou artioos e poesias inspirados naquele local.

Vista do Desemboque: Igreja de Nossa Senhora do Rosário e moradores do local.

O DESEMBOQUE

Criado a partir da febre do ouro, o Desemboque conheceu uma época, que não corresponde ao havido nas cidades mineiras de mineração, tais como Ouro Preto, Sabará, Mariana, Caeté, Serro etc.. Nem tem a mesma importância histórica e sociológica para o Brasil como aquelas cidades do ciclo do ouro e do diamante tiveram. Mas, sua fundação dependeu do ouro, dito bom, mas que produziu e aflorou bem pouco nas mãos dos homens pioneiros. Daí então, o Desemboque, esgotadas as escavações minerais, após o êxodo regular que acompanha todo o fim de um ciclo de mineração, voltou-se para a pecuária. Voltou-se para a terra, de outra maneira. Cuidando do gado, e plantando também. Mas, mesmo assim, a decadência foi um fator que invadiu o Desemboque com toda sua garra. A pecuária e a agricultura não foram suficientes para manter o "status quo" do local. As famílias continuaram a debandar dalí. Até resultar no que lá está. Casas abandonadas. Vazias. Outras entram em ruína, pelo fato de não serem usadas. Dois marcos contudo, se mantêm firmes, nas cabeceiras do Rio das Velhas (atual Araguari); os dois prédios das igrejas, marcas de uma época de dinheiro razoável, e de uma vida que aflorava e prometia ser longa e adulta.

Se por um lado, o Desemboque entrou em total decadência, por outro, compensou a criação e o desenvolvimento de outras localidades e cidades tais como Araxá, Sacramento, Uberaba etc., etc.. Mas, ele se mantém seguro na sua posição de berço de civilização de uma das mais ricas regiões do Brasil Central. (in **Jornal da Manhã**, 22.09.77).

ALDEIA DE SANTANA DO RIO DAS VELHAS OU O ESTRANHO CAMINHO DE SAINT-HILAIRE

A cada hora que passa, uma pergunta formulada por Francelino Pereira, é repetida na imprensa brasileira, por intelectuais e jornalistas: "Que país é este"? Quando se vê um estado de desprezo e desleixo em relação à cultura, se diz então: "Que país é este?" A pergunta pairou no ar, durante longo tempo e vai continuar assim, pois certamente, em cada vasculhada que dermos em determinada situação da cultura nacional, seremos obrigados a inquirir da mesma forma. Recentemente. o historiador mineiro. Francisco Iglésias respondeu seca, acertada e consisamente à questão: Este é um país da amnésia! A amnésia cultural tem sido um mal comum do país, criando um vácuo insolúvel e, principalmente, irrecuperável dentro da nação. A amnésia cria um povo sem história. Sem memória. Que não sabe de onde veio. Em que condições está. E não saberá certamente o rumo mais acertado, mais aconselhado do futuro, pois ele cresce na superfície do conhecimento, não se alicerça o bastante, não se nutre o quanto precisa e deve. Enfim, uma sociedade anônima, descaracterizada, sem personalidade, sem programação, sem definição. Esse mal coletivo da amnésia cultural, que alastra com fome de fogo sobre a seca, tem, no Triângulo Mineiro, pasto suficiente para penetrar e agir. Já não herdamos mais o nosso passado. Não recebemos das gerações que nos antecederam, a história. E' a custa de muita dificuldade que as novas gerações perscrutam o passado. O alicerce do futuro. A amnésia cultural já tem gerações de uma comportada e obediente clientela.

Quando Dom João VI abriu os portos às nações amigas,

inúmeros naturalistas e historiadores europeus vieram, sob imensa curiosidade que o Brasil revelava então, varar este território desconhecido, levantar sua história, sua botânica, sua ecologia, seu caráter, seus tipos dominantes e dominados, sua economia, etc. Esses viajantes principiaram a escrever a verdadeira História do Brasil, porque não se limitaram a simples descrições do que viam, mas ao fazê-las, já lhes davam um cunho crítico, fruto de uma observação agudíssima e de uma consciência bem inteirada. Esses relatos dos estrangeiros que nos visitaram são documentos da maior importância para a preservação da História e da Memória brasileiras.

Particularmente para Minas, Rio de Janeiro e Goiás, o visitante que mais interessa, que mais dados colheu dessas regiões foi o naturalista francês Auguste Saint-Hilaire (1779-1853), que visitou o Triângulo Mineiro em 1819, e deixou para nós um relato precioso.

O desfalque feito em nossas bibliotecas tradicionais, a antiga, da Prefeitura, e a do Jóquei Clube, nos privou de conhecer os livros de Saint-Hilaire, sempre citados por Hildebrando Pontes e qualquer outro historiador digno. Eu particularmente, jamais consegui ter em mãos os volumes tocantes ao Triângulo. Essas obras, sempre raríssimas, não obtive meios de adquirí-las. Há dois anos atrás é que a "Editora Itatiaia Limitada" resolveu relançar algumas obras de importância tal.

Agora, com o livro de Saint-Hilaire nas mãos, tentei seguir e ver o caminho que ele percorreu e anotou com tanto interesse e critério. Com um século e meio nos separando, fomos, o escritor Joaquim Borges, o engenheiro Demilton Dib, o acadêmico de Engenharia, Carlos Augusto Mendes de Oliveira e eu, conhecer o principal local citado pelo naturalista francês. As transformações desses ambientes, sofridas com a corrosão natural dos tempos, e principalmente com a deturpação avassaladora da mão do homem, tornam a viagem numa caminhada de incríveis descobertas e de estranhas situações.

Descendo da cidade de Goiás para São Paulo, Saint-Hilaire atravessou o Triângulo, seguindo sempre a estrada de Anhanguera. Eis a sequência da viagem do estudioso francês, feita em sentido norte-sul:

Porto Real da Paranaíba
De Porto Real à Aldeia do Rio das Pedras.

Dessa aldeia à Aldeia da Estiva.
Da Estiva à Aldeia da Boa Vista
Da Boa Vista à Fazenda das Furnas.
De Furnas ao Registro do Rio das Velhas.
Do Registro ao Sítio da Rocinha.
De Rocinha a Uberaba Verdadeira
De Uberaba à Fazenda do Tijuco.
Do Tijuco a Lanhoso, aldeia semi abandonada.
Da aldeia ao Arraial da Farinha Podre.
Do Arraial ao Porto Militar da Guarda de Posse.
De Posse ao Rio Grande.
Total: 25 léguas.

ALDEIA DE SANTANA: PRIMEIRO NÚCLEO DO HOMEM BRANCO EM MINAS GERAIS

De todas estas paragens de Saint-Hilaire no Triângulo Mineiro, para a história da ocupação de Minas pelo homem branco, a que mais interessa, é Santana do Rio das Velhas. Diz o naturalista em sua obra "Viagem à Província de Goiás":

"A aldeia foi construída numa região descampada e no alto de uma colina, aos pés da qual passa um córrego cujas águas vão reunir-se às do Rio das Velhas. E' composta de umas trinta casas muito pequenas, quase quadradas e cobertas de palha. Algumas ficam espalhadas pela colina, sem nenhuma ordem, enquanto outras se enfileiram ao redor de uma praça de formato quadrangular, com um dos lados ocupado pela igreja, que é muito pequena (Neste ponto não concordo com Eschwege, que diz ser a igreja bastante grande). As paredes das casas são feitas de barro vermelho escuro, mas na frente são rebocadas com barro cinzento.

Segundo reza a tradição dos índios Bororós, a Aldeia de Santana foi fundada pelos jesuítas — (E' impossível que essa tradição não represente a verdade. De fato, se os jesuítas não tivessem vivido na região de que maneira o pobres índios do Paranaíba, tão ignorantes e tão alheios a tudo o que se passava no mundo, poderiam saber que eles existiam? Porque iriam eles inventar uma lenda que lhes seria mais prejudicial do que útil, uma vez que tendia a lhes tirar todos os direitos sobre a Aldeia de Santana?) e, de acordo com a mesma tradição, habitada primitivamente pelos

índios do litoral. A estes Antônio Pires de Campos reuniu, como já foi dito em outro capítulo, alguns índios Carajás e Tapirapés, habitantes das margens do Araguaia, no norte da província. Essa população mista pereceu, dispersou-se ou fundiu-se com os descendentes dos Bororó e, em 1775, foi substituída por certo número de Chicriabás, nação que vivia nos sertões do Paraná e se tinham espalhado até as margens do S. Francisco, na parte setentrional de Minas".

Quem desce a detalhes sobre a história da Aldeia de Santana, é o historiador uberabense Hildebrando Pontes, no seu livro "História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central, 1970, edição da ALTM". "...Foi uma tentativa que se tivesse alongado mais, pelo interior do país, por certo teria atingido o Triângulo Mineiro, onde se estabeleceu o primeiro núcleo da raça branca, de Minas, contemporaneamente, talvez com a expedição de D. Francisco de Sousa. Esse núcleo foi a Aldeia de Santana do Rio das Velhas, hoje situada no município de Araguari; pois as reduções do Guaira, fundadas em 1557, pelos jesuítas (...) Daí, a organização de grandes bandeiras paulistas, marchando contra aquelas reduções que foram totalmente destruídas, entre os anos de 1628 a 1634" e continua Pontes, "Anteriormente a este desastroso acontecimento, os jesuítas constituíram diversos núcleos às margens dos grandes rios tributários do Paraná, sendo certo que um dos mais distantes daquelas reduções fora o já referido, da Aldeia de Santana do Rio das Velhas (...) Desde fins do século XVIII, negociantes da Aldeia de Santana recebiam cargas que vinham por água pelo Tietê, Paraná e Paranaíba até o porto dos Garcias e daí, por terra, até a Aldeia.

Mas recentemente — antes do clarear do século XVIII — Carmo Gama, em sua Lenda dos Quilombolas, falando do quilombo do Tento Tengo, situado entre os rios Quebra Anzol e Misericórdia, cita a interessante história do padre Caturra, da Companhia de Jesus, que depois de, em busca do noroeste das Minas Gerais, ter alcançado esta região, fundara, com muitos negros e índios, aquele núcleo de pretos. Em seguida desceu pelo primeiro daqueles rios, até a Aldeia de Santana do Rio das Velhas onde, por muito tempo permanecendo, edificara diversas casas e uma igreja e depois de entregar a um dos companheiros o governo do lugar..."

E' tradicionalíssima e muito conhecida em todo o Triângulo a história do Pe. Caturra, que varou os séculos e chegou até nós, de várias maneiras, as mais interessantes.

Quando, na segunda década do século XVIII, Anhanguera

abria as picadas da estrada São Paulo - Goiás, sua bandeira passou pela aldeia de Santana.

A partir de uma informação do sr. Mário Arruda, que já havia feito, quando jovem, uma monografia sobre a Aldeia de Santana do Rio das Velhas, soubemos que a antiga e histórica aldeia, é nada menos que a atual cidade de Indianópolis.

Depois de atravessarmos o Rio Araguari, antigo Das Velhas de balsa, chegamos a Indianópolis. Cidade de 2.000 habitantes, situada entre Uberlândia e Nova Ponte e Romaria. Uma cidadezinha simpática, tradicional na arquitetura. Cheia de casas muito antigas, esparramadas.

A antiga estrada de Anhanguera cortou a também antiga aldeia no centro, e criou-se aquela convencional rua na beira da estrada, onde as casas se alinham lado a lado, vendo passar bandeiras, boiadas, sertanistas e sertanejos.

A CASA DE ANHANGUERA E A ARQUITETURA DE MÃO-DE-OBRA INDÍGENA

Todos na cidade insistem para que vejamos a casa mais antiga da cidade, construída pelos índios e que foi também residência por tempo indeterminado do Anhanguera.

A impossibilidade e ao mesmo tempo a inefeciência, por motivos aparentemente óbvios do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, justificam plenamente a situação em que se encontra essa simpaticíssima casa. E muito pior do que isso, a falta de consciência do nosso povo e principalmente das nossas administrações, responsáveis mais de perto pelo desleixo (ou falta de zelo) dos monumentos históricos de uma nação, nos deixam acabrunhados diante da nossa falta de perspectiva histórica.

Quase todas as janelas e portas da casa de Anhanguera foram retiradas ou cobertas com alvenaria. Mudaram a divisão da casa. Mas, tudo, com cuidado, é perfeitamente restaurável.

As paredes ainda nos parecem originais, dando a entrever na argamassa o estrume de gado misturado. A telha colonial, com o passar dos séculos talvez tenha substituído o capim. Das janelas originais ainda restam duas. A simplicidade dos donos da casa coincide perfeitamente com a simplicidade da arquitetura da casa.

Mas, tudo, mesmo esquecido de cuidados oficiais, tudo na casa, rescende a uma irresistível simpatia.

IGREJA DE SANTANA, DOS JESUÍTAS E DOS ÍNDIOS

Com sua fachada completamente deturpada, numa reforma da década de 20 deste século, a antiga igreja de Santana é um monumento imponente. Pareceu-me maior que a nossa Santa Rita, mas também não a medi. A estrutura da igreja está realmente em ótimo estado de conservação, o piso ainda se conserva de tábuas largas, mas o forro ruiu, a não ser o do presbitério, que ainda se mantém original. Numa reforma bastante antiga, retiraram várias divisas da igreja o que se percebe nas marcas deixadas pelos furos do pau a pique no madeirame espesso. Mostrando um certo requinte de época, ainda se deixam ver com marcas nas paredes, que existiram ali, dos dois lados da igreja, as tribunas, reservadas às pessoas mais graduadas do local.

Não existem altares laterais. Só o altar-mor subsiste ainda, pequeno mas muito belo, na sua forma barroca, a mais simplificada, mas bem característica. As imagens, com exceção de uma que se guarda na residência de um dos moradores da cidade, desapareceram todas, na década de 60, não se sabe bem como. Dois sineiros deixados no local onde é o coro, datam de 1878 e 1898.

Na igreja nova da cidade, se encontra a pia batismal, realmente uma peça muito antiga, de pedra e com desenhos que, nas mãos de especialistas poderiam revelar algo mais concreto sobre a arte híbrida dos indígenas que ocupavam a região.

De modo geral a igreja de Santana do Rio das Velhas não foge à regra das demais igrejas antigas do Triângulo Mineiro, como as do Desemboque.

Estas duas construções tão antigas, a casa de Anhanguera e a igreja de Santana do Rio das Velhas, certamente as duas obras arquitetônicas mais antigas do Triângulo Mineiro, se qualquer atitude mais honesta, mais interessante e mais inteligente for tomada, primeiramente pelo prefeito de Indianópolis, o ainda jovem sr. Milton Alves da Silva, ou qualquer entidade triangulina interessada em preservar alguma coisa por estas bandas, são justamente os dois monumentos, os primeiros a serem lembrados. Uma intervenção imediata da citada prefeitura faz-se necessária junto à casa de Anhanguera, não no sentido de restaurá-la, pois que no

Triângulo Mineiro não existem elementos com capacidade ideal para isso, mas de preservá-la e conservá-la o máximo possível. Se na cidade de Indianópolis existe alguma coisa iteressante para qualquer pessoa ver, são justamente estas obras citadas, além, certamente, do casario antigo restante, que o prefeito declarou ao repórter sentir necessidade de demolí-lo (citando um casario grande e bonito) porque está, segundo ele, atrapalhando a praça, o que, em absoluto não é verdade. O que na Europa seria um crime, aqui é apenas uma atitude a mais de um administrador. Convém notar que esta atitude de demolir o passado, sem mais nem porquê, não se restringe às vontades apenas de um administrador de uma cidade do interior de Minas, mas virou regra geral em todas as prefeituras brasileiras.

A OBRA INDÍGENA NA IMAGEM DA CONCEIÇÃO

A imagem a que me referi e que está guardada na casa de um dos moradores da cidade, é a de Nossa Senhora da Conceição Mede cerca de 50 centímetros e não é encarnada. Esta valiosa obra revela bem a presença da mão-de-obra indígena, dos primeiros tempos da Aldeia. Os traços grosseiros, que lhe dão um certo aspecto de inacabada, acabam por acentuar mais ainda o estágio em que se encontrava a arte indígena ensinada pelos jesuítas.

A CASA DOS JESUÍTAS

A tradição oral, constante em Indianópolis, se confunde um pouco quando diz onde era a casa dos jesuítas. Porém todos afirmam que esses padres construíram, na região, a casa deles. Uns dizem que a casa ficava na Fazenda das Furnas, o menos provável, e outros afirmam que era numa casa da cidade, infelizmente totalmente descaracterizada no início desta década. "São as duas casas de janelas redondas", Mas, atualmente, só se encontra uma casa de janelas arredondadas: a do Anhanguera.

Sobre arquitetura de mão-de-obra indígena, o escrivão da cidade , sr. Lorival Magalhães disse haver muitos exemplos na zona rural de Indianópolis.

Diz o prefeito da cidade, que conheceu, no seu tempo de criança e rapazola, uma índia de nome Geroma, falecida há uns 25 anos atrás, com a idade de 110 anos, que contava que a mãe dela foi pega a laço, para ser escrava dos brancos e que a mais remota memória de sua mãe era essa imagem de Nossa Senhora da Conceição, que pertencera a uma capelinha de sapé que os índios fizeram.

MISSÕES JESUÍTAS NO TRIANGULO MINEIRO

"No Brasil (Rio Grande do Sul, e Campinas, São Paulo), no Paraguai e na Argentina reitores e professores universitários articulam belo movimento intelectual visando a criação da Universidade Transacional das Missões". ("O Pedido Holandês, in Folha de São Paulo, 25 de setembro de 1977).

A intenção dessa universidade é de fazer um levantamento total das Missões jesuítas no início da colonização da América do Sul. Então, diretamente, a história e os monumentos da antiga Aldeia de Santana do Rio das Velhas, interessa diretamente a esses estudiosos, visto que sua fundação se deu exatamente com a participação dos jesuítas advindos das Missões sulinas com a colaboração do gentio (JM. 02.10.77).

UBERABA
O CENÁRIO DE HOJE
E A PAISAGEM AUSENTE

SENTIMENTO URBANO

UBERABA ANO 121

1905: o futebol se inicia nc Diocesano, com Francisco Buzolo, Piranji, Luís Jordão, Zanata e Edvaldo, Juca Pato e Beta Meirelles, Arley, Nena, Zé Renato e Paulo Luciano. Esses jogadores seriam os mesmos do Red And White, do NFC, do USC e do IAC — O império cria seus móveis, seus modos — Os "Oito Batutas" fazem o chorão cantar: no pic-nic, no quintal, na janela com cortinas de filé, no Palácio da Cultura — Os arranha-céus se espicham, encolhidos, e esquecem os espaços vazios aos lados — Passe de mágica ou passo do tempo: a cidade não é mais aquela — Os prefeitos de hoje não cheiram rapé, as empregadas não mascam fumo em corda — "Dona, sua casa cheira, Cheira cravo de rosas, orerê, flor de laranjeira" — Conde D'Eu se hospeda no Hotel do Commércio, que sopra 101 velinhas no bolo comprado no supermercado — A família perde o rompante: "vossos filhos não são vossos filhos, são filhos da ânsia de viver" — 1895: a primeira indústria: Cassu — Os atores interpretam Morte e Vida Severina: Teatro: um século e uma década de história interrompida — Os freguêses da roleta se despedem do Cassino "Brasil" e amanhecem no Bar "Buraco da Onça" — 1930: Lélia, Jacob e Rielson filmam "Clarinda e Anastácio" — Picaretas na mão, vamos demolir o passado e construir um futura no ar! No mar? — Êh vida marvada, num dianta fazê nada" — Quem come feijão? Quem toma café? Quem anda a pé? Carne no prato? Farinha na cuia? Na cuca! — A política do café-com-leite amplia seu raio de ação, e nasce uma solução maravilhosa e mágica de mulatos e mulatas — No fim do século passado, diante da Igreja do Rosário dos Pretos, Chiquito Pereira Alves, canta modinhas: "A segredar apaixonadas juras" — 1980: a cerâmica uberabense se exporta — Na porta do Banco do Brasil, o coronel tira o chapéu e a ceroula e manda nos capangas: manda esfolar, manda capar, manda falar, manda fazer, manda olhar,

manda quebrar, manda matar, manda... A cidade indiferente assiste demolir a igreja de Nossa Senhora do Rosário. Quem toma partido, aplaude — Puchar saco não tem data — "Senhoras e senhores ele punha os olhos grandes sobre mim." — A catira se dança no pé e na palma: os Borges sabem muito bem disso — "O Sexo sobe a ladeira da erecção" — Joaquim Borges dá um jeito no seu "Gabrielão Solé" — João Pedro de Sousa, após o sonho, morre abraçado ao Rio Grande — Maria Hummel se despede de nós, de vez — Ronalda Terra, também — Viva o "Programa do Funil" — Os soldados da Guerra do Paraguai, passam dentro da cidade de Uberaba, com suas motos, seus muares, entre os edifícios altos, os semáforos, os carros-de-praça, numa procissão de guerra e de fé. Os alunos da escola não sabem o que se passa — "Dois pomos maduros se movem no âmbar das coxas que se abanam e que se abrem como um livro" — Des Genettes imprime o primeiro passo da imprensa (livre?): O "Paranaíba": 1874 — "Pra quê se esforçá si nun. vale a pena trabaiá?" — Cristina Cabral, canta — Lélia Bruno e Walmira Cardoso interpretam Nazareth: Chopin aplaude a iniciativa romântica delas — Vamos serrar as árvores, as mangueiras do Diocesano SSSSSRRRRRRRZZIRRRRMMMMM — A Gameleira já não é rosa mais, de tão triste disse adeus — A farinha está podre ainda? E a carne? — "A revolução do sexo rasga e rompe a rota roupagem dos bons costumes" — Borges Sampaio guerreia, elucida, escreve, fala na TV, com D. Pedro II, defende, documenta — "De manhã cedo eu óio pra rocinha, pra vê si asveis nasceu quarqué coisinha" — E' sertão, sei não! — Dom Eduardo é o bispo — Santo Antônio num casa mais — O santo se atura a si mesmo, se depura e se atua: Frei Eugênio Maria de Gênova — As botiques modernizam a família, como o fogão a gás: a roupa comprada pronta, o fogo sem lenha — A pílula é anti-concepcional: mas, atual, funcional, elucidativa — Jorge Montes funda a Maria Giriza — "Good Gin" na TV Uberaba — "O sal nos meus lábios de teu suor" — Maria Carrapata acompanha, já morta, a prosissão do Senhor Morto — A festa da Abadia fricciona — O Cine Capitólio assiste a um ato da ópera "O Guarany" do imortal Carlos Gomes — Bismarck Mussi Dib vence a corrida. São Silvestre sopra — Rosa, chupa docemente uma manga Sabina pintada. A pinta está na manga e na moça. Rosa. Manga Rosa. Sua boca macia, madura, sabe o sabor do caroço... — Gertrudes pinta a maravilha dos afrescos na capela do convento das Beneditinas — As elegantes do ano no Prado do Jockey Club assistem a um cavalo morrer envenenado — Maria Augusta adoça na Rua Artur Machado — Frederico Maurício Draenert mede o tempo em Uberaba — "Submarino" emerge no meio dos Congos — A "Convergência" confraterniza, confabula, encabula, congrega — "Os Seresteiros" atacam cantando noite e dia "Rosa Verde", de Loreto Conti — Zebu não custa, vale! O caminhão com este dito, vai pro Belém do Pará

— João Vilaça Jr. toca flauta no soirée do Cine Metrópole quando se projeta "O Encouraçado Potekin" — A "Linde" reúne a sociedade em volta do sorvete — O "Cine Pathé" fecha suas partes — João Martins Borges morre na sua epopéia. Realizado novo sonho do caminho das Índias — Elisabeth Van Winkell e Hélvio Fantato se apresentam no coreto do Largo da Matriz — A tanga reduz a nudez masculina a quase zero (ou quase dez?) — Expô de 1911 ainda não foi superada — Joubert de Carvalho compõe e Carmem Miranda grava: "Taí, eu fiz tudo pra você gostar de mim" — Enquanto isso, o Major Eustáquio, fundador da cidade, salta dum carro de praça e aluga um apartamento apertado no edifício (é difícil, meu chapa) do Banco Nacional e me confessa confuso que não quer que lhe falem de Araras nem Pacholas, e que não quer outra vida pescando num rio de jereré (JM, 01.05.77)

CARÁTER UBERABENSE

O caráter uberabense existe. E de tal modo forte, inconfundível, que a gente o percebe em qualquer lugar. Festa. Reunião. Coisa difícil de ter qualquer cidade, é o seu caráter próprio formado. Também é inegável que, este caráter uberabense, formado à custa de mais de século, tenha o gosto de ambiente rural. E não era para menos, numa cidade criada com base na economia agrária. Pessoalmente, eu não vejo mal nenhum nisso. E não sei como poderia definir melhor esse caráter. E' lógico que este tipo oriundo do ambiente rural, não é o elemento que frequenta os espetáculos de música erudita, nem o que vai ao teatro, nem lê a revista "Convergência", e nem briga pela construção do Museu de Uberaba. Mas inegavelmente, é esse criador de gado, esse dono de fazenda, ou ainda esse mascate de gado, esse "tocador" de lavoura. que formou essa tipologia do uberabense a que me refiro

A DANÇA

Dois momentos decisivos que denotam de modo peculiar e claro, o gosto e o sabor desse povo mineiro, radicado e ambientado no Triângulo Mineiro: a dança. Explico Indo diretamente contra essa massificante onda das multinacionais músicas que imperam nas boates e nas reuniões sociais de todo o Brasil (colonialismo cultural), dois tipos de dança (e de música. ou um só tipo de música para dois tipos de dança) que o uberabense usa e gosta: a **catira** e a **música sertaneja**.

Não vão pensar os senhores que estou me referindo à catira e à música sertaneja, focalizando a classe média ou baixa. Essas classes sociais também se identificam com estas manifestações. Mas, é à classe "A" (da cidade, claro) que me refiro. Justamente numa classe social, onde a escola o "estudo", onde, em qualquer lugar do mundo se estratifica uma série de conceitos e

preconceitos que a isolam de modo intocável da "plebe rude", é justamente nesta classe "A", que Uberaba preserva essa preferência pelo rural. Essa gente endinheirada gosta muito de uns bons pares prá dançar uma catira, durante uma noite fria, num churrasco de casamento de parente ou de amigo. Essa gente aprecia demais uma música sertaneja "mais sacudida" para dançar nos bailes do Jóquei Clube, por exemplo, em qualquer estação do ano, inclusive no carnaval (carnaval sertanejo?). em qualquer festa social.

Nos bailes da Exposição. E' incrível como se lhes impõe um gosto pelo sertanejo. Em qualquer coquetel, por mais refinado ou chique que seja, onde se servem carnes flambadas, e bebidas sofisticadas, tem de haver uma música sertaneja tocando. Uma viola soando — (suando?). — Um "Menino da Porteira" ou Um "Zé-da-estrada" se movendo entre os garçons de gravata borboleta e as senhoras de vestidos longos e caros. E a segunda dose de bebida é o bastante para se enfrentar o salão e cair no requebro dengoso da música sertaneja. Quanto á catira, dançada por muito menos gente, mas apreciada por tantos, é ela, uma das manifestações mais autênticas do nosso folclore, muito mais importante do que qualquer das nossas escolas-de-samba.

ABOIO SOCIAL

Coisa típica da origem rural que temos são certos modos, muito comuns ao uberabense, de cumprimentar. Exclamar expressões de alegria, quando se chega numa roda mais íntima. São tantas as expressões, que chegam a parecer um verdadeiro aboio. Isso, em qualquer nível social nosso.

Principalmente o jovem uberabense, (mesmo de qualquer boa faculdade ou colégio) tem uma certa vergonha de falar um português mais correto. Ele sempre procura falar mais errado, não pronunciar bem as palavras, nem terminá-las bem. Parece que falar bem, o afasta desse "espiritualismo" rural. Ao mesmo tempo, parece que, nas rodas sociais, os rapazes ficarem pronunciando bem, lhes tira o valor de macho. Acabam então optando por uma forma mais caipira de expressão.

Por uma forma mais caipira de subjugação social. Assim, eles apenas obedecem uma fórmula, uma forma estereotipada e fracassada de impor a masculinidade. Se na dança da catira ele se mostra com real valor de masculinidade (a catira além de ser uma dança bonita, ritimada, é também viril), na fala acaipirada, (aqui me refiro aos meninos de bons colégios...) ele se mostra fraco e acovardado. Resta ainda dizer que este gosto pela "fala acaipirada" não se restringe aos moços universitários, mas também às moças nossas, usando o último lançamento da moda de Paris ou Nova Iorque. Elas contradizem este requinte (e gosto pela novidade à própria roupa de bom gosto que usam) com uso deste vocabulário burlesco. (JM — 16.07.77).

OS BLOCOS ARQUITETÔNICOS E CULTURAIS DE UBERABA

A falta de estrutura de uma sociedade, a falta de planejamento urbano, de programação pré-estabelecida de uma cidade, diante de um processo qualquer de desenvolvimento ou de transformação que a ameace descaracterizar, pode levá-la — e leva na maioria das vezes — à derrocada, à uma total destruição irrecuperável de sua personalidade. Inapelavelmente, uma cidade perde seus traços, e se transforma no mais terrível espião desaparecido.

Um projeto mal estruturado, não visando as áreas de preservação de uma localidade histórica, as áreas comercial, residencial, industrial, de lazer, etc., levam, a maioria das vezes à falência total da urbe, como ambiente propício ao homem (humano, social, integrante, cultural). Caso típico, o da capital mineira, que teve no seu único planejamento, o alinhamento (duvidoso e superado) das ruas. Arretar ruas não é o bastante para se projetar uma cidade. Basta ver os planos corretos, como é o caso universal de Brasília, onde poucos ruas são retas. O homem, num projeto qualquer, é o mais importante. Por isso, não se pode desprezar sem mais nem menos, o pensamento e a realização custosa feitos pelo homem do passado. E devemos ter mais cuidado nas nossas ações, na maioria das vezes impensadas, quando duvidamos da capacidade das gerações que nos antecederam de realizar uma comunidade e se integrar no seio dela. Na destruição dos logradouros tradicionais da cidade, a falta de critério na administração e a avassaladora fome da especulação imobiliária, fazem das cidades brasileiras um ringue de lutadores, onde, todos se inteiram uma briga de corpo a corpo na destruição um do outro. E foi justamente, a falta de respeito aos monumentos e à criação do passado, no caso específico de Belo Horizonte, levaram o maior poeta brasileiro vivo, Carlos Drummond de Andrade, e também

uma das consciências mais vivas da América Latina, a tomar uma atitude radical, brusca e criteriosa, rompendo definitivamente com a ensurdecedora Belo Horizonte, afirmando jamais pôr os pés ali.

A arquitetura tradicional uberabense, que foi marco de uma época de ascensão econômica e social da cidade, vive hoje constantemente ameaçada de destruição pela especulação imobiliária.

Porém, sendo Uberaba uma cidade tradicional, há apenas poucos anos atrás principiou arregaçando as mangas e se lançando numa tentativa de sair do marasmo onde se encontrava desde a decadência do zebu, décadas atrás. Sendo uma das mais típicas cidades brasileiras da virada do século, Uberaba tem feições amadurecidas e próprias. Tem um caráter definitivo. Marcado. Estes poucos anos de progresso maior, foram o bastante para nos deixar um pouco desiludidos quanto à consideração e respeito para com as obras do passado! Muita coisa destruída se fazia necessário. O desafio, para nos tirar de uma certa decadência, nos fazia topar qualquer parada. E ainda topamos! Mas, hoje nos sentimos um pouco mais adultos, mais amadurecidos. E que muita coisa pode e deve preservar. Custe ou não custe.

Recentemente comentava aqui a memória perdida no desmazelo. Na falta de conscientização, tanta coisa perdida, destruída para satisfazer o gosto de uma minoria de mentalidade moribunda.

Hoje, procuro mostrar o que se pode preservar. Da época de quando ocupava a primazia e a vanguarda neste Brasil Central. Para este levantamento consultei trabalhos do mesmo gênero, feitos por arquitetos de conceito internacional.

OS BLOCOS CULTURAIS A SEREM PRESERVADOS

Se pegarmos por época — e em função de um determinado momento da economia regional e seu consequente enriquecimento, — veremos que, por incrível que pareça, ainda há na cidade, verdadeiros blocos arquitetônicos representativos de toda uma época. A excelência da mão-de-obra dos imigrantes, é notada em todos estes blocos. Que, segundo minha pesquisa, deram um número de três blocos arquitetônicos. Um, significativo das duas primeiras décadas deste século, formado por residências de pessoas enriquecidas na época, com o comércio e a lavoura. O segundo, também demonstrativo desta mesma época, mostrando porém, os prédios, escolas, entidades, que graças ao melhoramento da economia do citado período, conseguiu se fazer notar com qualidade excelente de construções. E, finalmente o terceiro bloco representativo da época áurea do zebu, construções feitas ali pela década de 30. que, se não demonstram excelência na arquitetura, são por si só documentos de uma época antenticamente nossa, quando Uberaba ganha importância nacional com a exploração do gado trazido pioneiramente pelos uberabenses da Índia.

PRIMEIRO BLOCO CULTURAL

As residências do início do século, dos coronéis e dos "homens de bem", os políticos enriquecidos.

No centro da cidade, encontramos este bloco arquitetônico. Iniciemos com a residência, o belo solar estilo eclético, nº 10 da Rua Tristão de Castro; uma residência digna de figurar entre as melhores da Avenida Paulista, na época do café. Daí, descendo, encontramos um belo exemplo simplificado de arquitetura neo-clássica, na residência nº 1 da Rua São Sebastião, com varandas arqueadas. Vamos descendo a Praça Rui Barbosa, do lado esquerdo. Observemos o sobrado nº 30, a bela residência de entrada lateral nº 24, e pintada de ocre. Logo abaixo o excelente exemplar de neo clássico (o melhor, atualmente na cidade), da residência pintada de chocolate, nº 22. No mesmo alinhamento, todo o quarteirão, seguindo a residência nº 16, nº 24, o prédio da Prefeitura Municipal, com suas figuras ecléticas. Logo em frente, o prédio eclético nºs. 21 e 23, a famosa Casa Caldeira. Na Rua Manoel Borges, registremos o belo pórtico de entrada do antigo Cine Politeama, ainda conservado, e vamos deparar, do lado esquerdo, com um dos prédios mais antigos da cidade, construído de pau-apique, na penúltima década do século passado, o sobrado de nºs 9 e 11 datado na cimalha, de 1889. Andemos mais um pouco. Até a esquina com Rua Major Eustáquio, e observemos e registremos o casarão eclético nº 25, onde funcionou provisoriamente, até pouco tempo atrás o Fórum. Voltemos à Rui Barbosa. E anotemos o prédio da esquina, com Rua Artur Machado, o sobradão nº 7, Mais adiante, a Livraria ABC antiga Farmácia Santa Ana, de estilo **art. nouveau** e o prédio do Lavoura e Comércio. No comecinho da Rua Vigário Silva, o Hotel do Comércio, que este ano comemora seu centenário, um marco na história da cidade. E terminemos, finalmente, na Vila Mariana, um dos mais belos modelos arquitetônicos da cidade.

Sem dúvida, esse bloco arquitetônico, de invejável qualidade de mão-de-obra operária, revela a importância econômica da cidade, no início deste século.

SEGUNDO BLOCO CULTURAL

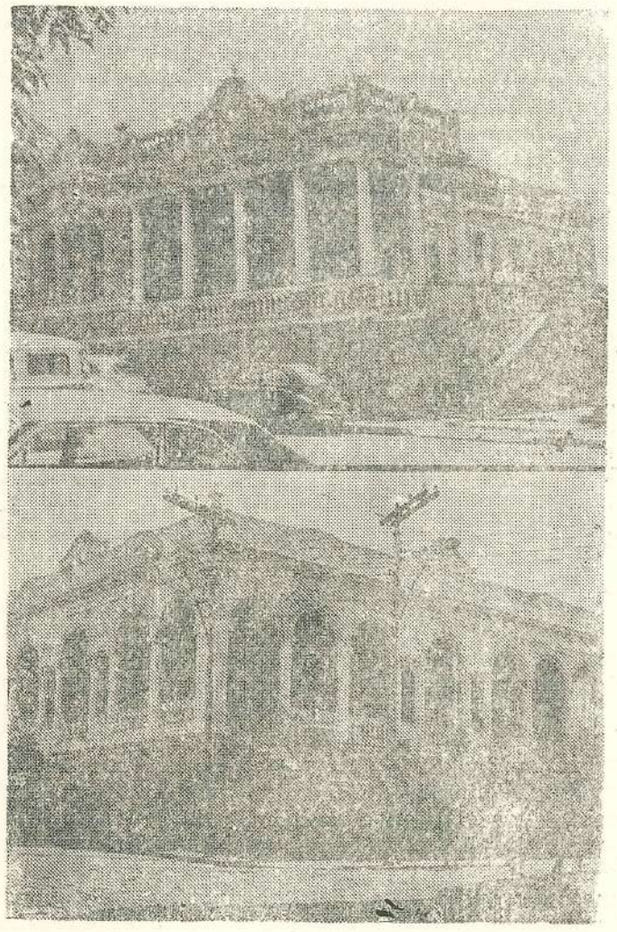
O segundo bloco arquitetônico cultural se inicia no prédio do Asilo Santo Antônio, nº 35 da Praça Tomás Ulhoa, comprido e belo prédio de bom estilo neo-clássico, com os bisquis colocados em suas cimalhas. Ao seu lado direito, a belíssima capela do Colégio Nossa Senhora das Dores, de estilo provençal, construída com tijolos e telhas importados de Marselha (França). Na esquina com a Rua Quintino Bocaiuva, o imenso Colégio Nossa Senhora das Dores. Descendo esta rua, do lado esquerdo, a Faculdade Federal de Medicina, ainda com restos de arquitetura oficial (neo-clássico) antigo presídio da cidade. Em frente à faculdade, o prédio do Mercado Municipal, já pertencente à história da cidade. Atravessemos a Praça do Mercado, logo à frente o mais importante prédio: da igreja de Santa Rita de Cássia, de estilo colonial simples, construído com adobes, e tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Subamos o morro de Santa Rita. Encontramos na Rua Lauro Borges, o solar nº 82, da segunda década deste século. Continuando a Lauro Borges deparamos com o antigo convento dos Dominicanos, cujo interior guarda toda arquitetura típica dos conventos europeus. Depois, colada ao convento, a bela igreja de São Domingos, de estilo eclético, construída de pedra tapiocanga. No adro da mesma, as quatro palmeiras imperiais Em frente à igreja, na Rua Lauro Borges, a bela residência, felizmente restaurada (se bem que com uma cor infeliz) nº 28, um dos melhores exemplos neo-clássicos da cidade, também da segunda década deste século. Tomemos então a pequena Rua José Bento Alves e observemos a residência colonial nº 5, ainda com as frondosas mangueiras ao fundo. Chegamos finalmente na Praça Comendador Quintino, onde se encontra o belo e primeiro grupo construído em Uberaba, o Grupo Escolar Brasil Infelizmente, sem o coreto à sua frente. Terminamos nosso segundo roteiro dos blocos arquitetônicos, na mesma praça, com a bela residência de estilo eclético nº 37 ao lado da também antiga Farmácia Cruzeiro.

TERCEIRO BLOCO CULTURAL

Neste bloco está toda uma demonstração, às vezes até do mau gosto, mas representativo do enriquecimento com a economia do gado zebu. Porém, nem todos os prédios selecionados, pertencem exclusivamente a este ciclo de nossa economia. Mas, revelam um enriquecimento paralelo e na mesma época. Todo este bloco está contido na Rua São Sebastião, e consta das seguintes residências: a residência art-deco, nº 12; a residência neo-colonial, nº 13; a residência que os intelectuais denominaram arquitetura-zebu, nº 17; o sobrado de sequina, nº 19; a interessantíssima pensão, nº 24, também na mesma esquina, de estilo art-nouveau, com anjos segurando as colunas; os jardins da residência nº 25; a residência neo-colonial, nº 35; a residência de estilo neo clássico, nº 36; o sobrado neo-colonial nº 40, e finalmente o prédio do Palácio Episcopal, nº 49.

Procurando elucidar o valor histórico das diversas fases da nossa economia regional, sem considerar os inegáveis e existentes

valores isolados, a observação e preservação em conjunto destes denominados por mim "blocos culturais", acredito, seria uma atitude honesta e criteriosa, no julgamento da nossa história e na formação de um contexto cultural autenticamente uberabense (in **Jornal da Manhã**, 24.10.76).



Arquitetura tradicional uberabense.

DESTRUIR É PRECISO, VIVER NÃO É PRECISO

O Brasil vive atualmente um período de devastação do patrimônio ecológico, cultural, artístico, urbano e rural. Matas são devastadas. Espécimes raras de plantas desaparecem. A fauna e a flora sofrem a mais violenta depredação de todos os tempos. O desrespeito para com a natureza é a cada dia mais absurdo. Mais combatido e mais intensificado. Ao contrário das cidades européias, as cidades brasileiras, na sua maioria, e o caso gritante é São Paulo e Belo Horizonte — têm menos áreas verdes que aquelas. Justamente o Brasil, país até há pouco tempo coberto por matas virgens.

PATRIMÔNIO CULTURAL

O patrimônio cultural e artístico não fica atrás. Sofre as mesmas consequências das aves em extinção, da vegetação outrora abundante. Músicas do século XVIII são vendidas aos açougues para se embrulhar carne, ou para se fabricar foguetes. Imagens são roubadas ou retiradas de ambiente original para satisfazer o gosto de uma classe social apenas privilegiada pelo dinheiro. Praças são reformadas sem necessidade, derrubando-se assim árvores, coretos, palmeiras, paisagismo, arte. Os antiquários cedem para os grandes centros, o que outrora foi o orgulho de nossas famílias e de nossos artesãos.

TRANSFORMAÇÃO URBANA

Uberaba, vive momentos decisivos de transformação urbana. Muito embora o seu desenvolvimento seja relativamente lento, coi-

sa de 10 anos mais ou menos, estou falando a respeito da transformação urbana esse mesmo desenvolvimento é, e está sendo o suficiente para descaracterizar para sempre a nossa urbe, tão cheia de caráter, tão peculiar; um misto de cidade européia, vila italiana, com a pimenta e a preguiça, nossas mesmo. E o pregresso, muitas vezes, com cara de verdade e um certo fundo de dúvida, arrasa sem mais nem menos. sem precisão nenhuma principalmente numa cidade com tanta área vazia como é Uberaba, um patrimônio que nos custou caro, feito de duras penas, quando Uberaba ainda era privilegiada "Princesinha do Sertão". Um nome até muito justo, para quem era por si só, o derradeiro marco de civilização por esse Brasil Central adentro.

AVASSALADORA HORDA

Uberaba tem sido acometida de uma avassaladora horda contra seu patrimônio cultural, sua arquitetura, que foi todo um símbolo de progresso. de "status" social. de mentalidade aberta para o mundo civilizado. E' evidente, visível a qualquer um, o esvaziamento do nosso patrimônio urbano, nunca merecedor de maiores considerações, por parte de ninguém. Essa consciência de defesa do que é nosso, do que é demonstração de construir bem, parece não ter atingido ainda nenhuma faixa da nossa sociedade.

DESLEIXO IMPERDOÁVEL

Não será à custa de ignorar o nosso passado, que construiremos um futuro promissor. São Paulo é um exemplo disso, sendo hoje a capital universal da poluição. Nós, que ainda não temos essa desgraça, vinda com o surto incontrolável do progresso desmedido, e não programado, podemos ainda coordenar um melhor meio de viver. Com mais tranquilidade. Sem prejuízo para nenhum período de nossa história ou de nossa inteligência.

Mas, mesmo tomando os devidos cuidados, mesmo tomando medidas plausíveis ou sábias, muita coisa já se perdeu na memória de nossa cidade, na lembrança da nossa comunidade. E a lacuna da amnésia preenche então, com sua vaga obstrução o que foi verdade, coragem, criatividade.

ATITUDE ANTI-CULTURAL

Talvez a atitude mais anti-cultural de todos os tempos de nossa comunidade, tenha sido a demolição da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, alí na alameda Presidente Vargas. A

mais bela igreja de nosso período de formação da cidade. Mandada demolir por uma atitude impensada e louca, de um dos nossos administradores. Nem sempre o homem certo está no lugar certo... A demolição da Igreja do Rosário, com desculpa frouxa de doar outra para os pretos — como mais tarde se construiu a não compensadora S. Benedito — arrasou com diversas manifestações culturais integradas, desde o princípio, à nossa realidade urbana; arquitetura, crença, dança, folclore, esculturas vindas de Portugal, entalhes, artistas nossos, arte popular, etc. Enfim, um documento marcante da escravidão no Brasil Central.

AS PALMEIRAS

As palmeiras da Rui Barbosa também foram derrubadas burramente, mostrando a baixa qualidade do pensamento do nosso executivo de então. Essas mesmas palmeiras, seriam a honra e glória de qualquer logradouro carioca ou romano.

AS ALAMEDAS DO DIOCESANO

O Irmão Afonso, marista do Colégio Diocesano de Uberaba, foi realmente um homem de visão, um poeta e um homem de senso de urbanização. Deveria — infelizmente nunca foi — administrador de Uberaba. Sua atuação no Colégio Diocesano foi a de um verdadeiro administrador. Construiu nas partes do fundo do Colégio Marista, verdadeiras praças, alamedas, ruas, alinhou enfim, sua cidade, sua urbe invejável. A atitude absurda foi a derrubada — também pouco pensada da Avenida de mangueiras, plantada pelo citado marista. Poderia se lotear o terreno para se "salvar a pátria", mas desnecessário foi a devastação agressiva da bela e bem traçada avenida, orgulho dos religiosos da época, e da cidade.

FREI EUGÊNIO

Todo mundo sabe. O Frei Eugênio Maria de Gênova, foi um dos personagens mais importantes de nossa história e um dos mais importantes do clero brasileiro. Se ele fosse europeu, seria um santo. Mas como é brasileiro, neca. Pois bem, sabe-se que foi ele o construtor do antigo cemitério de Uberaba, o de São Miguel, onde está hoje, no indevido lugar, o SENAI. Ali, também o padre foi sepultado, e a solidariedade — naquele tempo ainda havia solidariedade uberabense — colocaram sobre sua cova. imensa, maciça e pesada pedra de mármore, vinda de Carrara, Itália. Com a trasladação dos restos mortais do santo italiano, radicado em Uberaba, os próprios padres capuchinhos, numa atitude pouco recomendável, naida,

mais fizeram do que vender esta pedra para uma marmoraria de Uberlândia. Felizmente a inteligência de um advogado de lá, Dr. Jacy de Assis, esta pedra está salva da destruição, e ocupa um lugar de destaque no ambiente cultural uberlandense, mas pouco devido: ela é hoje o tampo de mesa do salão nobre da Faculdade de Direito.

CORETOS

Porque demolir os coretos que haviam nas Praças do Grupo e Rui Barbosa? Eles são a memória de tempos irrecuperáveis.

No adro da Catedral, havia, sobre colunatas, belas imagens importadas. Onde foram parar?

COLEÇÕES

Onde estão as coleções dos cento e tantos jornais aqui editados?

Onde estão a memória dos pretos, as senzalas, as argolas de ferro, os chicotes de açoite, as caçambas de montaria?

A nossa memória está se perdendo cedo demais. Coisas de cinquenta anos para trás, já se perdem no desmazelo, na desaculturação, no abandono, na especulação das antiguidades, na afobada e acidentada especulação imobiliária.

LIVROS

Onde estão os formosos livros impressos pela vanguardista e refinada Livraria e Editora Século XX? O Museu de Borges Sampaio?

Onde estão os objetos de museus tentados formar?

Onde estão as partituras dos nossos músicos do passado, Maestro José Maria e de tantos outros?

Onde estão as pinturas de Cândido da Cássia e Oliveira (duas medalhas de ouro e uma de prata, quando aluno da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, no final do século passado?).

Onde estão as pinturas de Joaquim Gasparino, o jardim com esculturas em terracota da igreja da Adoração Perpétua Por que deram fim na histórica Gameleira?

GRAVAÇÕES

Onde estão as gravações de Joubert de Carvalho, o maior músico uberabense? Onde estão os sinos de igreja fundidos aqui?

Onde está a gravação de "De Papo Pro Ar", do nosso Lúcio Mendonça, que tanto sucesso fez no país todo, que nem a família tem? Partituras de nossos músicos foram entregues às traças, outras vendidas para os programas de rádio, outras queimadas.

FOTOGRAFIAS

As fotografias de nosso passado. Onde estão? Quem é responsável por sua conservação? Quantas foram queimadas?

Uberaba já não é uma cidadezinha qualquer! E por isso mesmo, merece uma atitude cultural a seu favor. Há coisas, objetos, arquitetura, pintura, escultura, irrecuperáveis. Sonhos americanos desmoronados, desfeitos. Que então, se procure conservar um pouco do que resta. Um pouco apenas, para não sermos muito exigentes com aqueles que se enriquecem no merecido e necessário progresso.

Em São Paulo e no Rio, arquitetos e artistas gritam as injúrias sofridas, fazem seus depoimentos. Debatem. Discutem. Esclarecem. Nós, ainda não temos quem brigue pela preservação de nossa vida cultural, artística e humana. E vemos, a cada dia que passa, o inconsolável esvaziamento de nossa memória.

OS PROBLEMAS

Há problemas que o progresso continua não resolvendo em Uberaba: o do preenchimento das áreas vazias do perímetro urbano. A cidade cresce a torto e direita. Se espicha para qualquer lado. E os centenários terrenos baldios continuam existindo, como um vazio inútil, bem no centro da cidade. E por incrível que pareça, poucas são as vezes em que esses mesmos antigos terrenos vazios são procurados para se construir casas, prédios ou construção qualquer, novas.

O APARTAMENTO

Não acredito, e jamais acreditarei, que o apartamento seja um modo mais adiantado de residir. O apartamento surgiu como um apelo ao vertical, na impossível forma de se construir, por to-

tal falta de espaço, no sentido horizontal (este sim, o sentido em que se reflete a tranquilidade e o descanço do homem). Com tanta área não urbanizada, no perímetro central da cidade, Uberaba se ergue, num símbolo evidente (principalmente como símbolo e propaganda) de progresso.

IDEOLOGIA

Engraçado! Como o prédio funciona como ideologia realizada. Os prédios são também, para nós — e como! — o símbolo do sonho americano. Os zebuzeiros e fazendeiros, herdeiros de "um modo de vida rural, tão horizontal", os empregados de comércios e os próprios estudantes que vêm das cidades do interior, vibram quando vêem as carreiras de prédios enfileirados. O arranha-céu é a imagem do progresso atual.

RESPEITO AO PASSADO

Mas, nada impede que se respeite o passado. Que se preserve o patrimônio tão rico como foi o do nosso início do século até hoje o período mais rico de nossa civilização no Brasil Central. Que se una o moderno com o antigo! Que na verdade se respeite o passado como teremos de respeitar o futuro. Como devemos de respeitar o futuro. Como devemos de respeitar o presente. Ou muito mais acertadamente, como estes três tempos, são, na verdade uma única coisa só: uma coisa clástica; transponível, aturável e durável.

BOCA DO SERTÃO

Uberaba foi a **boca do sertão**, o caminho certo para qualquer ida a Mato Grosso e Goiás, e todo o Triângulo Mineiro. Com o tempo, fomos perdendo este privilégio que a geografia nos deu. Que então não continuemos a perder a riqueza persistente de nossa própria feição formada e caracterizada a custo de boa mão-de-obra e de uma fase econômica mais solidária (in **Jornal da Manhã**, 05.09.76).

UM TEMPO NA ARTUR MACHADO

Todas as cidades brasileiras nascem normalmente à frente de uma igreja, ou de uma casa. No primeiro caso, dá-se a formação de uma pequena praça. No segundo caso, uma ruela se forma, disforme e sem rumo marcado. Em todos os dois casos, uma linha de rua vai surgindo, e seguindo a nenhum traçado premeditado. A rua vai ser de acordo com o construção das casas. Nos tempos coloniais, estas iam surgindo invariavelmente com casas umas grudadas às outras.

Nessa rua primeira ficam todos os comerciantes da vila em formação: a loja de tecidos, a farmácia, o ramazém grande, a padaria.

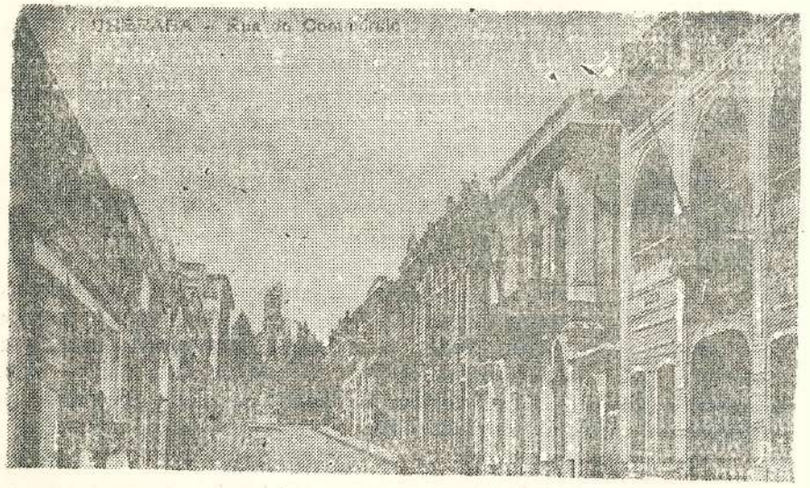
Por isso, a rua primeira é chamada sempre de Rua do Comércio. E em qualquer cidade mediana brasileira, ainda hoje, se você chegar e perguntar onde é a Rua do Comércio, todos lhe indicarão a rua mais antiga da cidade. E' ainda esta rua o tronco da cidade, dela partindo, numa atitude patriarcal, as ruelas secundárias e outras praças menores.

Uberaba, de formação no início do século passado, não fugiu à regra. Nascida da Notre Dame de Paris (um sobrado antigo construído nos moldes coloniais, hoje totalmente reformado e descaracterizado), a Rua do Comércio ainda é a cognominação mais comum e usual.

Portanto, o nome de **Rua do Comércio** tem toda uma razão de ser um nome que parte de características próprias de sua atividade, no caso, o comércio. Por isso, os nomes antigos das ruas não devem mudar, por motivos imperiosos nem por motivos quaisquer. Os nomes antigos, conservados no seu original, são por si

só, documentação histórica, coerência com o passado, e até mesmo turismo.

Nos antigos postais requintados e bem acabados de **Gabriel Toti** (estes, ao que parece, infelizmente condenados ao fogo...) e nos postais de **Marcelino Guimarães** até 1973. Seu Benzinho Guimarães ainda mantinha, apesar do desuso, a sua loja de fotos antigas, cartões postais de Uberaba, deliciosíssimos cartões postais — de festas — vindos de França e Itália, com belíssimas mulheres coloridas, crianças em palacetes italianos ladeadas por cães peludos...) vemos riqueza e o requinte da arquitetura urbana da Uberaba antiga. E nestes termos, a arquitetura urbana de Uberaba parece deixar muito a desejar, tanto sob o aspecto formal quanto sob o aspecto de atualização dos estilos vigentes nos grandes centros.



O início do século na Rua do Comércio, atual Artur Machado

Nos anos 20, por exemplo, o primeiro quarteirão da Rua do Comércio, era todo um bloco uniforme de sobradões que obedeciam aos diversos estilos internacionais de construções. E esses estilos iam dede o colonial (talvez esta tenha sido o melhor exemplo de colonial em Uberaba) da Notre Dame de Paris — antiga residência de Antônio Borges Sampaio, um dos homens mais importantes da história de Uberaba — até os estilos neo-clássico e eclético. Talvez tenha sido esta, a maior perda para a arquitetura uberabense. Todo o quarteirão foi demolido, ficando apenas um único prédio, o sobrado onde foi a famosa Relojoaria Raul Terra. Hoje, a falta de gosto e o improviso, tomaram conta deste quarteirão primeiro.

Numa rápida retrospectiva de memória, lugares importantes na vida da cidade nos fazem remoer o tempo e reerguer com gosto e até mesmo ironia, esses mesmos lugares. O Bar Marabá, por exemplo, na confluência da Rua do Comércio com a Av. Leopoldino de Oliveira. Este, certamente, foi em todos os tempos o bar com todas as nossas características mais peculiares. Alí se reuniam os fazendeiros falantes, rechonchudos, no máximo do rompante.

Em plena época do zebu, este bar foi uma das páginas mais ilustrtativas da criação e desenvolvimento desta raça de gado vinda das Índias para o Triângulo Mineiro. O zebu. Durante vários anos este bar pertenceu a Renato Frateschi.

Nesta faixa — entre o saudosismo e a ironia — mil e uma casas comerciais nos vem à lembrança: A **Linde**, por exemplo, do Sr. Pedrinho. Alí, em plenos anos 50, quando James Dean era copiado pelos rapazes uberabenses, logo após a sessão das 7, do Cine Metrópole, o footing dos adolescentes arrematava-se. E o machismo ilimitado do astro norte americano, era quebrado com o costume de então tomar sorvete com coca cola (esta, luxo da época). Maria, a garçonete, é figura lembrada ainda hoje por todos os que frequentaram a Linde. Neste bar de adolescentes, na plataforma superior, um conjunto musical animava o papo bastante inocente dos jovens tomadores de sorvete.

... **A esquina do barulho,** nome até hoje dado ao confronto da Rua do Comércio mais a Leopoldino de Oliveira, quando os primeiros carros mais velozes já começaram a fazer um certo movimento, que para a época já era o cúmulo da barulheira. Na esquina do barulho, a **Banca do Wilmondes**, que tinha suas prateleiras repletas de gibis (tão proibidos pelos pais de então). No balcão, uma figura feminina notável pelo seu tipo humano, sua popularidade no rádio: **Lídia Varanda.**

Lojas Americanas, da família Santos Anjo, era outra casa de nome e renome da esquina do barulho. Ali, talvez as primeiras empregadas uniformizadas uma moda nova até então.

Impossível, em rápidas linhas falar sobre as ocorrências típicas do **Bilhar Atlântico**, um dos bares mais incrementados na época, que reunia todo o famoso **mundo vadio** da cidade.

O **Armazém do Bolão** (Rafael Angotti), que na imaginação da infância da gente, o nome dele, dava azas a criação de uma figura fantástica.

Todo o mundo mundano/humano reunido no **Bar Eldorado**, daria por certo um romance ou conto do gosto mais pesquisado de um **João Antônio** (autor do famoso livro de contos "Malague-Rerus Baganaço" e "Leão de Chácara".)

Havaí Café, Eldorado, Casas Bertholdi (esta, casa de caça e pesca, uma das mais antigas e continha em si o melhor mis-en-scene de um Gabriel Garcia Marquez). Ainda na **esquina do barulho**, fica para os estudantes da Faculdade de Direito dos dias atuais, uma lição marcante. Ali, sobre os cartórios do 2º Ofício, ficava o DALO, centro acadêmico dos estudantes de Direito Na época , frequentar o DALO, só moças de fama duvidosa. Os primeiros rapazes que se aventuravam no caminho ainda pouco trilhado dos alucinógenos. O DALO era então, o **avant-garde** da época, o que vem em contradição, se bem que era um fator positivo, à quietude e bem comportância dos alunos de Direito de hoje em dia

Neste brevíssimo relato da Rua do Comércio antiga, totalmente incompleto, tá na cara, quero apenas chamar a atenção sobre o que se deve preservar de valor arquitetônico da história da cidade de Uberaba. E se tem uma cidade que tem muito para resguardar da destruição do falso modernismo. (in **Jornal da Manhã, 21.09.75**).

SANTO ANTÔNIO DE UBERABA

Neste tempo em que o único ideal deve ser o da industrialização — forçosamente ou não, — da cidade de Uberaba, coincide justamente, com o tempo em que não se pensa e não se atua no sentido de querer e dever defender um patrimônio riquíssimo do passado que se encontra maltratado, em vias de desaparecimento, ou já destruído.

Logo agora que a memória de nossa história, de nossa arte, de nossa cultura vai se perdendo, vai se escoando, com as dificuldades e ineficácias do ensino escolar, com a indiferença de órgãos públicos, e a ignorância de famílias e órgãos responsáveis, eis senão que, eu me deparo com a imagem de Santo Antônio, a mais antiga obra sacra de Uberaba, que pertenceu a seus fundadores, desde o mais remoto tempo da fundação de nossa cidade. E emoção é o que menos senti. Fiquei, foi consternado com a indiferença com que órgãos públicos deixam objetos como este escaparem assim de qualquer maneira. E' a obrigação necessária de mostrar o objeto e reclamar a sua devida colocação no seio da nossa comunidade. Eu sei e sinto que muita gente não liga pra isso. Acha uma besteira eu andar falando dessas coisas, aqui. Mas, felizmente, eu sei que esta imagem ressurge no momento exato e necessário, em que o pensamento de todos está voltado para a política e a administração. E, é dentro deste contexto que esta escultura barroca do mais importante significado histórico para nós, deve ser inserida Porque, as atitudes de preservação do nosso rico patrimônio cultural e artístico, está nas mãos destes mesmos órgãos públicos e políticos.

Inegavelmente, esta imagem de Santo Antônio, que deu nome à própria cidade de Uberaba (cidade de São Sebastião e Santo Antônio de Uberaba), é o mais antigo documento-monumento da fundação da cidade. Remonta aos tempos das Entradas

e Bandeiras, do momento de bravura do homem na sua saga, na sua sede pela conquista e posse de terras desconhecidas e mesmo ignoradas. Desnecessário frisar mais a importância desta obra de arte.

Eu disse a princípio, que esta imagem foi redescoberta. E não minto. Em 1936, o historiador Hildebrando Pontes, a reconheceu como a imagem do tempo da fundação da cidade. Isto me comprovam, com fotos, os jornais da época. E acredito, tinha o nosso historiador bases e conhecimentos necessários para fazer tal afirmativa. Em 1956 quando Uberaba comemorava o seu Primeiro Centenário esta imagem foi um dos objetos de maior apreciação, numa exposição organizada então pelo Sr. Erwin Puhler. Quer dizer, que já tinham conhecimento do valor da coisa! E com o fim desta mesma mostra, felizmente a imagem veneranda retornou ao lugar donde veio: uma residência da família Melo Oliveira. Como facilmente se esquecem das coisas de importância histórica, a imagem do santo casamenteiro caiu no esquecimento de todos e se perdeu nesta inconcebível falta de memória.

"Em 31 de fevereiro de 1811 obtiveram o mesmo Sargento-Mór Eustáquio e outros, Provisão da Mesa da Consciência e Ordem para erigirem uma capela com o orago da Senhora do Monte do Carmo; mas até o presente não levaram à prática sua pretensão, sem dúvida porque a povoação do lugar, onde querem erigir a referida capela, ainda hoje é mui pouco considerável. Em 1812 se levantou no sítio chamado Lajeado uma pequena casa de oração, onde se colocaram Santo Antônio e São Sebastião; celebrou ali por pouco tempo os Santos Mistérios com autoridade do Reverendo Antônio José Tavares, vigário do Desemboque, o Padre José de Morais e depois, se transferiu por comodidade para a margem do rio Uberaba, junto à estrada de Goiás, onde está hoje formado o arraial". (Vigário Silva, História Topográfica da Freguesia do Uberaba — vulgo Farinha Podre, Caderno da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, nº 10). Segundo Arnaldo Rosa Prata, em nota preliminar do citado volume, esta história de Vigário Silva deve ter sido escrita entre 1824 a 1826.

EXISTE NA CIDADE UMA RELÍQUIA QUE ACOMPANHOU O CRESCIMENTO DE UBERABA CENTENÁRIA

"Imagem de Santo Antônio, que pertenceu à família de Major Eustáquio, foi venerada, em 1812, na "Capelinha do Lajeado" —. Desconhecida a origem da imagem segundo o historiador Vigário Silva".

No jornal "Correio Católico", 5 de abril de 1956, em artigo não assinado, encontramos alguns dados importantes e informativos a respeito desta importante imagem de Santo Antônio.

Diz o comentarista, entre outras coisas sobre a imagem: "José Francisco de Azevedo, lavrador e rábula, cessionário da fazenda "Lajeado", que posteriormente se denominou dos "Ribeiros", aí fundara, com outros, em 1809, o arraial da Farinha Podre, geralmente conhecido por "Arraial da Capelinha do Lajeado", situado a 15 quilômetros a leste de Uberaba. Por serem de pequeno porte, as imagens foram substituídas por outras maiores ficando, desde então, que se sabe, uma delas — a de Santo Antônio — em poder do alferes Silvestre da Silva, irmão do Major Eustáquio, fundador de Uberaba. Por morte do alferes Silvestre, a imagem passou a ser propriedade de seu filho, o alferes José Marinho de Oliveira Ramos — mais conhecido, na época por Maranhão — casado que foi com Dª Dorcelina Maria da Conceição (a Doce, em família). Sucedeu na preciosa posse o Capitão João Marinho de Oliveira Ramos, filho deste casal. Logo após, a imagem foi para as mãos da filha de João Marinho, Maria Cândida de Oliveira (conforme os dados), esposa do Coronel José Sebastião de Melo. Hoje, a imagem pertence a Cândida Maria de Oliveira Melo e aos filhos do casal José Sebastião de Melo.

Não se sabe a origem dessa imagem, porém é lícito conjeturar que, sendo José Francisco de Azevedo, natural de Minas, o principal fundador da Capelinha do Lajeado, a ele deve caber a autoria da aquisição da mesma. Mas, de onde teria ela vindo? Do Desemboque, metrópole que então era da região que é hoje o Triângulo? Não. Porque alí não havia escultores".

Vimos que esta estátua já foi estudada antes. E o problema de sua origem se mantém até os dias de hoje.

Na Rua Major Eustáquio, na residência dos descendentes do Major Eustáquio (descendentes diretos de seu irmão), dentro daquela simplicidade e franquesa tão típicas das casas brasileiras antigas, entre algumas gravuras do século XIX, retratos de familiares nas paredes, as donas da imagem de Santo Antônio, são as filhas de Cândida Maria de Oliveira Melo.

Cândida Maria (Candoca), já falecida, tem um belíssimo retrato seu pendurado numa das paredes ao lado do também falecido marido. Dizendo já ter possuído vários objetos do Major Eustáquio — o último deles, perdido, foi um coité — as filhas da tia Candoca, se declararam devotas de Santo Antônio, e conservam a

imagem histórica com a mesma naturalidade com que preservam os demais objetos da casa. Elas me emprestam a estátua barroca, para eu levá-la ao fotógrafo do jornal. A imagem caminha ao meu lado. Tem 33 cm. c/o esplendor e 28 cm. sem o mesmo. E' bela. O panejamento do santo é rico com os volteios tão típicos do estilo barroco. A figura do Menino Jesus que Santo Antônio sustenta nos braços, parece ser feita no mesmo bloco de madeira em que foi talhado o santo. Está completa. Não lhe falta nada. E o resplendor de prata, que encima a cabeça do protetor da cidade, brilha na sua nobreza e na sua riqueza de lei.

Talvez, quem sabe se um dia a igreja de Santa Rita for restaurada, essa imagem de Santo Antônio, tão anterior a Santa Rita, possa nesse templo fixar-se, para o culto dos devotos, e principalmente, para a contemplação do pequeno monumento histórico.

Resta dizer que a estátua deve ser restaurada — por um especialista — claro, pois, nota-se facilmente em algumas partes, que a tinta marrom que a cobre, tem, debaixo de si, uma riquíssima pintura em ouro, que deve ser descoberta debaixo da tinta já enfraquecida. (in **Jornal da Manhã**, 17.10.76).

AS MANGAS
PRESENTE UBERABENSE

A MANGA SABINA

Manga na beira da árvore
Manga beirando a ave
Manga na beira
Mangabeira
Manga.

Furrecas xeretas e fordecos fortes
Encravados, destampam a chupar manga
O "piriri" espreita de tocaia...

A estilingue se extinguindo
Se esticando:
A manga ameaça o tombo,
Enche um jacá de manga.

Pregos pregam pálidas tábuas de pinho.
Taxas cambiais embalam meus sonhos.
O cargueiro passa: toca o bonde e a carga.

Manga: Ponto-Porto de partida. Que me importa:
Meu coração se exporta!

Mangabeira?
Uiiiiiiiiii! Uiiiiiiii!
Manga? Oui! Oui!

Monsieur?

As mangas viajam
Na beira da estrada de terra.
Deixam mangabas atrás.
Estação primeira de mangabeira
Estação de manga-à-beira
Estação certeira da manga
Estão certos da manga
Estes cestos de manga.

Uberaba empencadinha de manga
Mangueiraba — manguraba
Manga verde, colerina; Madura anilina

Tidas por todos
E por um:
Manga comum

Manga comprada
Manga dada
Manga espada

Manga Bourbon
E os Orleans de Bragança?
Manga Bourbon
Que bom!

O trem pita e apita
A mojiana solta fumaça
Ao lado abunda a pita
Na trempe, batata doce assa
Uiiiiiiiii! Uiiiiiiiii!

Acode/sacode todo mundo
Francisco dá o sinal
Do sertão ao pantanal
Engradada embarca a manga
Vai, que nem animal

Passa Delta, Passa usina
Passa ponte de pinguela
Uma cara assassina
Uma rapariga banguela
Fenemê, bererê, cateretê.
Fenemê, bererê, cateretê.
Fenemê, bererê, cateretê.

Passa uma freira manca
Passa mula sem cabeça
Passa um zebu pampa
Montado por uma condessa
Mata-burro que num mata
Boi sonso que num ata (nem desata)
Faca cega que num capa
Manga verde, num descasca.

Oi, manga, oi
Coração de boi,
E o da gente?

No vão ôco
Da boca:
Manga coco

Rosa chupa docemente
Uma quente manga:
Manga rosa
E a manga azul?

Uiiiiiiiii! Uiiiiiiiiii!

Lá vai a manga
Sabina/Sabida

AS SABINAS

O nome da quinta avança
Na cabeça, na vontade de furtar:
Chácara da Boa Esperança.
Cachorro solto pega mosca no ar
Leão de pedra fica preso no pilar
Espingarda de chumbo cochila
Gatilho armado e mochila
Chegam moleques levados da breca
Feito os sapos, pererecas.
Pé no chão. Pé no chão. Pé no chão.
Algibeira vazia. Sacola de escola
Quepes.
Lá dentro Crispim Tavares
Faz tertúlia ao Conde D'Eu.
A farpa do arame rasga a camisa
Arranha a carne. As sabinas

Se pintam delicadas. O bico doce
Feito seio. Os adolescentes adoçam
Os beiços novos. Entopem os bolsos
As bocas, os braços de sabinas raptadas.

Manga verde, colerina
Manga madura, anilina.

Certamente o mais típico, e o mais simpático dos costumes uberabenses foi até um bocado de tempo atrás, o de presentear com mangas os amigos distantes. Substituída hoje em dia pela gentileza de dar doce de leite e queijo mineiro — inclusive aos donos de programa de TV — a manga foi, num passado bem recente, a fruta adequada para se agradar aos amigos. Uberaba foi marcadamente o centro produtor da manga, no Brasil Central. A ponto de aqui mesmo surgirem algumas variedades importantes desta fruta tão gostosa, como a manga uberaba, a manga prata, a manga ribeira e finalmente, a mais apreciada de todas as mangas, a manga sabina. E era esta última que fazia o nome e o sucesso nosso lá fora. Como ainda faz.

Somente um consumidor comum e anônimo pode hoje em dia preferir uma manga nova, sem fiapos (mesmo sem os fiapos) à manga sabina. Quem tem paladar, não aceita nunca outra manga no lugar da sabina. "As linhas, a gente tira com toalha, nunca com palito ou fio dental", afirma o Dr. Alfredo Sabino de Freitas, ao repórter. Filho do mais importante exportador de manga, Sabino, lembra o trabalho do pai, Fernando Sabino de Freitas (1889-1967), um dos mais importantes comerciantes de Uberaba. Foi o conhecido Fernando Sabino quem iniciou o comércio de exportação de mangas para São Paulo e Rio. Em épocas de safra da fruta, ele colocava anúncios no "Estadão" e nos jornais locais. Os interessados lhe encomendavam tantas centenas de manga e ele as despachava. Os uberabenses o encarregavam de enviá-las às cidades distantes. Quando a manga sabina se esgotava, Fernando Sabino. enviava manga bourbon, a segunda mais aceita na época. Isto faz muito tempo. "Meu pai trabalhou uns 30 anos no comércio de manga. Até a data dele morrer", afirma Dr. Alfredo Sabino.

NOMES E CHÁCARAS E ANTIGAMENTE

Três chácaras fixadas perto da cidade foram as responsáveis pela grande produção de manga em Uberaba. A chácara de Alexandre Barbosa, onde fica hoje a Avenida com o dito nome, (a mais importante de todas, referindo-se ao plantio de mangas) no Alto das Mercês; a chácara de José Benedito da Silva Campos, no Parque das Américas; e a chácara Boa Esperança, de Crispiniano Tavares, no Alto dos Estados Unidos. Justamente com o progresso da cidade, a necessidade de loteamentos que deram fim à essas excelentes e bem cuidadas plantações dessa fruta tropical. Um produto que havia sido explorado comercialmente em décadas passadas (em 1953, em publicação feita pela Prefeitura Municipal de Uberaba. "Atualidades de Uberaba", entre as culturas permanentes da cidade, a manga é uma das duas frutas citadas, ao lado da laranja, e sua produção era de 78.000 centos, num valor em cruzeiros de Cr$ 3.510.000,00; já em 64, a manga não é mais incluída nos dados da Prefeitura) encontra-se hoje esquecida, desusada comercialmente e o que é pior, danificada. Praticamente toda manga adquirida hoje em Uberaba, está estragada. O desleixo e a falta de interesse de vários, (autoridades etc.), relegaram (por total falta de cultura e de percepção comercial) a manga sabina.

Já na década de 30, os agrônomos da cidade debatiam na imprensa o problema da falta de apoio que a manga uberabense vinha sofrendo. A revista "A Rural", vol. 1 nº 4 (ano 1º); Uberaba, janeiro de 1934, traz artigo de seu editor-diretor: Engº. Agrônomo José Maria dos Reis , intitulado "As Mangas de Uberaba", reclama:

"Infelizmente, porém, vai este nosso explêndido artigo, a manga, de exportação para São Paulo e Rio se amesquinhando e perdendo o conceito que já vinha ganhando nesse bons mercados devido à maneira por que se faz essa exportação .

Os exploradores desse artigo, que compram de primeira mão aqui, para revendê-lo adiante, não têm o menor cuidado na sua embalagem, e, devido a essa embalagem, chega a saborosa manga "Sabina", que é realmente uma delícia, para os paladares mais exigentes, ao seu destino, completamente deteriorada e modificada no seu paladar, pelo amadurecimento forçado a que fica sujeita.

Há pouco tempo, pelas nossas colunas, fizemos um apelo aos pomicultores uberabenses, e extensivo ao público, no sentido de se por um paradeiro, ao descrédito de nossa manga, concitando aqueles a se agremiarem numa cooperativa, para evitar-se o intercâmbio danoso, a este para cogitar de medidas que regularizam a maneira de se exportar a fruta, cuidando-se melhor da sua embalagem. Nada, porém, resultou".

AS QUALIDADES

Manga sabina (que tem este nome devido às excelentes mangas plantadas no quintal de uma certa preta ex-escrava de nome Sabina; todos diziam: "Vamos buscar manga lá na Sabina" e pegou. Aquelas mangas saborosas ficaram com o nome da preta), manga comum, ou mais conhecidas como chico prata, dono da fazenda onde hoje é a chácara Boa Esperança, no Alto dos Estados Unidos; manga espada, manga bourbon (que segundo a tradição conta, seu bico adunco se parece com o perfil, ou mais precisamente com o nariz da família Bourbon); manga coquinho, manga uberaba, manga ribeira, manga itamaracá (originária da ilha de Maracá, Bahia). Estas são as mangas mais comumente encontradas em Uberaba.

INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM

Uberaba, desde seu início é urbana e paisagisticamente integrada por densos mangueirais. E eles são, ao mesmo tempo o mais belo e mais importante elemento de integração paisagística que a cidade tem. Seus volumes verde escuro, arredondados, compõem com o vermelho amarronzado e geométrico dos telhados a nossa mais típica paisagem. Assim, o verde e o vermelho, distribuídos sobre os morros uberabenses, como uma cidade européia, o cenário coerente, humano, esteticamente perfeito da nossa Uberaba, digno do melhor Cezanne. A recente desvalorização das mangas (sob o aspecto comericial de exploração de nossas frutas, principalmente as sabinas) e das mangueiras (sob o aspecto estético) só nos leva a perder. Uma tomada de conscientização em relação aos nossos valores tradicionais e radicalmente integrados na nossa paisagem urbana, como a mangueira e a manga, nos levará e nos legará de novo uma reconciliação econômico/estética, tão necessária ao nosso desenvolvimento comunitário e ao equilíbrio visual do cenário urbano. (JM 30.11.75).

O CINEMATÓGRAFO REVISITADO

O dia era sábado e o calendário marcava 10 de abril de 1914. O cartaz anunciava a apresentação do filme "Nosso Senhor Jesus Christo". A primeira sessão começaria às 6 e meia da tarde.

AS PRIMEIRAS SESSÕES DE CINEMA

A situação do cinema, hoje, parece perigar cada dia mais. Constantemente a imprensa mundial proclama as derradeiras sessões. Retocando a maquiage diante do espelho de sua história e de sua situação, o cinema se auto-analisa. Sem medo. Auto-crítico. E surge um filme de efeito psicanalítico como "A Última Sessão de Cinema" onde o próprio título funciona como alarme.

Mas, a Sétima Arte já teve sérias ameaças de morte. Talvez não ameaças tão verdadeiras e profundas, como as enviadas pela televisão, agora na sua época de maior penetração dentro dos lares. Na imprensa uberabense, década de 20, encontramos o seguinte artigo, não assinado, sob título terrivelmente ameaçador:

"O CINEMA ESTÁ AMEAÇADO DE MORTE

Só não morrerá, se o mantivermos mudo.

São Paulo está, segundo noticiam os jornais paulistanos, embandeirada de arcos porque vai ser a primeira cidade da América do Sul a conhecer uma fita falante (...) O cinema falante não oferece o menor atrativo. E os mais autorizados críticos estão de acordo em que não viverá muito tempo. Se durar muito vamos ter a morte completa do cinema (...) Transformada e desvirtuada pelos microfones e auto-falantes a voz perde toda sua frescura e suavidade . A voz se vulgariza, se deprime e as sombras luminosas que eram encanto e emoção, passam a ser ridículas." (1).

Era o cinema falado que surgia no Brasil na sua primeira cópia. Sabemos que a sonorização do cinema (mixagem, música e principalmente a fala) não foi tão somente um acessório a mais nas fitas dos cinemas, até então mudas. Foi uma transformação na própria linguagem cinematográfica. E foi para certos tipos de cineastas, caso típico do genial Chaplin, e certos tipos de platéia, uma transformação radical, total.

Hoje, a eclosão da televisão (sua penetração no âmago dos lares e sua acentuada estatização) gerou o grande impasse para o cinema. Dos anos 50 para cá — quando a televisão principiou sua difusão decisiva no mundo — o cinema vem sentindo seus próprios baques. Agora, sabendo de sua situação perigosa, ele continua, apesar de tudo, produzindo muito. Produzindo mesmo grandes obras primas. Obras de arte, que são as verdadeiras funções dele. Subdividindo suas salas de exibição, para não fechar suas portas. Tristemente, o cinema vê a infidelidade de seus fãs ao preferirem permanecer normalmente entregues aos sofás caseiros diante de um tubo de tevê... Esse dominio público da televisão — aliás, essa submissão do próprio ser humano à TV — já foi apregoado com amargura pelo excelente filme "Farenheit 451" do François Truffaut, numa demonstração mórbida da estatização deste veículo de comunicação que entra dentro de casa, sem bater nem limpar os pés. O que era ficção no enredo do filme vai se tornando realidade.

O CINEMATHOGRAPHO NA PRINCESA DO SERTÃO

Na história das artes do Século XX, o cinema e a História em Quadrinho são as manifestações artísticas por excelência deste século. Sendo ainda manifestações que se operam no seio da humanidade, essas duas manifestações artísticas ainda não foram estudadas devidamente, por motivos óbvios. Mas, qualquer levantamento que se faça no sentido de documentar e preservar estas artes, tem valor interessado.

A notícia mais antiga que encontrei sobre o cinema, em Uberaba, data de 1908:

"Segundo boas informações que espontaneamente nos foram dadas, sabemos que sábado próximo deverá estrear-se no Teatro São Luís uma excelente empresa cinematográfica, dirigida pelo sr. José Pires Monteiro, empresário do teatro S. Clara de Franca." (2).

Esta companhia cinematográfica se denominou "Empresa

Cinematográfica Francana", e foi responsável pela exibição de filmes no Cine Teatro São Luís durante determinado período de tempo.

CINEMA TRIÂNGULO

"E' com este soberbo e surpreendente programa que funcionará hoje o cinemathographo que tanta vida dá a rua do Commércio, recreio de nossa sociedade:

"Os Esquimós da Sibéria", fita natural de Pathé;

"Ingenuidade", delicada comédia de Vitagraphi;

"Romance de Um Rei", majestoso drama de Ambrósio, em quatro longos actos." (3).

Esse cinema chic tem cumprido à risca, perante o público, a sua promessa de só exibir programas sensacionais." (4).

"Depois de uma parada de dois meses, reabre-se o Cine Triângulo. Essa tradicional casa de diversões que guarda tantas lembranças de nossa sociedade elegante, volta a cintilar na Rua do Commércio." (5).

A partir de 1925 — do final do ano — parece ter encerrado suas atividades, o Cine Triângulo, pois, não mais encontramos referências e reclames seus na imprensa local.

POLYTHEAMA

Já então apesar de sua vida breve, era querido do povo (e foi dos cinemas que mais se perpetuou na memória popular), o Cine Politeama, localizado na Rua Cel. Manuel Borges, onde funciona hoje o bilhar "Manogra". Sua fachada, ainda conservada, é dos únicos e últimos redutos da belle-èpoque.

"Nesta casa de diversões será focalizado hoje um film de grande arte e encenação intitulado — Sangue de Cubana, ou O General Garcia. E' um desenvolvido drama literário, versando sobre a revolução das Antilhas, quando estas, graças a benéfica intervenção da América do Norte se emanciparam do jugo e da inominável tirania espanhola, de outros tempos!" (6).

CINEMA - TEATRO - ÓPERA - CIRCO - MÚSICA - MÁGICA

Cinema, nesta época, era pau-de-toda-obra. Era comum se dizer então cine-teatro. Essas duas formas de arte viviam juntas, vivendo o mesmo gosto, ou falta de gosto, de época. Nos cine-teatros se exibiam de tudo: recitais de poesias, dramas, tertúlias literárias, conferências (Coelho Neto fez uma conferência no Politeama, cujo tema era "O Espelho"), recitais de música erudita, apresentação de mágicos, videntes e hipnotismo, óperas e oradores):

"Quando nossa folha entrava para o prelo, o Polytheama recebia o que a nossa sociedade tem de mais selecto para ouvir a exímia violinista Jesephina Robledo." (7).

"Ramon Navarro — o ídolo dos ídolos.
Na próxima produção "Ro-man-ce"
Se Ramon Navarro foi grande em "Scaramouche", formidável em "Ben Hur", maravilhoso em "Príncipe Estudante", maior ainda ele é nos papéis favoritos..." (8).

ALHAMBRA

A 13 de outubro de 1928 inaugurava-se o Cine Alhambra, na Rua Artur Machado. Ao mesmo tempo, parece ter sido o fim do Cinema Politeama:

"É hoje a inauguração da elegante boite da Rua Artur Machado. Um salão que honra a cidade. Tudo novo, chic e confortável".

"Em prédio admiravelmente adaptado, com todos os requisitos exigidos pela higiene moderna e pelo bom gosto, inaugurar-se-á hoje o Alhambra, libertando o povo daquele monstrengo anti-higiênico e inestético que era o Politeama. E' centro de diversões à altura do nosso progresso, da nossa civilização e da nossa cultura.

Na estréia, "A Noite de Amor", com Wilma Bonky e Donald Colman." (9).

O Alhambra se inaugurava com rompante, gabando suas qualidades de conforto, sua aparelhagem "custosa", 12 contos de réis, marca Krupp — Erneman, movida à eletricidade e ainda, à prova de fogo.

CINE SÃO JOSÉ, OU O POEIRA

No mesmo ano de 1929, e pertencendo à mesma Cia. de Damiani e Bossini, surge o Cine São José, mais conhecido como Cine Poeira. Com este apelido. o povo ironizava as instalações do cinema do Alto dos Estados Unidos, instalado na Rua Pires de Campos

Neste mesmo ano, um dos filmes mais comentados se exibia nos dois cinemas, Alhambra e São José, ao mesmo tempo:

"Metropolis", arrojada super-produção-gigante da UFA considerado com razão o melhor filme do mundo".

O cinema brasileiro, já produzia muito nessa época. No entanto, era pouco exibido. Sinal de que as coisas mudaram muito pouco nesse país. Pois só recentemente, com a obrigatoriedade imposta pelo Governo, é que o cinema brasileiro passou a ser exibido no Brasil com certa regularidade. E o grande sucesso de bilheteria do cinema brasileiro dos anos 20/30 foi "O Crime da Mala'.:

"Uma obra prima da cinematográfica nacional".

O CRIME DA MALA

"Continua um verdadeiro acontecimento a exibição do filme "O Crime da Mala" na cidade de Uberaba. O Alhambra, elegantíssimo teatro da Rua Artur Machado e o São José, magnífica casa do Alto dos Estados Unidos projetam simultaneamente o maravilhoso filme..." (10).

CINE CAPITÓLIO

Um dos mais queridos do público uberabense, foi o Cine Royal, construído na então Praça do Grupo (Comendador Quintino). Concorrido pelos seus vesperais, seus seriados e fechado, nunca por falta de público, nos anos 60, o Royal deixou uma lacuna não muito explicada nas nossas praças de diversões públicas.

Cine Royal substituía então o Cine Capitólio, também de Damiani, Bossini e Cia. A fundação do Cine Capitólio se deu num sábado. Onze de maio de 1925, com um programa duplo, como se usava então. Dia de espetáculo, no palco e na tela:

"Inauguração do "Cine-Teatro Capyttolio" com grandioso programa em homenagem ao centenário de José de Alencar e ao "América" de Belo Horizonte. Na tela, "Escravos do Volga". No

Palco: "O Guarany" será cantado um ato inteiro dessa ópera do imortal Carlos Gomes, pelos famosos duetistas líricos Suzett e Alex, de fama mundial. Guarda roupa e cenários a caráter". (11).

O fechamento do Cine Royal, em 1960, não coincide com essa fase atual e difícil para as casas de cinema.

Todos os cinemas citados por esta reportagem já não existem mais. A não ser na memória do povo e em registros esparsos. Exceção para o Cine São Luís, em reforma, que voltará a funcionar modernizado.

Com a história do Cinema Brasileiro ainda tão incompleta, os levantamentos por parte e setores, da manifestação desta arte interessa não somente ao cinema mundial. Continuaremos, na próxima reportagem a abordagem do tema fixado na memória do povo.

1) — Jornal "Lavoura e Comércio", 05.05.1929.
2) — idem, 03.09.1908.
3) — idem, coluna "Festas e Diversões", 1914.
4) — idem, 1925.
5) — idem, 31.08.1924.
6) — idem, 11.07.1918.
7) — idem, 13.04.1919.
8) — idem,
9) — idem,
10) — Idem.
11) — idem.

DE UMA ANTIGA FOTOGRAFIA:

Músicos uberabenses que animaram as cenas mudas do cinema: da esquerda para a direita, em pé: Andrelino Nogueira, Benedito Nascimento. Tenente Erotildes, os três seguintes não identificados, Antônio Savastano (Minúsculo), Tifú (Emmanuel da Conceição), Januário Felice e Santino Frateschi, Assentados, no mesmo sentido: João Vilaça Jr., Alberto Frateschi, Renato Frateschi, Francisco Bernardes (?), chamado Titilo e o último não identificado.

Desde o ano de 1894 os irmãos Louis e Auguste Lumière vinham trabalhando secretamente, junto à fábrica de propriedade do pai, em Lyon, tentando aperfeiçoar o cinestocópio de Edson. A 13 de fevereiro de 1895 patenteiam um aparelho "destinado à obtenção e verificação de experiências cronofotográficas", batizado de cinematógrafo, por Léon Bouly. A primeira sessão cinematográfica ocorreu a 22 de março de 1895 na Societé d'Enciurafement à l'Industrie Nationale e o único filme apresentado foi "Sortie des Usines Lumière à Lyon".

"O que era o cinema no seu início? Uma espécie de pequeno espetáculo projetado durante poucos minutos nos cafés, num canto de boulevard, nas quermesses.... E as pessoas que iam ver esta feira especial eram ricas, gente da burguesia, da grande burguesia, iam também as amas com bebês, as governantas, as criadas, os soldados, etc. Bem, o que iam eles ver? O que eles viam era o cinema que nascia, o cinema a zero, uma coisa que não era nada e que se tornou algo absolutamente fantástico. (...) Na realidade, o cinema foi, de 1900 a 1929, uma coisa fabulosa, uma espécie de epopéia, a descoberta de uma linguagem. A cada três anos a arte cinematográfica avançava por saltos a cada 3 anos o público seguia esse avanço, e em 1929 o público havia chegado a uma tal sensibilidade, a um tal conhecimento da arte cinematográfica que nas salas de bairro se aplaudiam os filmes que hoje nós aplaudimos nos cineclubes" (Henri Langlois, criador e diretor da Cinemateca Francesa durante quarenta anos, onde, dizem conter cerca de 60.000 filmes do mundo todo, sendo a mais importante cinemateca do universo).

A MEMÓRIA DO POVO E SEU DEPOIMENTO

Depois de pesquisar pelos arquivos, o repórter procura na memória viva do povo. Muita coisa esquecida, perdida para sempre, se revela, se destampa no meio dos "bate-papos", das fotografias antigas guardadas com carinho, nos folhetos de propaganda resguardados com cuidado.

Eis os depoimentos:

O OPERADOR DE OLHO VIVO

Sobre as colunas neo-clássicas, dentro do triângulo que decora a fachada do prédio, o olho da Maçonaria espreita. Porém, nada comenta com seu olhar estático. Na Praça Comendador Quintino, na escadaria tranquila do prédio dos maçons, preto, de cabelos e

barba brancos, com 71 anos de idade. O Sr. José Pedro Machado, (aposentado por tempo de serviço passa sua vida tomando conta do prédio da Maçonaria), conta ao repórter suas experiências vividas nos primeiros anos do cinema:

"Primeiro, eu trabalhei no Politeama, ali no fundo da Padaria Brasil. E que depois virou ringue de patinação. Era espécie de circo. Coberto de folhas de zinco, arquibancada sistema de circo. Camarote de cinco cadeiras de palhinha, emendadas por ripas. No início da sessão nós tínhamos que molhar a tela, para aparecer melhor a imagem. A tela era ao contrário. Era de trás dela que o projetor ficava. A gente molhava a tela com bambus, gomos grossos de bambus cheios de água, que a gente fazia assim, feito uma seringa de injeção, e molhava a tela, enquanto o Renato Frateschi tocava o "overture". Eu era ajudante, de operador. Esse, era o Francisco Roelos da Silva (Chico). O filme, nesse tempo, era tocado à manivela. Era tocado à carvão, que dava a claridade. Eram 8 lentes de aumento".

O terno preto e surrado não esconde a figura simples, pobre e risonha de José Pedro Machado, que ri e continua contando: "O cinema mais antigo era o Cine Teatro São Luís. Quando a arquibancada era de tábua (as tábuas da arquibancada tinham mais ou menos 1 metro de largura) davam pra sentar nelas e pra passar atrás. Era um perfeito circo. O dono do cine Politeama era o Zeca Silvério e o sócio Zico Fonseca (?). Esse, era dono do Instituto de Criança, onde hoje, é a Fazenda Modelo. Tinha o José Golacci que operava também".

A função de José Machado nestes primórdios tempos do cinema, em Uberaba, era o de faxineiro, ajudante de operador. Era ele quem distribuía os programas nas ruas da cidade (vide ilustrações da reportagem passada), cobria as goteiras do telhado com piche e retalhos de pano, "fazia bagunça na rua com reclames, as tabuletas e um porta-voz. Em cima de um caminhão alugado, fazia propaganda. Era eu quem despachava os filmes. Os filmes vinham pela Mojiana, às três horas da tarde: um faroeste, em duas partes; um seriado em quatro partes. Eu buscava os filmes numa carrocinha de mão. Tinha filme toda noite. Vinham de Ribeirão Preto. Depois, é que iam para Araguari, etc. De manhã eu despachava os filmes. De tarde, eu buscava".

A memória ajuda/não ajuda. Vai e volta. Das datas, seu José não se lembra de nenhuma, mas continua "Do Politeama fomos para o Alhambra, logo no início da Artur Machado. No Alhambra, já tinha cadeiras. Nos camarotes tinham cabides para pendurar chapéus, capas e guarda-sóis. Na frente, a orquestra, que ficava perto da tela, e havia uma grade que separava a orquestra da tela. O Renato Frateschi perguntava em quantas partes era o filme dividido, e fazia então a seleção das músicas. Quando era filme natural, jornal, tocavam uma marcha. O dono do Alhambra era o Teobaldo Bossini, violinista número 1 da orquestra. Na década de trinta inauguraram o novo Cine Teatro São Luís, que tinha queimado parcialmente quando se incendiou a Pensão Glória que era colada ao cinema. No tempo do Poeira, na Rua Pires de Campos, era eu ainda quem buscava os filmes. Bêbado que nem uma vaca, eu ia então numa bicicleta. No Capitólio, o operador era o Dante Sartino e o Vital, pai do Gari alfaiate. O Vital era o zelador. O farmacêutico, o seu Gonçalo da Farmácia Cruzeiro, me passava as cadeiras de sua casa pelo muro. O Dr. Antônio Costa também emprestava as cadeiras para o povo sentar no Capitólio. "Letrado como ele mesmo diz, "leio até castelhano", ex-aluno da escola da conhecida, nos velhos tempos, claro, Dª. Bertolina, onde se usava então três tipos de palmatória, letrado também no Grupo Brasil, seu José, depois de narrar tanta coisa importante da vida do cinema nas suas primeiras sessões, diz, estar esperando agora, "a mensagem do outro mundo, esperando a morte". E, ao dizer isto, dá uma boa gargalhada...

A MEMÓRIA MUSICAL DO CINEMA MUDO

Nos tempos do cinema mudo, era uma orquestra que animava as projeções. E procuravam, à medida do possível, acompanhar o ritmo das fitas. Foi aí que iniciou sua carreira, de modo definitivo e poético, o grande compositor da belle-époque brasileira, o genial Nazareth (1863 - 1934), tocando no Cine Odeon, do Rio de Janeiro e nas casas onde se vendiam piano, na "Cidade Maravilhosa". Em todo mundo, as sessões de cinema eram animadas por um pianista ou, uma orquestra. Em Uberaba, ficou famosa a orquestra do compositor e músico Renato Frateschi.

Segundo o também músico e compositor Alberto Frateschi, naquele tempo, regente de orquestra era chamado de "diretor de orquestra", e seu pai, Renato, foi o diretor de orquestra dos cines Politeama e Capitólio e o próprio Alberto foi o maestro da orquestra do Alhambra.

No Politeama, Teobaldo Bossini era o primeiro violinista, e foi ele quem deu as primeiras lições musicais, a "artinha" de Francisco Manoel da Silva, ao maestro Alberto Frateschi, que era também responsável, às vezes pelo piano. A orquestra era então assim constituída: piano: Alberto Frateschi; 1º violino: Teobaldo

Bossini; 2º violino: Fernando Tomé; violoncelo: Antônio Savastano; contrabaixo: Afonso Félix; flauta: João Vilaça Júnior; clarineta: Loreto Conti; piston: Erotildes Campos e trombone: Antônio Dolácio.

AO PIANO, GRAZIELA LOPES

Já um prenúncio da participação da mulher nos acontecimentos sociais do início do século. Segundo ainda Alberto Frateschi, o primeiro cinema de Uberaba, deve ter sido o "Paris Teatro", que existiu num casarão colonial, no primeiro prédio — já demolido — acima da Prefeitura Municipal, na Praça Rui Barbosa. Graziela Lopes, 93 anos, residente na Rua Ricardo Misson, bairro do Fabrício, foi das pianistas uberabenses que deu muita presença aos acontecimentos artísticos das três primeiras décadas deste século. Ela acompanhou filmes, ao piano, neste "Paris Teatro", no "Politeama", no "Alhambra", e no "Cine Triângulo" que ficava ali onde hoje é a esquina Artur Machado/Leopoldino de Oliveira. Com sua memória meio confusa. Graziela Lopes lembra que no "Paris Teatro" tocava piano ao lado de outros músicos, tais como Loreto Conti, Antenógenes Magalhães, Joaquim da Bela. O primeiro regente foi Santos do Nascimento e o segundo, Abdias Ribeiro dos Santos . Um incêndio devorou o teatro, queimando inclusive o piano de Graziela Lopes.

"PATHÉ CINEMA E "UBERABA CINEMA": A BOA MEMÓRIA DO BOM PASCHOALINI

Uma das pessoas mais conhecidas da cidade, personagem típico de nossas ruas, o bom José Paschoalini, que todos conhecem levando roupas para lavar e passar, montado numa bicicleta velha e preta. Com 83 anos de idade, ele tem uma memória viva e lúcida da Uberaba antiga. Com tipo de quem frequentou tudo o que havia na época de sua adolescência e juventude, com muita curiosidade em tudo que via, gravando na memória momentos irrecuperáveis da história de nossa cidade:

"O primeiro cinema de circuito diário, em Uberaba, foi o "Paris Teatro", montado aqui por uma empresa de Ribeirão Preto, Empresa Francisco Serrador. Me lembro que o operador era um italiano. O "Paris Teatro" durou muito pouco: só agosto e setembro de 1910. Um circuito na aparelhagem, incendiou o prédio. Lá, sempre tinha dois filmes por dia: o primeiro a ser exibido na sessão de hoje, era o segundo na exibição de amanhã. Lembro que era um quarteto de músicos que tocava lá: Graziela Lopes, Rigoleto de Martino, Antenógenes Silva e um no contrabaixo que não

me lembro mais quem era. Me lembro do "Pathé Cinema", fundado alí na Rua do Comércio,esquina com a ladeira dos Estados Unidos, lado direito de quem sobe. O "Pathé" durou apenas seis meses. Era seu empresário o Joaquim Machado Borges (Capitão). Esse cinema foi criado então na antiga casa de Antônio Sabino. Antônio Lopes era o homem da bilheteria".

"UBERABA CINEMA"

Na década de 10, tinha o "Uberaba Cinema", alí na Manuel Borges, onde é hoje a "Drogaria Triângulo", e o Ernesto Riccioppo e o Belmiro de Castro eram os donos. Lembro que o Renato Frateschi tocou muito lá. O João Vilaça também. Havia muita fita francesa nesta época".

"O BOIRÓ (?) COMEU O ALHO" FOI A COMÉDIA QUE INAUGUROU O "CINEMA TRIÂNGULO", DIZ PASCHOALINI

A memória de Paschoalini recorda o "Cinema Triângulo": "Mais ou menos em 1910 foi fundado o "Cinema Triângulo", alí onde foi o Bar Marabá. Esse cinema foi criado por Salvador Bruno. Depois passou para as mãos de Abdias Ribeiro. Aí veio o ano da Exposição de Uberaba, a melhor exposição que Uberaba já teve: 1911. O Abdias colocou então um projetor num pavilhão e projetava seus filmes na Exposição. Foi um sucesso". Correto nas suas memórias e nas suas críticas e comentários, a memória de José Paschoalini é um importante patrimônio.

"A RECREATIVA" DE ALFREDO SILVA

Um dos cinemas antigos da cidade, quase totalmente esquecido na memória do povo, devido praticamente ao seu pouco tempo de duração, foi o cinema "Recreativa", fundado por Alfredo Silva, uberabense, de 92 anos. Já nesta idade avançada, mas lúcido, Alfredo Silva relembra os tempos cheios de religiosidade de uma cidade tão voltada para os sentimentos religiosos, pois, foi dentro deste espírito de crença religiosa que o próprio cinema "Recreativa", nasceu "O meu cinema era exclusivamente religioso" nos informa Alfredo Silva, que continua: "ele nasceu e morreu em função dos religiosos, dos dominicanos, que eram então grandes amigos meus Nessa época eu era praticamente um líder. Sem muita condição financeira, mas muito influenciado pelos padres, eu fundei "Recreativa" em 1923. O cinema não durou nem um ano completo".

Em 1924, sob a mesma influência religiosa, este cinema era fechado. O "Recreativa" funcionou no antigo casarão esquina da Rua Cel. Manuel Borges e Rua Afonso Rato. Hoje o local é ocupado pela residência da viúva Pedro Salomão. Ainda segundo informações de seu fundador, o cine "Recreativa" era de boa qualidade com cadeiras para a platéia e na sua estréia foi exibido o filme "Honrarás Tua Mãe". Outros filmes exibidos no seu cinema, sempre dentro do espírito voltado para a crença religiosa: "Na Sombra da Cruz", "O Trovão". Época em que a Igreja "não permitia que houvesse um beijo nas cenas dos filmes".O cinema ainda era mudo. No piano, Alberto Frateschi regia uma orquestra composta "de professores" de música. "O maquinário, eu comprei de um "turco" de São Miguel da Bela Vista; um maquinário importado não sei de onde", termina Alfredo Silva.

Procurar a memória dos momentos cinematográficos ubera benses irremediavelmente perdida no tempo e no espaço, eis a intenção do autor desta reportagem feita em duas, e que aqui se encerra. "Com toda a deficiência de dados e informações, o trabalho vai ainda como uma colaboração para a história de uma das maiores manifestações do ser humano, em todos os tempos: o cinema.

NOTA:

A data de encerramento das funções do Cine "Royal", antigo "Capitólio", dada na primeira reportagem, me foi fornecida por elementos da "Cia Cinematográfica São Luís". Porém, numa carta a este repórter, o Sr. Hugo Rodrigues da Cunha, comenta:

"Prezado amigo Nabut,

Li hoje o seu interessantíssimo histórico sobre "as primeiras sessões de cinema", interessantíssimo como têm sido os resultados de suas pesquisas. Como colaboração dou-lhe alguns detalhes: 1) O Cine Royal foi fechado em 02.02.59, em razão da baixa frequência e desatualização do equipamento. O Cinemascope, em Uberaba (Cine Vera Cruz) inaugurado em 03.05.55, vinha exigindo telas maiores e modernização. E o Royal não tinha condições, por acanhadas dimensões e prédio alugado. Para começar, forro de madeira, inadequado para um som perfeito. Era decidir: reforma total ou fechamento. Optamos pela segunda alternativa".

COMÉRCIO & INDÚSTRIA

TEMPO DE NEGÓCIOS
O COMÉRCIO
RESUMO HISTÓRICO E CRÍTICO

AVIÃO CARRO DE BOI QUEROSENE ELETRICIDADE IMIGRANTES TRAÇÃO ANIMAL RODA D'ÁGUA TOUCINHO CERVEJARIAS CAMINHÃO TREM DE FERRO

Uberaba, na Boca do Sertão.

Situada à margem da antiga estrada de Goiás, num privilegiado lugar de onde se partia e se entrava para os sertões brutos, Uberaba era, no século passado, a última cidade, o último marco de civilização e de contato com as capitais. Fincada no costume do comércio, desde então, a cidade se estabeleceu e se desenvolveu fazendo-se marco importante, fundamental na civilização e colonização do Brasil Central.

No século passado, Uberaba funcionou como ponto de passagem obrigatória aos que penetravam os sertões de Goiás, Mato Grosso e Triângulo Mineiro. Nessa época a praça de Uberaba funcionou como comércio intermediário entre as grandes praças do Rio de Janeiro, São Paulo e Santos e as pequenas praças do sertão.

O bem próspero comércio uberabense do século passado, se assentava nas grandes firmas atacadistas, cujos donos, na maior parte, vindos da mineração, formaram a primeira burguesia local. A transação do sal (elemento primordial no comércio de então), era todo feito por via-Uberaba. O transporte era feito em carros-de-boi (excessivamente lento) e por via fluvial (mais desempedida e

funcional). Assim, o comerciante que podia ter portos fluviais (no caso, no Rio Grande); criou fortuna. Basta citar aqui o exemplo máximo, na pessoa do Barão de Ponte Alta.

No século passado, as regiões mais distantes de Uberaba eram visitadas por comerciantes ambulantes (mascates) que levavam, em tropas, as mercadorias adquiridas aqui. Em troca traziam numerosas boiadas. Eram os boiadeiros. De modo que assim havia duas classes de comerciantes, uns fixos, que tinham suas transações nesta praça, e outros ambulantes, que tinham suas operações nos sertões.

Na primeira metade do século XIX, Uberaba conheceu um intenso movimento comercial. Nesta época importamos 135 mil sacas de sal. Em 1858, a praça registrava capitais fornecidos pelos Bancos Rurais e Hipotecários.

Em 1859, com a navegação Moji-Mirim para Frutal, a ponte de Jaguara, a circulação no Rio Araguaia e a restrição de crédito, Uberaba sofreu grande abalo no seu comércio. De 135 mil sacas de sal, a nossa importação baixou para 95.000.

Em 1864, houve um rápido e breve surto de exportação do algodão. Dizia-se nas grandes praças, que o algodão aqui era tão desenvolvido, que dava em árvores. Porém, não demorou muito, as praças do litoral se tornaram auto-suficientes nesse produto.

A Guerra do Paraguai trouxe reboliço e nova efervecência ao nosso comércio. Ponto obrigatório aos pantanais mato-grossenses, Uberaba conheceu novo alento com o transporte de tropas. Nesta época, famílias ricas se transferiram das zonas de mineração (Bagagem, principalmente), trazendo novo e suculento capital.

Em 1874, a situação do nosso comércio era visivelmente boa. Ótimos armazéns de sal e molhados, de casas de varejos e, principalmente , de atacado.

Em 1886, Uberaba contava com 986 prédios e em 1890, com 1500. As casas comerciais vendiam mais de 1.700 contos.

O NOVO TRANSPORTE: O TREM-DE-FERRO DA MOJIANA, E SEUS EFEITOS

Com a vinda do trem-de-ferro da Mojiana, nos fins do século passado, Uberaba conheceu outro surto de progresso. A Mojiana

não só facilitou o transporte, em todos os sentidos, nos aproximando ainda mais dos centros civilizados paulistas como seus efeitos positivos foram marcantes em todos os setores da vida uberabense (no comércio, nas construções, na cultura, etc.), melhorando, em muito, a qualidade do produto importado, sofisticando-o.

Porém, dura pouco o encanto trazido pelo trem-de-ferro. O uberabense logo vê as linhas prolongadas até Araguari onde levam mercadorias até então só dirigidas à Uberaba. Em 1900, com a Revolução em Mato Grosso, o nosso comércio principia a restringir-se, diminuída sua área de ação. Em 1908, caem sensivelmente as nossas exportações. Para desencanto nosso a Noroeste do Brasil leva a São Paulo um privilégio caro, até então uberabense: o comércio do Mato Grosso. Surgem as estradas de rodagem, desviando Uberaba dos sentidos tradicionalmente obrigatórios de transação comercial. Cidades como Barretos, Bebedouro etc., ligadas por rodovias, nos diminuem os contatos. Um certo declínio do comércio uberabense parece mesmo inevitável. E o rico comerciante aplica seus lucros nas fazendas e no gado. Em 1920, com a crise que o país atravessava, vieram as duas moratórias. Fazendeiros e comerciantes conheciam a falência. Então, se restringe o crédito ao comércio. Veio a desvalorização do zebu, em seguida, e um retorno obrigatório e mesmo recuperativo da economia, ao gado de corte.

Com sua área restringida a quase praticamente seu próprio município (atingindo indiretamente praças como Conquista e Sacramento, vendo perder a praça de Frutal), Uberaba vê meio consternada, melancólica mesmo, o seu passado de efervecencia comercial, esvair-se, principalmente, para quem já havia dominado o comércio de, praticamente, três Estados.

A COLÔNIA SÍRIA

Um novo tipo de comércio (principalmente de comerciantes), Uberaba conheceu nas décadas de 20 e 30 para cá. Quando aqui se instalaram os membros da colônia árabe. Incrementando o comércio varejista, principalmente no setor dos armarinhos e tecidos e um grande e desenvolvido comércio de cereais, (o intenso movimento das máquinas de beneficiar arroz, café etc.) os elementos da colônia sírio -libanesa, se fixaram na cidade e se estabeleceram. O árabe criou um comércio próprio que desenvolveu e hoje é marcante e notável. Convém notar sua presença nos diversos tipos de comércio, principalmente situados no Alto São Benedito (o de maior desenvolvimento da cidade), onde se destacam as Ruas São

Benedito, Tristão de Castro e Avenida Rio Branco; no centro, a Rua do Comércio.

CASAS QUE FIZERAM NOME, RENOME E SOBRENOME

O repórter vasculha os arquivos, revistas e memórias. Casas antigas de fama na praça, que solidificaram e estruturaram famílias e incrementaram o comércio da cidade e da região. Fizeram nome, expandiram. Fizeram renome. Se estratificaram, deixando um sobrenome.

Fumo 31 (Menezes e Bruno); Casa Raul terra (casa de compras em Paris, Cité Trevise) Cerâmica "Delta" (tijolos marca "AM" e "R" linha Mojiana, de Misson e Miranzi); Pharmácia Cruzeiro (David Carvalho, nº telephone, 12); Notre Dame de Paris (de Francisco Riccioppo, telephone 128), a artística Livraria São Bento (importação dos melhores figurinos e bujuterie); Ao Chic do Triângulo (de Paschoal S. Bruno); Fernando Sabino de Freitas (tem sempre à venda pinga Paracatu, fumo goyano superior e pedras para moinho); Cerveja Cosmopolita (de Domingos Pousa Garcia; (licores, gazozas, vinhos, xaropes e a deliciosa bebida sem alcóol "Zizi"); Joalheria Rocha (de João Rocha); a afamada Casa Gabarra, especialista em brins de linho, casemiras, estranjeiras, chapéus etc.); Confeitaria Vasques (Bar da Viúva); Casa Polveiro (de Bento Polveiro), que tem sempre stok de foguetes e foguetões); Distilaria Mineira (de Rigoleto de Martino); Alexandre Campos e Cia (matriz em Uberaba, filiais em Uberlândia e Araguari); Sapataria Molinar (de Mário Molinar); Domingos Mônaco (grande e premiada fábrica de ladrilhos e mosáicos, a maior e mais antiga do Triângulo); Oficina Mechanica e Fundição Geral, João Scussel e Filhos; Grande Marmoraria, de Henrique Vitale; Casa Guaritá (de Luiz Guaritá; Agente da Standard Oil Company, para a venda de gasolina e Querosene Jacaré; tem sempre em stok produtos da Cia Cervejaria Antárctica e Cia. Cervejaria Brahma); Casa Indiana (de Marcelino Guimarães, Revistas: A Noite Ilustrada, O Cruzeiro, Eu Sei tudo, O Malho etc.), e assim, poderíamos citar, a partir dos arquivos e da memória popular uma infinidade de casas de comércio que foram o espírito vivo de uma época.

OS ANTIGOS ARMAZÉNS DE ATACADO E VAREJO

Marco significativo do comércio antigo. são os armazéns. Na fachada, a sequência monótona de altas portas. Dentro, sombrio, tabuado, espaçoso, largo. Os balcões, escuros, envidraçados, soltos. A mercadoria amontoada. Se encontra de tudo, os grandes armazéns, ou casas (como eram chamados), atendiam a todo tipo de freguesia, com secos e molhados e armarinhos. Uma casa de comércio se permitia ter de tudo, numa visão precoce e mal-concebida do que seria no futuro, o supermercado. Então, num mesmo armazém podiam se encontrar: Kerozene Jacaré, Formicida Possante, carbureto de cálcio, dynamite nobel, artigos para fugueteiros, vinhos de mesa de importação direta, chapéus Ramenzoni, artigos de alta phantasia, ceroulas, colletes para senhoras, sal, café, collarinhos, fazendas, ferragens, arame farpado, fumo goyano e mineiro, fubá de moinho e de canjica, e artigos importados, das casas que fizeram renome: International Harvester Export Company, Casa Armbrust (Largo de São Bento, São Paulo); Dierbeger Arquitetura Paisagística, Wilson, Sons e Co, Limited (London, Cardiff, Barry); Atlantis (Brazil) Limited; depositários dos afamados charutos "Popck"; Cia. Brasileira de Cimento Portland Rerus; Schiling Hillier & Cia. Ltda.; pincéis "Erwin Kohn"; Cie Française des Charbonnages de Dakar (Dakar, Senegal); Bekman & Co.. Ainda, citando os produtos dos trópicos: "Cymarol", remédio infalível contra a diarréia dos bezerros; grandes depósitos de sementes de capim Jaraguá e Gordura Roxo (Cabelo de Negro); louça, artigos de viagem, gêneros do país, e materiais para construção e esgoto; milho, polvilho azedo e polvilho doce; preços sem competidor e tudo mais concernentes ao ramo de negócio; neste estabelecimento encontra-se completo sortimento de molhados estrangeiros e nacionais e grande sortimento de gêneros do país...

AS ANTIGAS CASAS DE COMÉRCIO AINDA VIVEM: DE SEU PASSADO E DE SEU PRESENTE

Relação, por idade, de casas de comércio mais antigas de Uberaba, ainda em funcionamento:

1877 — Farmácia São Sebastião
1884 — Casa Raul Terra
1899 — Farmácia Cruzeiro
1904 — Charutaria Uberabense (Pachola)
1911 — Americana e Castejon (atacadista)
1914 — A Barateira (João Miguel Hueb)
1915 — Notre Dame de Paris
1923 — Oficina Marino
1927 — Loja São Geraldo
1929 — Casa Aliança

A "Casa Raul Terra", embora não mais exista, foi citada pelo aproveitamento que o repórter fez da sua bela fachada, ainda bem conservada na Rua do Comércio.

AS ANTIGAS CASAS COMERCIAIS

Farmácia São Sebastião (1877-1977). São dois anos para o centenário.

A Farmácia São Sebastião, a mais antiga casa de comércio em funcionamento de Uberaba. Fundada em 1877, ela aguarda sem ansiedade (porém ciente de seu inabalável e irremovível valor histórico), apenas mais 2 anos para fazer 100 anos de existência. Um século de alquimia, manipulando unguentos, conciliando a técnica com a superstição, destilando líquidos importados e triturando raízes tropicais.

"Granules Dosimétriques, de Ch. Cahnteaud;

Bromhydrate de Quinine, à un Centigramme;

Cr. Chanteaud Pahrmacien, 54 Rue des Francs-Bourgeois. Paris — Ch. Chanteaud."

Assim, o repórter encontra remédios importados da França, inclusive do século XIX:

Granules Dosimétriques, de Dr. Durggraeve e Carbonate de Lithine.

E um recibo datado de 21 de agosto de 1898:

"Neste estabelecimento encontra-se um sortimento completo de drogas, produtos chimicos e preparações pharmaceuticas. Avia-se receitas a qualquer hora do dia ou da noite, com zelo, prontidão e modicidade nos preços."

Suspensório, Pomada Bella Dona, Mercurial, Emulsão Scott, Chocolate, Água Inglêsa.

O repórter abre a vitrine dos remédios, vidros e frascos antigos e não resiste ao aroma poético que exala dos belos vidrinhos coloridos, de rótulos rotos e letras desmaiadas:

O colorido poético do Azul Metileno. A substância funcional dos extratos de Cila, de Maracujá (passiflora alata, passiflorácea e maracuyá); extrato fluído de Lúpulo, extrato fluído de caínca, de alcaçuz, de abacateiro. As plantas nacionais, as folhas e raízes são a razão de ser desses frascos esquecidos no baú da memória salutar; Kara Kava, (raiz em pó); Urtiga (urtiga urens); Calumba em pó; Sassafraz (extrato), Laurens Sassafras. sassafras officiale, veriffolium; Sabinas, folhas em pó (Juniperus sabina); Tintura de Cipó Cravo, Candurango em Pó; Erva Tostão, Viburno (Viburnum prunifolium); Alcoolato de Alface e a vontade de tomar licor de Fowler...

Casa Raul Terra — Fundada em 1884, por Manoel Terra, tendo sua casa de compra em Paris (Cité Trevise) foi por tanto tempo "casa de artigos finos, belias phantasias em prata e metal, óculos e pince-nez, relógio de albiheira em ouro ,prata, níquel, aço e prata Nielé, despertadores à phantasia, optica, vitrolas, photographicos e religiosos, etc.". Conservando ainda o belo sobrado de estilo eclético (ainda não caído nas mãos dos demolidores), a casa tem a sacada elegante com dois anjos segurando a faixa indicativa do nome da casa .

Casa Caldeira — Sem dados nem documentos sobre sua fundação, as pesquisas não descobriram a data certa, embora o comum seja afirmar que sua origem data da penúltima década do século XIX

No largo da Matriz, o sobrado eclético, alto, largo e forte deixa desbotar sua pintura boy-de-rose. A Casa Caldeira abre sua sequência de portas de madeira. Entra a claridade no seu compartimento. imensamente grande, escuro, espaçoso. Lá no fundo, muito atrás dos balcões, onde se depositam instrumentos de ferro e arame farpado, os óculos nas paredes grossas, deixam filetes de raio de sol olharem para dentro. Na entrada tem um banco velho feito de ripas com os pés de ferro fundido. Os amigos de sempre vão chegando com as 8.30 da manhã. Discretos nos termos de inverno, claros e brilhantes nos ternos de linho branco do verão: Artur de Castro Cunha, Adolfo Borges (Nhonhô), José Cassimiro de Mendonça Joaquim Martins de Mendonça, Lívio da Costa Pereira, Eliseu Alves de Resende, Leopoldo Mendonça. Segundo estes senhores, a Casa Caldeira, foi fundada na penúltima década do século passado. Manoel Barcelos, que a vendeu a um próspero imigrante português, de nome Caldeira, o Velho Caldeirinha, seu filho, recebeu a casa, quando o velho já findava na vida. Mais tarde, a casa foi adquirida por Geraldino Pinheiro, passando este a ser sócio de Adolfo Pinheiro, e hoje a casa ainda pertence à família Pinheiro.

Pharmácia Cruzeiro — Fundada em 1899 por Antônio Sebastião da Costa, quando seu prédio era ainda uma casa estilo colonial. Mais tarde foi adquirida pelo imigrante português, David Carvalho, farmacêutico de renome na cidade. Conservando seu caráter de farmácia antiga, com prateleira entalhada, a Farmácia Cruzeiro teve novo dono substituindo David Carvalho, Aluísio Edson Carvalho, que a vendeu posteriormente.

Charutaria Uberabense — Fundada em 1904, por José Silvério de Faria. Em 1915, Theophilo da Fonseca e Silva, foi seu segundo proprietário, transferindo-a da Rua do Comércio para a Tristão de Castro, quando ganhou o novo nome: Fábrica de Cigarros Pachola (Sociedade Limitada).

O fumo chega em corda. Vem de Minas, de Goiás, e da Bahia. O fumo alí é trabalhado. Tratado. Triturado. Vira cigarro de palha. Vira rapé. As funcionárias antigas empacotam o fumo picadinho. Dobram as belas embalagens ilustradas de modelo antigo. A tabacaria cheira forte. Nota-se no meio da rua; no meio do trânsito. As paredes da Charutaria estão mulatas, com a pele de fumo moreno encardindo suas faces. Impossível não lembrar Fernando Pessoa nesta tabacaria: "Essência musical de meus versos inúteis... sempre defronte da Tabacaria... Mas o dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta".

OS PARTIDOS POLÍTICOS NA MARCA DO FUMO

Assim são os nomes dos cigarros da antiga Charutaria Uberabense: "Arara" e "Pachola", rememorando nas suas embalagens os dois fortes e violentos partidos políticos da Uberaba antiga. Outro nome de fumo da casa: "Fumo Sucuri", homenagem da casa ao fumageiro José Tomás da Silva apelidado Sucuri, que ao fazer 50 anos de casa, teve seu nome gravado como marca de fumo. José Tomás da Silva, recebeu em 1965, a Comenda. Ordem Cruzeiro do Sul, que lhe foi entregue pessoalmente pelo então Presidente da República, o Marechal Humberto de Alencar Castello Branco. Obtendo assim uma das maiores comendas que o Governo brasileiro condecora. O simpático "Sucuri", ganhou no mesmo ano a medalha Roberto Simonsen (1889-1948) e os títulos de Operário Padrão de Uberaba. Operário Padrão de Minas Gerais e segundo de Operário Padrão do Brasil. Hoje, com 75 anos de idade, nas noites de folga e de lua cheia, José Tomás da Silva não resiste ao encanto da nostalgia, pega o violão, junta os companheiros e sai em serenata, pela cidade, tangendo o som da velha guarda sob janelas amigas.

Casa Americana — (Fábrica de Móveis a tração elétrica; Rua do Commercio 29-A teleph. 222).

Fundada em 1911 pelo imigrante italiano Donato Cicci, esta casa de tradição, especialista em ferragens e móveis, tem em sua história, algo típico e interessante: um time de futebol, "Casa Americana F. Club", que numa partida, em abril do ano de 1911 contra o "Aleopos" teve seu time formado por: Lanfrine; Oliveira ,Bimba, Alfredo e Neto; Lanfranchi e Souza; Cicci, Leorine e Bertine. O jogo, marcado para depois do almoço, realizou-se no campo da Rua Triângulo Mineiro

CASA AMERICANA FUTEBOL CLUB

Eram funcionários e familiares, a italianada jovem misturada com os brasileiros, no esporte moderno (na época), que era o futebol. Numa publicação dos anos 30, o repórter encontra um "réclame" da Casa Americana: "Móveis folheados, os mais modernos, garantidos, não descolam! Não racham! Não empenam e não apodrecem!"

O MASCATE ÁRABE, COM SEU BOM COMÉRCIO ÀS COSTAS

Como todo bom árabe, João Miguel Hueb, principiou seu trabalho, mascateando, com o baú nas costas. Imigrante árabe, ele se fixou no comércio uberabense em 1914, na atual Rua Bernardo Guimarães. Ali abriu uma loja(como de todo comerciante árabe), de tecidos e armarinhos, denominada "A Barateira". Em 1919, transfere-se para a Rua Tristão de Castro. Ali desenvolve, um comércio de ferragens, conservas etc., partindo mais tarde para o ramo de atacados.

Notre Dame de Paris — Fundada em 1915, pelo então alfaiate de fama, Francisco Riccioppo (um imigrante italiano natural de Cavalereto, na província de Cosenza e vindo para o Brasil em 1898). Num artigo da década de 30, cheio de adjetivações, o repórter encontra dados interessantes sobre Notre Dame de Paris: "Nosso encantamento começa pela secção de perfumarias. Das louças e extratos mais finos, dos mais afamados perfumistas de Paris e Londres. Do tecido mais grosso, à seda mais cara e custosa dos tecidos mais delicados às padronagens mais fascinantes, um deslumbrante sortimento de bengalas e de guarda-chuvas os mais modernos. Há uma secção magnífica: a dos tapetes e "congoleuns". Nas vitrinas estavam expostos verdadeiros primores de couros finís-

simos, de modelos tão delicados e de linhas tão elegantes que não resistimos ao prazer de saber dos preços..."

OFFICINA MECHANICA VICENTE MARINO

Construída e montada em 1923, por Vicente Marino, perto do Mosteiro Nossa Senhora da Glória, esta oficina tem uma das fachadas mais interessantes e curiosas. Com um Ford-29 em relevo, as letras bem feitas em argamassa escrevem oficina com dois "F". Uma fachada que deve ser vista pois revela, a nós,ambientação típica de tempos idos.

OUTRAS CASAS TANTAS

Rua dos Turcos. Assim se chamava a antiga e a mais longa via pública da cidade: a Rua Padre Zeferino. Na sua parte tocante ao Alto dos Estados Unidos, ela foi o movimento intenso do comércio uberabense, nas décadas de 20 e 30, quando para ela se dirigiram os imigrantes árabes. Uma sequência de lojas de tecidos e armarinhos. A que mais se fez marcante, foi a Loja São Geraldo, fundada em 1927, por Jorge Dib. Sob um verdadeiro espírito árabe, Loja São Geraldo passou a ser dos filhos de Jorge Dib: Miguel Jorge Dib, Jamil e Emílio Jorge Dib, em 1936.

O Alto de São Benedito não demorou muito a ganhar do Alto dos Estados Unidos os imigrantes da colônia árabe e seus descendentes. Como foi o caso de Felipe Elias Miziara, que em 1929 estabeleceu a sua "Casa Aliança", que em 31 passou para as mãos de José Felipe Miziara. Hoje a Tristão de Castro e a São Benedito são o reduto das lojas dos árabes.

Já na década de 30, surgiram algumas casas que se fizeram marcantes no comércio uberabense, como a "Casa Carvalho e Teixeira", fundada por Arlindo Carvalho e Mousinho Teixeira Leite Arlindo vinha do balcão da velha "Casa Lealdade", o segundo, vinha de antiga família de comerciantes da cidade, vinha da "Alexandre Campos", onde era contador formado em São Paulo.

Merecem ainda destaque, a casa de João Fernandes Correa, fundada em 1934, na Rua do Comércio, no ramo de ferragens, alumínio, adubos, etc.

Sendo muito vasto o campo de trabalho a que se propôs o repórter e impossível um levantamento geral do assunto, e assim evidencia a não inclusão de vários estabelecimentos importantes da história do comércio uberabense nesta reportagem (JM 20.07.75)

A VANGUARDA DA INDÚSTRIA UBERABENSE

A história da industrialização em Uberaba é, antes de tudo, além de nostálgica, uma homenagem aos imigrantes, notadamente os italianos que vieram da Europa "fazer a América", como se dizia na época.

Com uma mão na frente e outra atrás. Outra expressão da época. Engraçado. Tem muito descendente desses honestos e bravos imigrantes que têm vergonha de reconhecer a pobreza, e mesmo a miséria em que vieram e viveram os seus antepassados.

Sendo que o negócio não é nada disso. A gente tem é que ter muito orgulho de saber que nossos avoengos enfrentaram o mundo novo na maior coragem. No peito. Passando todo tipo de necessidade e aventuras.

Daí certa dificuldade do repórter elaborar o seu trabalho. No meio de tanta gente simpática, há os que teimam em ser o contrário, deixando de colaborar nas informações.

A virada do século, mostra Uberaba na sua força total de quem quer vencer e buscar nas distâncias, os elementos necessários para fazer as bases de sua história. A floração de indústrias, nessa época, não teve até hoje momento similar. Quando se pensa que industrialização é uma idéia recentíssima, em Uberaba, é bom notar esse interesse industrial mais inflamatório, daqueles tempos idos. Esta fase de industrialização da virada do século, é de uma simpatia muito grande, de uma autenticidade verdadeira, com seu brasileirismo sentido em todo o seu sabor.

Esses italianos faziam a "gazoza" uberabense, a cerveja mineira, o conhaque triangulino. Hoje, o que vemos e bebemos, é para depositar mais doláres ainda nas caixinhas cheias da Coca-Cola...

Revestida do melhor caráter nacional, a vanguarda de nossa indústria foi dos momentos mais belos e honestos de nossa história.

INDUSTRIA NACIONAL

FABRICA

DE

Tecidos do Cassú

PROPRIEDADE DO

Barão de Saramenha

Ha neste estabelecimento uma grande olaria para telhas e tijollos, uma excellente machina para beneficiar arroz e um moinho para fubá.

PREÇOS BARATISSIMOS

CASSÚ

INICIATIVA PRIVADA

Sem dúvida alguma a iniciativa privada foi e continua sendo o meio mais avançado de trazer o progresso para o interior do Brasil. E o trabalho dos pioneiros da indústria no Brasil Central ganha aqui um valor de heroismo. Tentando sair do marasmo agropecuário, o fim do século nos apresenta algumas tentativas interessantes e curiosas de industrialização. Pelo Almanaque Uberabense, de 1895, percebemos o panorama industrial da cidade:

Cervejarias Pascoal Toti & Cia.: José Fará, Rua tenente Coronel Silva; Amorin & Cia.;Lupurini & Beber Vannucci, Rua Vigário Silva.

Colchoeiros — Armando Vieira, Rua São Miguel; José Vieira, Largo de Santa Rita.

Fábricas de desfiação de fumo — Justiniano, Irmão, & Cia, Rua da Imperatriz.

— De cigarros, Justiniano, Irmão & Cia., Rua da Imperatriz.

— De tecidos — Fábrica de Tecidos Cassu.

— De carroças — Gothardo Finholdt & Filhos.

— De bebidas — Lupurini & Berber.

— De vinho — Joaquim Inácio Sousa Lima. Rua Azagaia.

— Joaquim Maurício de Sousa, Rua Vigário Silva.

— Fundição de Sinos — João José de Alvarenga Formiga.

— Fumos Desfiados — pacotes, latas, barricas, fumo virgem em cordas, encontram-se do melhor até hoje conhecido na fábrica de desfiação de fumos. Cigarros marca Zatu. Fabricados caprichosamente e com os melhores fumos do Estado de Goiás".

As fábricas de cervejas surgidas, importavam cevada da Alemanha. Tinham também um ambiente acolhedor:

"Meu pai tinha, então, uma fábrica de cerveja, a primeira qua aqui se montou e funcionava no mesmo prédio onde nasci. Em um dos salões, o mais reservado, reuniam os boêmios do tempo. Eram os intelectuais que quase todas as noites iam saborear uma

cervejinha nacional, marca barbante, como a chamavam na época...". (Gabriel Toti, in Álbum de Uberaba, 1956).

Fábrica de Coletes para senhoras de Mme. Florina Baile. Fazem-se coletes de todos os systemas. Cintos. para senhoras, elegância e perfeição, serviço garantido. Vendas por atacado e a varejo. Preços módicos — Uberaba. Rua do Commércio, n. 5."

A propaganda das indústrias, em 1916, dos almanaques e dos álbuns. Importava muito mostrar a fotografia de pose bem montada da família do fabricante, ou dele próprio. Essa propaganda é muito importante hoje, como documento das indústrias e também para se estudar os meios de comunicação de uma época tão diferente e nem tão longe da nossa.

"Fábrica de Flores e Coroas Funerárias. Fundada pelo armador Antônio Magalhães. Premiada com medalha de ouro na Exposição Comemorativa do 1º Centenário da fundação de Uberaba (1911)".

Convém notar que a mostra do Rio de Janeiro de 1908 e a de Uberaba, de 1911, deram um incentivo às indústrias, até então incomum. Essas mostras repetiam a mostra de Paris do fim do século.

Antônio Tomaz — Fábrica especial nacional de molhos, conservas e licores de frutas — premiada na Exposição Nacional de 1908, com 2 medalhas de prata. Experimentem a afamada "Polpa de malagueta".

OS PIONEIROS

A primeira indústria montada em Uberaba, como se sabe, é a Fábrica de Tecidos do Cassu, que viria a dar na Fábrica de Tecidos do Alto de São Benedito, na Companhia Têxtil do Triângulo Mineiro.

A Fábrica de Tecidos do Cassu foi fundada em 1882, pelo Major Zacarias Borges e Araújo. Ninguém mais que este major merece as homenagens dos historiadores. Nasceu na cidade triangulina de Araxá em 05.11.1855 e faleceu em Uberaba em 21.04.1897. Veio jovem para cá e em 06.03.1883, ainda no Segundo Império, inaugurava a Fábrica de Tecidos do Cassu, juntamente com seus

irmãos João, Francisco, José e Teotônio Borges de Araújo, seu cunhado Antônio Fontoura Borges, Fortunato José Ribeiro Guimarães, Pedro Floro Gonçalves dos Anjos e o comendador José Bernardes Zacarias a dirigiu até 1891, quando a fábrica foi vendida ao Barão de Saramenha (Carlos Gabriel de Andrade, natural de Ouro Preto e falecido em Belo Horinzonte no ano de 1921). O Barão de Saramenha, segundo José Mendonça, "fundou vários bancos, entre os quais o "Banco Provincial de Minas Gerais", do qual foi presidente. No Império, em recompensa aos grandes serviços prestados à pátria, recebeu os títulos de Oficial da Imperial Ordem da Rosa e de Barão de Saramenha. Proclamada a República, veio para Uberaba, onde residiu durante 17 anos, dirigindo a Fábrica de Tecidos do Cassu, que adquiriu da firma Borges, Irmão e Cia."

1910 — A firma C. Mascarenhas & Filhos, composta pelo Cel. Caetano Mascarenhas (fundador da primeira fábrica de tecidos de Minas Gerais, em Paraopeba e seus filhos Cels. Cristiano D. Mascarenhas e Heitor D. Mascarenhas, são os donos da fábrica de tecidos. Em 1928, já unidas as duas fábricas, a do Cassu e a da cidade, formou-se então a Companhia Fabril Triângulo Mineiro. Se ingressou na empresa o então conhecido capitalista da cidade de Conquista, o Cel. Antônio Martins Borges.

Da fábrica de tecidos, fala-se muito de seu fundador, o imigrante (ou descendente de) italiano João Boff. Mas, não me foi possível achar algum dado mais oficial sobre ele. Há quem o considere meio injustiçado na época. Hoje, então, parece mais injustiçado ainda, pois aqueles que sabiam e falavam de seu valor não deixaram nada por escrito, como aconteceu com o historiador José Mendonça, ficando assim o nome de João Boff no total olvido.

Parece pertencer à Indústria do Cassu o privilégio de ser também uma das primeiras a beneficiar arroz, fabricar fubá "com excelente moinho", fabricar telha e tijolos, pois tudo isso se fazia na Indústria Nacional Fábrica de Tecidos do Cassu, no ano de 1895. (JM - 15.03.77).

A VANGUARDA DA INDÚSTRIA UBERABENSE (AS CERVEJARIAS)

O pioneiro das fábricas de cerveja em Uberaba foi Pascoal Toti, um homem que merece dos uberabenses uma homenagem, nem sempre lhe conferida.

O Alto dos Estados Unidos, foi o local onde se construíram

e se agruparam as primeiras indústrias. Visto ter sido aquele bairro o predileto da colônia italiana. Como de fato, ali residiu o Pascoal Toti, (Itália, 8.6.1851 — 11.9.1922, Uberaba). Toti chegou a Uberaba em 1880 e trabalhou como mascate de armarinhos. Em 1888, montou a sua fábrica de cerveja, a primeira da região, a "Cervejaria da Liberdade", na Praça Comendador Quintino. Por volta de 1900, Pascoal funda a primeira fábrica de macarrão da cidade, na mesma praça. Ainda por essa época, monta a indústria de cerâmica, no que viria dar mais tarde a indústria dos Misson & Miranzi. Fabricava então, o Toti, vasos, tijolos (que ainda se podem ver alguns exemplares, com as iniciais de seu nome cunhadas neles), manilhas etc.

O maquinário para a fábrica de macarrão era ainda importado da Itália. E com poucos anos de uso, sua fábrica de cerveja é entregue ao sobrinho, e futuro genro, recém vindo da Itália, Caetano Cardoso. Mais tarde esta fábrica é vendida para Hilário Vanucci:

"1916 — Fábrica de Cerveja Irmãos Vanucci, faz toda e qualquer bebida, única fábrica da especial soda MIMI — Praça Comendador Quintino, 1 — Nesta conhecida fábrica encontram-se gazoza, água de seltz, de syphon, licores, cognacs, e vinhos de diversas marcas etc.. Casa filial em Uberabinha".

Antes mesmo de a fábrica passar para Hilário Vanucci, funcionou nas mãos dos Irmãos Andreazini.

E finalmente a fábrica veio parar nas mãos do compositor e músico Rigoleto de Martino, que a adquiriu durante os anos da Primeira Grande Guerra. Em 1915, Pascoal volta a montar outra fábrica de cerveja e de macarrão no seu recém inaugurado sobrado, na Rua do Comércio (Artur Machado). Foram sucesso na época produtos seus como a guaraná Yolanda e a cerveja Tosca.

Já o pai do artista, Antônio de Martino, que veio parar em Uberaba, trabalhando como músico num circo de cavalinhos, tendo ganho a simpatia dos "homens de bem" da cidade, ganhou também dos mesmos, uma fábrica de macarrão para que ele não retornasse à Itália. E Uberaba ganha mais uma fábrica de macarrão. Conta-nos Francisco Pucci que esta mesma fábrica era ainda movida a cavalo, como eram também as olarias antigas.

1916 — "Antiga Fábrica de Macarrão movida a eletricidade.

A. de Martino & Filhos.

Premiada com medalha de prata na Exposição de 1908, do Rio de Janeiro e com medalha de ouro na Exposição de Uberaba de 1911.

Rua Artur Machado, 60

Estabelecimento de fabricação: Rua Padre Zeferino".

(in Minas Gerais e seus municípios O Triângulo Mineiro, 1916).

Rigoletto de Martino (Uberaba 1881 a 1937), tendo montado sua fábrica de cerveja durante a Primeira Grande Guerra, também na Praça Comendador Quintino, mais tarde a transferiu para a então Rua do Comércio, onde ali permaneceu em suas mãos e de seu filhos até 1940.

Distilaria Mineira: "Refrigerantes: guaraná Indiano, Red and White, USC, soda limonada, água tônica. Bebidas alcoólicas: conhaque, licor: anisette e menta, vinho quinado, cognac Velho, Cognac Fino Chapagne, Capillé, Creme de Menta; licor: Cacau e Abacaxi, vilho tipo Moscatel, Fernet, Rhum, cerveja branca e preta: cerveja: Triângulo e Ciganinha".

Conta-se do sucesso da cerveja Ciganinha, de sabor igual às outras, mas que muita aceitação teve junto ao público pois Rigoletto compusera uma marchinha carnavalesca com o mesmo nome (e letra do indispensável Barão), que estourou em determinado carnaval da época.

Bem no comecinho do século, outro italiano Yácopo Faina (Itália, 1868 — 1942, Uberaba), chegou a Uberaba com 24 anos de idade. Em 1902, monta a Fábrica de Cervejas Tripolitana, primeiramente na Rua Cel. Manuel Borges, esquina de Senador Pena, Em 1905, transfere sua fábrica para a chamada então "porta larga", atual Bar da Viúva. Em 1912, torna a transferí-la, desta vez para o prédio onde hoje funciona a casa Laterza e Fantato. Em 1915. Faina retorna a Uberabinha, atual Uberlândia, não voltando mais a trabalhar com indústria em Uberaba. Fabricando cerveja e gasosas, como se chamava então os refrigerantes da época, Faina foi um dos pioneiros de nossa indústria de bebidas.

Ainda na primeira década do século atual, no primeiro quar-

teirão da Rua 7 de Setembro, um italiano solteirão chamado Alfredo Cecconi montou também a sua indústria de bebidas. E foi deste Cecconi que mais tarde, tendo ido esta indústria à praça que Eugênio Martinelli (Itália 1871 — 1932, Uberaba) adquire seu maquinário e monta sua própria fábrica, em 1916. Martinelli veio para o Brasil em 1891. Sua primeira fábrica é então instalada na Rua do Comércio esquina da Praça da Gameleira (atual Afonso Pena). Era então sócio de José Paronetto. E sua indústria denominava-se Distilaria Uberabense e nela fabricavam-se bebidas alcoólicas. Em 29 ou 30 a fábrica é transferida para a Rua 7 de Setembro. Em 31 ela se fixa na Rua Senador Pena:

"Cervejaria Martinelli, bebidas: a grande "Nera Birra" é uma bebida indispensável a todas as pessoas que cultuam a divindade de Bacco; a cerveja "Pretinha" é apresentada ao público, 1/2 garrafa; cerveja "La Regina": guaraná "Uberabense", o belo cognac "Estrela". Fábrica de licores, xaropes e vinagres".

Domingos Pousa Garcia, (Pentes, Espanha, 1889 — 1974, Uberaba), mais um imigrante que chega a Uberaba, pela década de 10. Em 1914 ele trabalha na Fábrica de Cerveja dos Irmãos Andreazini, na Rua 7 de Setembro. Em 1916, Pousa adquire essa mesma fábrica onde trabalhava ajudado pelo sócio Manuel Lopes Veludo, por 3 contos de réis. A fábrica, que se situava na antiga Casa Pinhal, de um rico português, se transfere na década de 20 para a Rua João Pinheiro, onde permanece até hoje:

"Cervejaria Pousa — Domingos Pousa & Cia. Nesta bem montada fábrica encontra-se sempre a afamada cerveja preta "Pousa Especial" e as deliciosas bebidas sem álcool Zizi e guaraná V-8 — Rua Dr. João Pinheiro, 114".

Outro imigrante italiano, em 1906 abre uma fábrica de bebidas alcoólicas em Uberaba. Trata-se de Batista Gaia (Itália, 1872 — 1956, Uberaba). Em 1906 Gaia monta sua fábrica. Distilaria Uberabense, na Rua Artur Machado esquina com Praça Afonso Pena. (JM — 16.03.77).

TRANSFORMAÇÃO DE CEREAIS

A indústria de transformação de cereais, as máquinas de beneficiar arroz, café e milho, surgiram calmamente no fim do século. Em 1895 o Almanaque Uberabense anuncia nos seus clichês de vinheta estilo **art.nouveau:**..

"Rossini e Buchianeri
com
Machinas de Beneficiar Arroz e
Olaria a Vapor

Empreiteiros e Construtores de Obras escriptório e residência.

Rua do Comércio — Uberaba

Cônsul da Itália em Uberaba, Augusto Buchianeri, (Itália, 1884 — 1965, Uberaba) que sempre residiu na Rua do Comércio, teve, durante muitos anos, máquina de beneficiar arroz no início da Rua Marquês do Paraná. Buchianeri foi dos homens destacados da imigração italiana.

Porém, antes dele, a referida máquina de arroz pertenceu a Hermógenes de Araújo. Depois, possivelmente a Astolfo Vasconcelos. E com certeza, pertenceu a Isoldino Corrêa (1882-1954), filho de um imigrante português (chamado José Corrêa e que por volta de 1882 já forjava machados, cunhas, picaretas, facões e até mesmo fabricava pólvora na zona rural da cidade). Parece que depois do Corrêa é que a máquina veio ter em mãos de Buchianeri. Que por algum tempo se chamou "Perez" & Buchianeri" (Modesto Peres e Augusto Buchianeri). Por pouco tempo porém Perez pertenceu à firma. Sétimo Bóscolo (Itália 1890 - 1964 Uberaba) foi seu penúltimo dono que a vendeu para Maria Bassotto Rossetti (Itália, 1886 - 1965, Uberaba).

"Adomervil Rocha & Cia.

Indústriaes e Negociantes de Arroz

Rua do Commercio 66, 66-A"

Em 1916, o álbum "Minas Gerais e Seus Municípios, O Triângulo Mineiro", já trazia reclame desta máquina de beneficiar arroz. E' a mesma que uma década mais tarde viria ser a conhecida máquina da família de descendentes de imigrantes espanhóis, os Castejon.

Sendo também das mais antigas máquinas de beneficiar arroz da cidade, mas sem conseguir dados necessários para sua descrição histórica, a máquina que atualmente pertence aos Irmãos Árabe, na Rua Bernardo Guimarães. Parece que ela pertenceu a Manuel Gomes da Silva Jr., Alexandre Bóscolo, Reinaldo Miguel e José Miguel Árabe.

Somente na década de 20 e 30 é que se foi formando o núcleo de máquinas de arroz no Alto São Benedito, com os imigrantes árabes, como: Aristides Cury (Líbano, 1892 e vindo para o Brasil em 1902) Espir Nicolau Bichuete e outros. Essa época coincide com a decadência econômica de Conquista, quando várias máquinas são vendidas para Uberaba.

TORREFAÇÃO DO CAFÉ

Enraizada no modus-vivendi do Brasil colonial, a família brasileira ainda mantinha o hábito de torrar e moer café em casa. Não é de muito tempo as últimas lembranças das cenas das pretas empregadas cantando na beira do fogão de lenha, horas e horas torrando os grãos inteiros de café, comprado de gente da roça, ou colhido da pequena plantação dos grandes quintais que se estendiam pela casa abaixo; dias depois a cena mudava um pouco, quando na despensa da casa, ou na casinha de fundo, no quintal, se via a empregada se movendo mecanicamente no ato de moer café nos grandes moedores importados ou fabricados em São Paulo.

Combatendo essa situação colonial surgiram as primeiras torrefadoras de café e também de fubá (que era feito normalmente nas roças, nos moinhos tocados à força d'água ou por tração animal).

A mais antiga casa de torrefação de café de que temos notícias, em Uberaba, é a de Francisco Alves, no Alto de São Benedito, surgida em 1916:

A INDUSTRIAL

"Machinas movidas a eletricidade. Torrefação de café, pelos mais modernos aparelhos.

Moinho de fubá e descascador de arroz.

Francisco Alves de Carvalho
Tristão de Castro, 8 — Café Alves".

Talvez ainda das primeiras torrefadoras de café e das mais conhecidas na praça, foi a de Paulo Sabino Primo (1909 - 1967)".

Torrefação de Café Paulo Sabino Primo.

PSP.

O café procedente de Sacramento, torrado e moído em modernas máquinas e entregue ao consumidor em acondicionamento elegante e higiênico".

Segundo Amélia Bruno Sabino, viúva do Paulo Sabino Primo, a torrefação de Café PSP, teve início em 1928.

FÁBRICA DE VEÍCULOS

Em 1905 Luís Rossetti montava sua oficina de ferraria e carpintaria, na Rua Bernardo Guimarães. Na década de 20, os filhos Benjamim e Vitório tomam a direção da empresa que passa a se denominar Fábrica de Veículos Irmãos Rossetti, já ampliada e que funcionou até 1964.

FÁBRICA DE MACARRÃO

Das figuras mais estimadas e presentes ainda no cenário comercial/industrial da cidade, Francisco Pucci (Itália, 1897) veio para Uberaba em 1902 e em 1920 montou sua padaria na então Rua do Comércio. Em 1925 Francisco Pucci montou sua "Fábrica de Macarrão Espéria" criando assim uma das empresas de maior sucesso na região.

Para a montagem de sua padaria, Pucci comprou na época o maquinário de uma outra padaria, de Antônio Merola (um dos pioneiros da indústria de torrefação de café, na cidade) e comprou o maquinário para a indústria de macarrão, de uma outra fábrica da cidade de Araguari.

INDÚSTRIA DO COURO

Parece que a primeira indústria de couro foi a fundada por Estêvão Pucci. Mas a que se definira no ramo foi a de Otto Dornfeld (Alemanha, 1883 — 1966, Uberaba), que em 1912 monta sua indústria de artefatos de couro. Em 1923, Otto Dornfeld se associa a Miguel Taube, outro imigrante de origem alemã, dando início à indústria Otto Dornfeld & Taube. Em 1934, a indústria de couro volta a pertencer somente a Otto Dornfeld. E, em 1943 ela pertence também aos filhos de Dornfeld e passa a se denominar Otto Dornfeld & Filhos. Já em 1950 se denomina Irmãos Dornfeld.

Comenta Walter Dornfeld que uma indústria de couro que existia antes da de seu pai era a de José Fernandes, mas o repórter não conseguiu dados sobre esta primitiva indústria.

FUMO ZECA SILVÉRIO

Das primeiras indústrias fundadas em Uberaba, foi fundada em 1889, por José Silvério de Faria. Infelizmente não me foi possível conseguir qualquer informação sobre o mesmo. Mas, o fumo fabricado por sua fábrica ficou famoso em toda a região. Era um tal de fumo "Zeca Silvério". Esse fumo ficou tão famoso que quatro décadas depois — já com a fábrica fechada há tempos — quando Elviro Cabral de Menezes (1873 - 1970) e Orlando Bruno (1905 - 1972) fundaram a Fábrica de Fumo 31 (em 31 de maio de 1931) fizeram questão de adquirir a marca "Zeca Silvério" para eles.

Foi também o próprio José Silvério de Faria quem fundou a Charutaria Uberabense, em 1904, que depois, nas mãos de Teófilo da Fonseca e Silva, se transferiu da Rua do Comércio para a Tristão de Castro, no ano de 1915 e ganhou o nome que a definiria com sucesso. Cigarros Pachola (ver reportagem no Jornal da Manhã. — (20.07.75).

Com a total falta de monografia sobre esta fase (ou mesma sobre outras fases) da indústria local, o repórter teve de usar das publicações da época, conseguidas na Academia de Letras do Triângulo Mineiro. E' impressionante ver a falta de memória e às vezes de interesse dos familiares descendentes destes homens de tanto valor para a conquista deste Oeste brasileiro e o seu desenvolvimento e enriquecimento. Notamos também o declínio de Uberaba a partir dos anos 30 em diante. — (JM 17.03.77).

OS MÚSICOS DA CIDADE O SOM DAS JANELAS E DO POVO

OS BATUTAS E OS SERESTEIROS

Fase importante na história da música brasileira, é a da música dos seresteiros. As músicas dos românticos boêmios, que tocavam violão em pé, sem auxílio do banquinho dos jovens violonistas de hoje. As músicas sentimentalmente interpretadas rente às janelas da casa da mulher amada. As valsas, os choros cantados nas noites de amor e de lua, inspiraram o próprio gênio brasileiro Heitor Villa Lobos, na composição de seus Choros.

E' verdade, e disso ninguém duvida, que os "tempos modernos" não são muito dados a esse tipo de música. A própria mulher passou a ser amada, cortejada de uma maneira diferente. Não há hoje, uma motivação primeira para se sair à rua dedilhando as canções suaves e doces de serenatas. A serenata é uma tradição musical que corre um sério risco de extinção. Pelo menos, a serenata feita como se fazia há algumas décadas atrás. Serenata se fazia à pé,percorrendo ruas da cidade. Ou, quando de automóvel, normalmente alugado da praça. Neste caso, o carro parava meio quarteirão antes da residência desejada. Os músicos desciam do auto, e caminhavam até a janela da residência. Evitando todo tipo de barulho. Nesse tempo em que não se usava abrir a porta da casa para receber os músicos com agrados de comes e bebes improvisados, os seresteiros, ao se retirarem, entravam no carro, a partida dada com cuidado e saiam, sem nem mesmo bater a porta, pois que disto poderia resultar algum barulho. (Memórias do seresteiro Francisco Pereira Alves).

A serenata tinha uma peculiaridade de delicadeza, respeito. E aí, necessário era também ter afinada garganta, gosto sentimental e bons sopros de flauta. Com o tempo, criou-se um tipo de música reservado às serestas. Hoje, uma aberração se faz em serenatas. Chegam ao absurdo inconcebível de tocar músicas caipiras ou escandalosamente sertanejas como querem muitos.

Duas fases importantes da vida da música seresteira uberabense são mostradas neste pequeno artigo. Uma prova de que Uberaba já viveu mais seus momentos de música, pois, nesta fase abordada pela reportagem, observamos como se prezava a composição regional. Não iam os seresteiros das décadas passadas buscar o sucesso fácil e já decorado da música do rádio. Compunham, especialmente para suas amantes, suas amadas, seus amigos, suas reuniões. E se impunham como tal, como bons intérpretes e produtivos compositores.

OS BATUTAS

Os Batutas, grupo de sereteiros que existiu em Uberaba me parece, por enquanto, que foi o primeiro conjunto definitivamente qualificável de seresteiros. Pelo menos ainda não achei outros homens agrupados que rondavam janelas com seus sonetos literários e sua música plangente. A característica peculiar d'Os Batutas, lhe dá uma importância histórica e ao mesmo tempo uma lição para nós. Eles só tocavam músicas de compositores uberabenses, incluindo os compositores do próprio grupo. E eram muito queridos por isso. Conseguiram o privilégio de terem suas composições cantadas sem nem mesmo se pensar em gravação.

Grupo d'Os Batutas: em pé, da esquerda para a direita, Domingos Delfino Pereira (cavaquinho) ,Amélio Moreira Lemos (violão), Leonardo Fernandes (violão); assentados, Estefânio Seislaque (poeta da turma), Custódio Garcia (trombone), Agmon (violino), Antônio Fernandes (fluta) e Domingos Latorraca (clarinete).

O conjunto "Os Batutas" surgiu no princípio da década de 20, entre os anos de 1920 a 1923. Era formado estritamente para serenatas e pic-nics às margens do Rio Uberaba. Imaginem só, nos anos 20, existir um conjunto musical que se especializara em tocar suas músicas em pic-nics! O pic-nic era então muito usado, indo as famílias em bandos passar os feriados no campo, na mais perfeita paisagem impressionista. Uma época marcadamente romântica, vivendo ainda intensamente segundo o gosto da bela época. Um baile ou outro, esses Os Batutas não enjeitavam e nem se faziam de rogados. Músicas de Loretto Conti, Rigoleto de Martino, Elói Bernandes e outros, eram executados pelo conjunto, que tinha os seguintes componetes: Custódio Garcia (diretor do conjunto, tocava trombone e era também compositor); Agmom Fonseca (violino); Antônio Fernandes (flauta) e também compositor); Domingos Latorraca (clarineta); Leornardo Fernandes Pereira, Lolico (violão); Amélio Moreira Lemos (violão); Virgílio Teodorimo Moreira (mais conhecido por Virgílio Raio (violão); Domingos Delfino Pereira (cavaquinho) e Estefânio Seixlack, que era o poeta do conjunto.

O conjunto Os Batutas pertencia ao Alto do Fabrício e tinha como rival o conjunto Amor e Arte, que pertencia ao Alto dos Estados Unidos. Arrelia típica daquela época. Os conjuntos disputavam a qualidade musical de cada um.

Do citado conjunto ainda vivem Custódio Garcia, Virgílio T. Moreira e Domingos Delfino Moreira.

O compositor do grupo: Antônio Fernandes.

Antônio Fernandes pertencia a uma tradicional família uberabense. Seu instrumento musical era a flauta e com esse instrumento conseguiu aplauso de muita gente exigente. Sua composição mais conhecida, uma valsa deliciosa chamada de Edelvaes.

Sem data, porém, bem conservadas no arquivo da família Diniz, encontramos as seguintes composições do flautista.

Valsas: Ibrantina, Maria Vera, Beijo Materno, Canção dos Órfãos, Edelvaes, Louco Por Um Beijo, Natal do Macedo. Os Cabelos D'Ela, Luiza, Saudades de Vital Fernandes, Avelina, Sandades do Convento, Odilmares, Odilva, Odilneuza e Soluços de Virgem.

Marchas: Grupo dos Batutas, Pilé e Francisco G. Diniz.

Mazurcas: Ginga, Zuleika, Zuleima.

Dobrados : Externato São José Futebol Clube.

Chorinhos: Saudade do Chico Flauta, Trem e Chão, Molha Palito, Funga-Funga.

Habaneira: Saudades de Meu Pai.

Dentro do Grupo d'Os Batutas, Custódio Garcia também era compositor. Não deve ter composto pouco, mas sua obra praticamente toda, se perdeu. Apenas uma se salvou. Uma valsa com letra de Clarimundo Leite, chamada "Tudo Passa, Esqueça-me".

No final da década de 20 os Batutas chegou ao fim. Não deve ter durado uma década. Mas, sua lição, de valorização da música uberabense é perene, vai durar toda a vida.

OS SERESTEIROS

O mais conhecido de todos os conjuntos de seresta, nascido na década de 40. "Os Seresteiros", vivendo outra realidade sobrevivem até hoje em Uberaba Deixando suas intenções originais de lado — a de ser realmente seresteiros — sobrevivem poeticamente nas nossas reuniões festivas, casamentos, aniversários, etc.

O conjunto Os Seresteiros, foi fundado pelo contabilista e músico amador Francisco Gomes Diniz, no início da década de 40 Não pudemos precisar ainda a data exata de sua fundação.

Nesse princípio de vida do conjunto ele era assim formado: Diniz (acordeon) e Amélio Moreira Lemos (violão), ex-integrante do conjunto extinto, o Grupo dos Batutas. Uma dupla apenas. Depois, novos elementos vieram se integrar ao conjunto. Como o Domingos Delfino Pereira (cavaquinho); Eufranor Ferreira Martins (violinista); Dr. Silvio Alamy (flauta): Orlando Vieira do Nascimento (flauta); e Geraldo Magalhães (violino).

Vários outros musicistas integraram o conjunto Os Seresteiros, esporadicamente como: Xenofantes Fernandes, Francisco Moreira Lemos, Geraldo Silva. popularmente ainda hoje conhecido como Geraldo Glostora, Diogo Nunes Marinho, Maurício Silva, conhecido como Zim Pepe, Paulo Marquez, este, hoje, cantor profissional no Rio de Janeiro; Djalma Dias cantor radicado em São Paulo.

Na sua fase inicial, se comportando como seresteiros autênticos, o conjunto "Os Seresteiros" executava e divulgava as músicas dos compositores uberabenses. Continuava assim mantendo a boa tradição, infelizmente rompida, do Grupo dos Batutas. O que valia era a música dos nossos compositores. Então, Os Seresteiros fizeram sucesso e se estabeleceram definitivamente dentro da história de nossa música. Joubert de Carvalho, autor da imortal "Taí". Orlando Vieira do Nascimento, Eufranor Ferreira Martins, e outros compositores, tinham saus músicas interpretadas pelo conjunto de seresta. Esse conjunto formado por músicos amadores não conhecia o trabalho remunerado, e trabalhava somente, comb se dizia na época, "por amor à arte". E não havia festa beneficente, ou batizado em que Os Seresteiros não comparecia. E foi ele o principal divulgador da nossa música em todo o Triângulo Mineiro. As excursões de Os Seresteiros às cidades vizinhas, deram-lhe fama e levou à essas cidades o valor do nosso compositor e intérprete.

Em 4 de julho de 1962. Os Seresteiros prestaram homenagem à família De Martino, quando se registrava a passagem do vigésimo quinto aniversário de morte de Rigoleto De Martino. O auditório da "Rádio Sociedade" era então o reduto de todos os compositores, intérpretes e cantores da cidade. Neste caso, o auditório da PRE-5 é imprescindível e marcante. Já entrou para a história. E lá estavam Os Seresteiros.

Em 25 de junho de 1963, falecia o fundador do conjunto, Francisco Gomes Diniz. Na sepultura do artista, os amigos seresteiros executaram a conhecida valsa de Loreto Conti, "Rosa Verde". A música era a predileta do fundador de Os Seresteiros. Com o falecimento de Diniz, o conjunto sente profundamente sua falta. Três meses mais tarde falece outro membro do conjunto, Orlando Vieira do Nascimento. Daí para cá, o conjunto entraria numa fase diferente. — (JM 25.04.76).

RIGOLETO DE MARTINO

Rigoleto de Martino nasceu em 29 de junho de 1881, em Vila Arieli, na Itália. Faleceu aos 56 anos, a 4 de julho de 1937, em Uberaba.

Descendente de família ligada à música, chegou Rigoleto ao Brasil, com 14 anos de idade. Era filho do musicista Antônio de Martino. Em Uberaba, Rigoleto ingressou nas atividades industriais (pastifício) com seu pai e, posteriormente com uma bem montada distilaria. Na casa de Antônio de Martino, todos eram músicos. Ernani, era clarinetista e Giocondo Garibalde, tocava piston. E Rigoleto era compositor e tocava bombardino.

O início do século, em Uberaba, foi época de grande atuação comercial e cultural. Vivendo sua fase mais dinâmica, um período praticamente efervescente. Rigoleto de Martino, enquanto trabalhava na sua fábrica, estudava música com entusiasmo. Foi aluno de música do professor Elói Bernardes Ferreira. Havia na época uma banda de música na cidade, chamada "União Uberabense", fundada pelo Maestro José Maria do Nascimento, a 7 de setembro de 1852. Mais tarde, o sobrinho do Maestro, Carlos Maria do Nascimento, tornou-se o regente da banda. Esta corporação musical foi extinta em 1908. Dois anos depois, Rigoleto de Martino funda a "Corporação Musical Ítalo Brasileira", tornando-se seu maestro e compondo inúmeras peças musicais por ela executadas e regendo-a por cerca de 26 anos. Foi a época de afirmação da colônia italiana. Alguns diziam que "Uberaba era uma pequena Itália", tanto a atuação dos imigrantes, nos mais diversos setores da vida da cidade. Mais tarde, em 1936, por motivo de doença, é dissolvida a corporação musical, que Rigoleto dirigia.

VIDA MUSICAL

O constante convívio com a música universal, tendo ele nascido de um berço de música, Rigoleto exercitou-se tanto em música que adaptou para a sua banda, às mais célebres óperas da época. Nas residências de suas filhas, bem conservadas em seu estado natural, provando assim um amor pela obra paterna, bem como um reconhecimento de importância cultural e histórica dessa obra: as partituras embrulhadas com cuidado se resguardam das traças e do sumiço, que facilmente poderiam ter. São cadernos e mais cadernos de obras dos compositores universais, adaptada e arranjadas para a banda de Rigoleto. Lá estão Puccini, Mascagni, Capua, Verdi, que não acaba mais, quase toda a sua obra; Franz Lehár, Schumman etc. Esse exercício laboriosíssimo deu ao maestro uma prática e um perfeito conhecimento de seu metiê. Lá também estão os cadernos dos músicos de sua banda. Trabalhando sem parar, escrevia, um por um, todos os cadernos de cada música. São centenas de músicas adaptadas e arranjadas pelo maestro, um homem totalmente popular.

Compôs de tudo. Desde música para aniversariantes, até obras pesadas. Chegou mesmo a compor, completa, uma Missa. E é esta, sem dúvida, sua obra de maior fôlego. Mas, foi o Hino do Uberaba Sport Club que o consagrou definitivamente e o perpetuou na memória do povo. Mais que um hino a um time de futebol, a "Marcha do Uberaba Sport" representa hoje, o hino da cidade de Uberaba.

OBRA MUSICAL

Difícil catalogar a obra completa do compositor. E por mais cuidado com a obra do pai que a família tenha tido, muita coisa deve ter escapado ao acervo familiar. Mas, pela primeira vez, eis uma tentativa de levantamento da obra do compositor Rigoleto de Martino. Para ele tudo era pretexto para compor: a morte de um irmão, a visita de um amigo, o aniversário de um parente, um jogador de futebol, uma visita a uma cidade, os familiares, um teme de futebol, etc.

LEVANTAMENTO DA OBRA

MARCHAS: — Trento e Trieste, 2.12.1915; Marcha do Uberaba Sport Club, 1918; de parceria com Lourival Balduino do Carmo (Barão); marcha carnavalesca para o carro alegórico "Lavoura, Comércio e Indústria", para o carnaval de 1919, 28.02.1919;

as marchas, One Step, 5.1.1920; Os Dois Meninos de Ouro, parceria com Barão, 3.2.1920, em homenagem aos jogalores Rodartinno e Baianinho; O Cabeça de Ouro, em homenagem a Satiro de Oliveira, 26.1.1920; O Chefe da Seção, de parceria com Barão, 16.1.1921.; No Pé da Vila, marcha carnavalesca, letra de Barão, 27.10.1922; Marcha Triunfal Uberabinha Sport, 8.11.1922; Marchas Divino Espírito Santo, 2.3.1928; Santa Terezinha, 3.3.1926, São Geraldo, 4.3.1928; Marcha Fúnebre, 28.3.29; uma marcha sem nome, datada de 31.10. 1930; Concórdia Clube Campineira, 2.7.1930; Marcha Canção, 12.2.1931; Vilmar Lemos de Martino, 18.2.21; Associação Atlética Portuguesa, 4.2.1934; Quiriri, 11.4.1936; Marcha Ítalo Brasileiro Futebol Clube, 10.2.1936: Marcha Ítalo Francesa, 21.9.1915; Bar Pinguim, 2.6.1937; parceria com Egídio Fantato; O Pedro Cem, 18.3.37; marcha dedicada à queima do Judas, realizada na Quaresma. Ainda as marchas não datadas, Ítalo Brasileiro, Marcha da Associação Esportiva e Cultural. Uma marcha sem nome, de 31.10.30; A Separação, Luciana Guimarães, Nossa Senhora de Lourdes.

VALSAS: — No acervo da família De Martino, foram encontradas 32 valsas, compostas por Rigoleto: Saudade Dolorosa, 16.3.1909; Amélia, 2.8.1909; Saudade de Araguari, 16.10.1910; Henriqueta, 5.8.1912; Uma Flor, 1911; Nenê Vanucci, 10.4.1913; Cornélia, 1911; Elvira, 2.9.1908; valsa "lenta", 10.11.1920; Eterna Dor "grande valsa concertante", 15.9.1921; Último Adeus, 25.4.1921; Leonita Dias, 28.2.1921; Os Olhos da Lígia, 1923; Valsa, 16.1.1923; Consolação, letra de Luís Ferreira Silva, 20.2.1923; Saudade Inútil, 20.12.1930; Valsa, 28.11.1930; Saudade de Fernandinho Pucci, 22.7.1930; Ilda, 20.12.30; Valsa, 25.8.1930; Valsa Separação, 29.9.1930 Valsa, 28.2.1931; e Saudosa Lembrança de Meu Amigo Tivico, 2.4.1931; Olga Borelli, 4.1.1933. Ainda as valsas: La Mia Futura Esposa, Valsas, Aida Lemos, Valsa, Nequinha, Gilda, Sonhar Contigo, Lágrimas de Frederico, (homenagem ao filho), Retalhos D'Alma, ou Retalhos da Vida (?), parceria com João Modesto dos Santos, 28.2.1936; Vilma F. Alquimim, Maria Lira.

DOBRADOS: — Foram encontrados pelo repórter, 17 partituras de "dobrados": Rui Barbosa, 25.5.1909; Belo Sonho, abril de 1912 e A Voz de Um Artista, 13.5 1912: Deputado Caldeira Júnior, 9.11.1913; Coronel Albino Borges, 20.2.1915: Canto da Seriema, 14.11.1919; Espanhola, 18.3.1922; Coronel Ismael Machado. 15.6.1923 Dr. Boulanger Pucci, 9.11.1924; Iris, 2.5.1929; Capitão Cornélio de Oliveira, 15.4.1930; e Leopoldo Borges, 30.4.1930; Recordação de Elói Bernardes, Sueli dos Santos, Coronel Raimundinho, Santa Catarina, Rio Grande, Coronel Ranulfo Borges, Aspirante Luís Batista, Coronel Eduardo Sócrates, Dobrado Linha de Tiro 168,

12.12.1917; Dobrado para a Exposição do Triângulo Mineiro, maio de 1911.

HINOS: — Um hino a 7.12.1933; Hino do Jaú, 25.5.1927; Hino Irmãos Bezerra de Menezes, 23.9.22; Hino dos Operários do Bem, com letra de Barão, 15.7.1921; Hino Maçônico de Uberaba, 23.3.1932; Hino Marcial 13 de Maio, em parceria com Licídio Pais.

MÚSICAS PARA TEATRO: — Formosas Borboletas de P. Fonseca; Alma Negra, 25.1.1930, para o melodrama do mesmo nome. Uma "valsa lenta" para o melodrama "Corcunda da Floresta", um original de Hilário de Almeida. Para orquestra e coro, ano de 1933; música para a peça "Cautela com as Mulheres, comédia em um ato, 9.5.21.

HABANERAS: — Jandira, 24.6.1911; Habanera, 8.8.32; Flores D'Alma, 8.7.1906; Por Que Me Faz Sofrer?; habanera, 8.8.32; Ceci, 10.8.1909.

XOTE: — Um xote em 2.10.1930.

POLCAS: — Uma em 25.10.1914 e Furiosa, 29 de março.

CANÇÕES SERTANEJAS: — Canção da Madrugada, rancheira, 5.5.1936; Rancheira da Meia Noite, O Natal na Roça (caretetê uberabense), 16.12.1920; Viver, Amar e Sofrer, 26.7.1930.

FOXTROTE: — Um, em 20.3.1921; outro a 31.7.30; um, a 6.1.1927; Nilce, 5.1.33.

TANGOS: Cabaret, 12.1.21; Buinho, 23.6.29.

TANGUINHO: — (Seriam os tanguinhos brasileiros, da linha de Nazareth (?), um tanguinho a 19.11.31.

MAZURCA: — Uma mazurca a 25.4.31:

GALOPE: — Um galope composto em 15.5.1915.

PASSO DOBLE — Denominado 20 de Setembro, 11.12.1911.

FANTASIA: — Linda Mineira, 21.12.1911.

GAVOTTE: — Flor de Minas, 25.5.1909. Em 1920 compôs sua

obra de maior fôlego, uma Missa Solene completa para banda e coro. Ainda outras músicas: Honra ao Mérito, 12.2.1927; Coronel Lucas Borges, 26.7.1912; À Livraria Guimarães, peça para piano, letra de Anatásio Saltão; Lembrança Paternal, 23.4.1921.

Deixando o comentário à obra musical de Rigoleto de Martino à crítica especializada (?) e certo de que há muito ainda a ser catalogado, fiz apenas um primeiro levantamento da obra do compositor nosso, por sinal toda ela composta em Uberaba. Um levantamento mais completo fica a cargo dos interessados diretos em estudar a nossa produção musical.

A BANDA DE RIGOLETO DE MARTINO

A banda de música de Rigoleto deu fama e nome ao seu maestro. Ele mesmo a regia e tocava tantos instrumentos principalmente o bombardino, ao lado de seus companheiros: Clarimundo (piston), Evaristo (clarineta), Domingos Latorraca (clarineta). Vitório Rossetti (sax), Andrelino (trombone), Américo R. Abdanur (sax e piston), Garibalde de Martino (piston), Chico Beleza —Zé do Lino (bumbo), Francisco Marquete e Baltazar (requinta), Jacó Sacanório (clarineta), Oscar Colares (baixo) e Francisco Arrebola (tarol) .

Vivendo intensamente uma vida musical, ganhando inclusive concursos de bandas, tão em moda na época, (conta-nos Américo Abdanur que certa vez, em Nova Ponte, toparam a Banda de Rigoleto e a Banda de Música São Vicente Paula, da cidade de Sta. Juliana, regida por João Teixeira. Para testar a qualidade musical da banda de Teixeira.) De Martino compôs, no momento, um dobrado e pediu que fosse executado, na primeira leitura pela Banda São Vicente de Paula. O acontecimento mostraa espontaneidade musical do compositor uberabense. Acho importante registrar aqui o cuidado que a família de Rigoleto preserva a obra do pai e artista. Resta agora um trabalhc de recuperação das partituras perdidas, e principalmente divulgar, por todos os meios possíveis a obra musical do estimado compositor. (JM 14.03.76).

RENATO FRATESCHI

Renato Frateschi, músico, maestro e professor de música. Um dos nomes mais importantes da história da nossa música regional.

O ARTISTA

Renato Frateschi nasceu em Pescia, Província de Luca, Itália, a 7 de dezembro de 1881. Filho de Alberto Frateschi e Carolina, que desde cedo colocaram o filho a frequentar a igreja de São Francisco de Assis, de Pescia onde, com outros meninos fazia parte de um grupo orfeônico. Em 1891, vem para o Brasil com seus avós, Bernardino Frateschi e Camila. Estudou com os padres salezianos. No Brasil, reside ainda com os avós, em São Paulo. Mais tarde, vem para Uberaba, onde ainda moço, funda a "União Operária", uma instituição musical, como se dizia na época. Uberaba, até então tinha duas bandas famosas: A "União Uberabense", que contava com o próprio Renato, como regente, com Rigoleto de Martino e Elói Bernardes; e a "Banda de Música Santa Cecília", que contava com Abdias Ribeiro dos Santos, Francisco Cabral e Elviro do Nascimento. Tendo voltado à sua terra natal, lá conhece o gênio que foi Puccini. Lá, aprende harmonia, composição, contraponto e fuga, com o Maestro Salvador Catalanotti. Voltando ao Brasil, onde ingressara na banda "União Uberabense", como regente, Renato Frateschi se impôs definitivamente e como artista, cria uma obra densa, vastíssima.

O TRABALHO DE FRATESCHI

A banda "União Operária" tocava nos espetáculos dos Grupos Literários e Dramáticos, "Amor à Arte", "Artur Azevedo" e "Tancredo Martins", no Teatro São Luís. Em outubro de 1910, juntamente com Eloi Bernardes, funda uma orquestra que funcio-

na no Uberaba Cinema, da qual ele próprio era pianista. Em 1º de fevereiro de 1913, assume a direção da orquestra do Cinema Triângulo, onde fica, até a sua extinção, em meados de 1917. Neste mesmo ano, torna-se diretor da orquestra do El-Dorado Uberabense, em 30 de junho.

Em 1º de junho de 1918, torna-se Diretor da Orquestra do Cine Politeama, em substituição ao Maestro Pietro Giamarusti (que se transferira para São Paulo), onde fica até o fechamento do cinema, em 1929. Fizeram parte das suas orquestras, entre outros, os excelentes musicistas, Joaquim Gomes Ferreira, Teobaldo Bossini, Afonso Félix Fraga, Antônio Dolácio Mendes, Sebastião Braz, Loreto Conti, João R. Vilaça, Hércules Gumerato, Amílcar Cicala, Domingos Latorraca, Antenógenes Magalhães, Januário Felice e muitos outros, além do corpo-coral.

Antes, em 8 de dezembro de 1911, funda uma orquestra com coro de vozes para a Catedral de Uberaba, que funciona até maio de 1925. Em fins de 1911, ainda inicia uma colaboração no periódico local, "O Sorriso", sob título de Musicália, com pseudônimo de Tito. Mais tarde, com o desaparecimento do jornal, passou a colaborar no diário local "Lavoura e Comércio", com o mesmo título, assinando seu próprio nome.

Em 15 de maio de 1939, junto com o seu filho, o Maestro Alberto Frateschi, funda o "Conservatório Musical de Uberaba". Ele, na direção artística. Do Conservatório faziam parte ainda: professora de teoria e solfejo, srta. Anete Silva, e prof. de violino Alexandre Chaban. Foi o artista Renato Frateschi ainda professor de música no Grupo Escolar Brasil e na Escola Normal do Estado. Foi professor particular de tantos músicos de nossa cidade.

Por várias vezes foi eleito presidente e secretário da "Sociedade Italiana de Uberaba".

Renato Frateschi morreu às 11:00 horas do dia 19.2.1964.

De sua obra, no Conservatório, encontrei 128 composições. Sabemos que Renato compôs mais de 500 músicas. Entre tantas partituras perdidas, a maioria encontra-se, há anos, em mãos de um particular em Igarapava. Resta então o mais urgente possível, reaver ao conservatório uberabense, a obra dispersa.

Toda a obra musical de Renato Frateschi foi composta em

Uberaba. Eis a primeira tentativa de fazer o levantamento de sua produção artística:

LEVANTAMENTO DA OBRA RELIGIOSA E PROFANA

Missa de Requiem, 1908; Cantata 1908; Te Deum, 1909; Assumpta Est (gradual), 1910; Justum Deduxit Dominus (gradual), 1910; Ab Initio Et Ante Saecula (gradual); 1910; Missa de Requiem (Op. 132), outubro de 1913 (À memória de meu pranteado irmão falecido a 14 de setembro de 1913): Regina Coeli (motete), 1917; Spiritus Domini (motete), 1917; Spiritus Domini (motete), 1924; Cristi Pia Gratia (motete), 1919; Cognovimus, Domini (motete), 1942; Missa F. Bonitatis, 1946; Caotabile (para violino e piano), 1948; Beatam Me Disente (motete), 1912; Cantata Sobre o Epílogo do Salmo 67, 1922; Stabat Mater, 1912; Missa do Divino Espirito Santo, 1915; Tantum Ergo. 1915; Canto da Beata Imelda, 1933.

HINOS — Hino da Confraria do Santíssimo Menino Jesus. 1930; Hino a Santa Terezinha, 1931; Hino à Santa Inês Virgem e Martir, 1930; Hino a Santo Alberto Magno, 1932 Hino das Vocações Sacerdotais, 1932; Hino Operário, Hino a São Vicente de Paulau e Hino a Jesus Por Maria, em 1937; Hino Para Recepção a D. Alexandre Gonçalves Amaral, 1939; Hino do Censo Nacional e Hino do Colégio Santa Catarina, 1940; Hino Paroquial da Igreja de São Domingos e Hino das Cooperadoras Dominicanas, em 1941; Hino do Grupo Escolar Minas Gerais, 1945; Hino do Conservatório Musical, 1949; Hino das Auxiliares Estigmáticas, 1952; Hino Uberaba Centenária, 1956.

VALSAS: — Lamento, valsa composta em 1907, e Inverno, do mesmo ano; Longe de Minha Esposa, 1908; Brisa do Mar e Inverno em Flor, Junto de Minha Esposa, Terra Natal, em 1909, Chiquinha, 1910; Iolanda, 1919; Carolina, 1914; Um Punhão de Rosas, 1922; Castelos de Areia, 1926; Diomira e Romilda, em 1927; A Nossa Valsa (homenagem às normalistas de 1936), 1936; Primeiro aniversário e Aniversário no Céu, em 1940; No Despontar da Vida, 1941 e O Vôo de Um Anjo, 1942.

MARCHAS: — Anita, 1936; O Aniversário de Chiquinha, 1918; Orquestra Colegial, 1922; Uberaba em Festa, 1917; Feliz Enlace, 1909; Clube Recreativo Operário, 1928; Áreas de Outono, 1907; Flor Mineira, 1907; Andaluza, 1910; Aniversário de Padrinho, 1909; Jockey Club, 1929; Inverno, 1909; Sonhar Fumando, 1930; Alvorada de Esperança, 1951; Lar em Festa, 1953; Anita, 1936.

MAZURCA — Saudades do Lar. 1.907; Gardênia, 1943; Coquinha, 1908, Longe do Lar, 1909; Impressões, 1907;

SINFONIAS: — Vida de Artista, Sinfonia para banda, 1.5.1906; Homenagem a Carlos Gomes — fantasia para clarineta, 29.11.1908; O Desastre do Arquidaban, 11.2.1906; Honra ao Mérito — grande marcha sinfônica; La Vocce del Cuore; Briosa, 1911.

FANTASIAS: — Pacífico Delírio, fantasia para clarineta, 1908; Iolanda, fantasia característica, abril de 1908; Em Alto-Mar, capricho fantasia, setembro de 1908; Regina, Fantasia sinfônica, abril de 1906, escrita na Itália; ímpetos D'Alma, maio de 1908; Heloisa, 1906;

QUADRILHAS: — A Tentação, 1918: Os Coiós; Os Anjos Que Dançam, 1907;

XOTE — Santinho, 1911; Marieta, 1914;

TANGOS: — Horas Felizes, 1928; ídolo, 1925; Mi Chapanitta, 1928;

HABANERAS — Meditando, 1914: Ao Amigo Distante, 1914; Doce Magia, 1909;

ERUDITAS OU SEMI ERUDITAS — Moteto À Santa Catarina de Sena, 1929; Eflúvio Matinal, melodia para violino e piano, 1948; Un Fiore, romanza para canto e piano, 1908; Lágrimas e Flores, elegia, para piano e orquestra, 1941: Ouverture, Op. 88, 1908; Mistero, canto, 1909; Uma Campanha Eleitoral (composta para a opereta homônima), 1940; Vivent les Fleurs, divertissement, 1935; Lira Caprichosa, peça para piano, 1937; Cantabile, para violino e piano, 1922.

DOBRADOS: — José Resende, 1908;

POLCAS: — Souvenir do Baile, 1908; Nair, polca para banda, 1907;

MÚSICAS NÃO CLASSIFICADAS: — Amor Trágico, 1912: Primogênito, 1913; Alvorada, 1945· Férias de Verão, 1910;

Com o recolhimento do material disperso e composto por Renato Frateschi, durante o longo período de sua existência teremos uma visão mais definitiva e global de sua capacidade de compôr. E, com possíveis recitais apresentados ao público, e constantes recitais em recinto internos feitos nos conservatórios da cidade, poderemos avaliar um dia sua qualidade de músico, e sua correlação no tempo e no espaço. (JM 21.03.76).

LORETO CONTI

A presença dos imigrantes italianos continua sendo notada no ambiente cultural das primeiras décadas da vida uberabense deste século.

Foi justamente nas décadas passadas, que a colônia italiana se impôs. Influenciou toda a vida da cidade. Introduziu os estilos neo-clássico e eclético. Nessa época, Uberaba conheceu um florescimento industrial até então desusado Nasciam pequenas fábricas. Pequenas indústrias. Notadamente dos imigrantes e filhos dos imigrantes italianos e espanhóis. Eram indústrias de refrigerantes, cerveja. Indústrias do vinho (feito da uva plantada aqui e e da jabuticaba). Sapatarias de ótima qualidade artesanal. Cerâmicas etc.

E a história dos compositores italianos radicados em Uberaba, não se difere muito uma da outra. Amantes da vida familiar, conseguiam esses italianos agradar a todos, à esposa, e à boemia, à autoridade e ao zé povinho, para usarmos um termo da época., Tempo, tinham à vontade, apesar das obrigações. Um estilo de vida ainda romântico e provinciano, permitia que se agradasse a Deus e ao Diabo.

Loreto Conti, um dos nossos mais importantes compositores deixou uma obra marcante.

Nasceu Loreto Conti em Ceprano (Lácio), Itália, em 30 de junho de 1887. Era filho de Antônio Conti e Felícia Sacachi Conti. Adolescente, com doze anos de idade, veio para o Brasil, acompanhando seus pais, que fixaram residência em Santa Rosa, no Estado de São Paulo.

Em 1904 a família Conti vem para Uberaba. Loreto tinha então 18 anos .

Aqui, a família viveu a vida de imigrante. Participando ativamente da vida da cidade. Amigo da boemia, Loreto viveu sua juventude. E aqui também conheceu Maria Flora Turati — ainda viva — com quem se casou.

Antônio Conti, em Uberaba, cuidou, a princípio, de explorar a indústria de cerâmica.

O jovem Loreto integrou, como músico, a Corporação Uberabense. Mais tarde passou a integrar a orquestra do Maestro Renato Frateschi, onde era clarinetista. Foi nesta época da Corporação e da orquestra de Renato Frateschi, que Loreto iniciou sua obra de compositor.

Alegrava a vida noturna de Uberaba com o seu grupo de serenata, formado, entre outros por: Francisco Pagliaro e Antônio Dolácio, este, considerado um excelente cantor na época. Era o tempo das serestas. Das noites de farra. De bebida boa e boa música com bons músicos. Ainda não existia — nestes termos a gente pode dizer nos bons tempos — a impertinente proibição de fazer serenata. A música era permitida a qualquer momento, mesmo nas mais românticas noitadas de lua cheia...

Foi esta vida de seresteiro que deu a Loreto Conti os momentos e o espírito para compor.

Aqui é que ele compôs sua obra musical e se firmou como artista nosso.

Em 1925 a família Conti vai à Itália, onde permanece por um ano . De volta ao Brasil, se fixa em São Paulo. Aí, tem início a uma segunda fase da vida de Conti, do musicista Loreto Conti. Na capital paulista ele vai ser organizador e diretor de orquestras, como por exemplo, a do "Parque Antártica" Prestígio e reconhecimento pelo seu valor de músico. Vivendo intensamente integrado no mundo musical, em 1928, vai para o Rio de Janeiro Na então denominada "Cidade Maravilhosa", organiza e dirige várias orquestras: Cassino Atlântico, Cassino Icaraí, Niterói, Cassino Tabaris, da Bahia, Cassino de Recife, Cassino Farroupilha de Porto Alegre, Cassino Guarujá, onde sua orquestra foi tida como a melhor e acompanhava o famoso **chansonier** da época, Jean Sablon.

Loreto Conti teve apenas uma de suas músicas gravadas, Cândida Doida, por Antenógenes Silva, célebre acordeonista, uberabense. Valeria a pena ouvir esta música. Cândida Doida foi inspirada no nosso folclore, numa música muito conhecida de todos: "Joguei meu chapéu pra riba, pra ver onde ele caía..."

LORETO CONTI

Loreto Conti faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 27 de setembro de 1956, às nove horas da manhã.

De tantas composições que deixou, consegui reaver um caderno de música, doado pelo filho Dr. Pedro Conti ao "Conservatório Musical Renato Frateschi". São 53 composições musicais contidas neste caderno. Outras músicas suas há, espalhadas pelas residências de pianistas. Mas, a relação de sua obra musical que publicamos aqui, é a contida no caderno de música de Conti.

A OBRA DE LORETO CONTI

Estas músicas foram escritas no período de 1916 a 1918.

VALSAS

Aninha, 23.9.1918; Americana, 22.9.1918; Saudades Paternas, O Fantasma do Mar, Lágrima Furtiva, Lucrécia, Falando ao Coração, Lábios Sorridentes, Letícia, Coração de Mulher, Albertina, Recordações do Pinhal, Vaidosa, Orgulhosa, Cristolina, Adeus Boulanger, Mariquita, Rosa Verde, O Amor Que Mata, Saudades de Mãe, Brisa de Amor, Sem Compaixão, Anítrebla, Caminho do Céu, As Marias, Neli, Amor Fingido, Boa Vista, Amor Sem Esperança, Lune de Miel, Ao Cair das Folhas, Crismando Um Amor, Soluços de Um Apaixonado.

MAZURCAS

Airosa, La Nena, Tentadora, Leader Club, O Riso de Quita, Lola, Não Sei, No Baile, Auristela, Visão da Saudade, Serenatista

TANGOS

Gaúcho, Fiteiro, O Garoto.

POLCAS

Dança das Cartolas.

XOTE

Sílvio Lobo, Augustinha.

HABANERA

Il Bacio del Mattino

Em 2.10.56 o falecido Maestro Renato Frateschi escrevia na sua coluna no jornal "Lavoura e Comércio", um parágrafo "Funerália" sobre seu amigo Loreto Conti:

"Colega e amigo saudoso, a lembrança que deixaste de tua peregrinação sobre esta terra, jamais se apagará, pois sempre existirão corações que saberão traduzir nos sons de tuas músicas os sentimentos de amor que delas emanam. Se tua imagem sumiu-se de nossas vistas, teu espírito continuará radiante de vida e nos acompanhar nas composições que nos legaste".

Porém, infelizmente Renato Frateschi falhou em sua profecia. Ela não se realizou. As músicas de Loreto Conti, entraram no esquecimento de todos. Não são tocadas hoje em dia em lugar nenhum, nem nas escolas, nem nos nossos programas musicais, nem nos conservatórios, como as músicas do próprio Renato Frateschi, também no olvido.

Houve um tempo em que a música tocada/cantada pelos seresteiros da cidade, eram só de compositores nossos. Nas reuniões, nas serestas, nas janelas das moradas, ouviu-se muito a valsa "Rosa Verde", de Conti. Com a mudança dos tempos, a chegada da comunicação de massas, a música dos nossos seresteiros foi relegada a planos inferiores, ou destruídas totalmente — JM 04.04.76.

JOÃO VILAÇA JÚNIOR

Mais conhecido como maestro, dono de conjunto regente de pequenas orquestras, João Vilaça Júnior foi figura constante no meio musical uberebense. Sua música mais divulgada, sem dúvida, foi a simpaticíssima "Marcha do Independente Atlético Clube", o time que foi glória do futebol uberabense das décadas passadas.

PEQUENA BIOGRAFIA

João Vilaça Júnior nasceu em Uberaba, em 1894. Era filho de João Rodrigues Vilaça que, ainda moço, foi membro da "Banda União Uberabense". Primeiro, João Vilaça, estudou música com o imprescindível Abdias, então regente da Citada banda. Interessado em conhecer música, continuou estudando-a sozinho . Tornou-se praticamente um auto-didata conseguindo com seu esforço e vontade se firmar como um dos compositores mais sugestivos da história da música uberabense.

Os primeiros instrumentos de João Vilaça Júnior foram a flauta e o trombone. Depois ficou definitivamente com a flauta. E foi assim que todos os seus contemporâneos gravaram sua figura. De bom flautista. E flautista foi sempre nas orquestras das quais fez parte ou organizou. Foi diretor da "Banda do Asilo Anália Franco", em Uberaba e quando saiu em excursão pelo Estado de São Paulo, indo até São Manoel, onde ficou estabelecido o Asilo. Foi diretor da então considerada ótima orquestra da "Confeitaria Central" por vários anos. Fez parte também da orquestra do importante cinema antigo, o famoso Politeama, na época sob a direção do maestro Pedro Gismarusti, substituído mais tarde pelo maestro Renato Frateschi.

Mais tarde, Vilaça organizou uma grande orquestra que por

muitos anos foi o sucesso musical de bailes e soirées dançantes da cidade, Foi esta época de sua orquestra, a temporada de efervecência musical de Vilaça. Eram ele e sua orquestra requisitada para todos os bailes e festividades. Trabalhou vários anos para o Jockey Club de Uberaba e Associação dos Empregados no Comércio.

O compositor e maestro João Vilação Jnior, regendo num baile do Jóquei Clube de Uberaba

A OBRA DE JOÃO VILAÇA JÚNIOR

Bem menor que a obra musical dos compositores até agora abordados por este repórter, João Vilaça Júnior nos deixou uma obra pequena, mas significativa, em termos regionais.

HABANERA — Muito Sofre Quem Ama e Evangelina.

CHARLESTON — Minha Uberaba.

TANGOS — Poema de Saudade, Lábios de Mel, Segredos, Pecados, Veneno, Luar Plangente, Céu Perdido.

BOLEROS — Tormentos de Amor, Tortura da Saudade, Razões do Coração.

FOX — Bailados de Estrelas, Almas em Flores, Destinos Iguais, Meu ideal.

SAMBAS — Você Gosta!..., Samba do Meu Brasil, Ai Morou te!...

CATERETÊ — O Terrível Leopardo.

MARCHAS — Odete, Guariba, Tetéia, Rainha 14 de Setembro, Pintinha, Miss Uberaba, Independente Atlético Clube, Esporte Clube Fabrício.

BAIÃO — Baião do Centenário, por ocasião do centenário de Uberaba.

Realmente uma obra pequena para quem se propõe compositor (e talvez Vilaça nunca tenha tido maiores impressões ao escrever suas músicas), o que nos leva a concluir que ele foi mais instrumentista que um compositor, mais um intérprete que um autor.

Em 13 de janeiro de 1963 falece João Vilaça Júnior. Sua morte é sentida, ainda numa linguagem conturbada da imprensa da época:

..."Músico de nomeada, ocupou durante muitos anos uma projeção de relevo nos círculos artísticos locais, como diretor de orquestra, como organizador de conjunto que tanto animaram as festivas reuniões sociais de nossa terra e, principalmente, como inspirado compositor, um dos mais fecundos de que há notícia na História de Uberaba... Casado com Adelina Felipe Vilaça, falecida em 1962. São seus filhos: Maria Sara Felipe Vilaça Lopes, residente em Iturama, e João Reginaldo F. Vilaça, residente em Porto Alegre, R.G.S.". (JM — 11.04.76).

ZEBU

CAMINHO DAS ÍNDIAS

CAMINHO DO PASTO

CAMINHO DO MUSEU

A CONQUISTA DAS ÍNDIAS

As índias foram no fim do século passado e no início deste, uma verdadeira obsessão dos brasileiros. Muito mais ainda dos uberabenses. Que para lá partiram através dos incertos caminhos. não mais em busca do exótico, mas de um novo elemento que viria a ser uma verdadeira riqueza nacional num futuro muito próximo.

O dia de hoje é marcadamente dedicado aos pioneiros da introdução do gado zebu no Brasil. Não somente aos que foram às índias, mas todos os que participaram, de modo direto ou indireto das viagens — os que encomendaram e financiaram as viagens — e aqueles que difundiram os exemplares puros e misturados de gado zebu pelo Brasil.

Um homem hoje, é mais homenagem que os demais. Um homem que veio de longe, selado num mausoléu de prata mineira. Um homem mineiro. Prata da casa. Prata, como é de prata seu caixão. Quem foi este homem? Um doente? Um poeta? Um sonhador? Um forte? Um lutador? De tudo um pouco. Antes de tudo um homem de fino trato, que jovem ainda, faleceu à procura da fortuna na misteriosa índia: João Martins Borges.

Como fazer um levantamento da vida e do trabalho deste homem, na atualidade? Como o tempo foi passando, as famílias, muitas delas foram se descuidando, deixando de conservar com o devido zelo, as cartas, retratos, cartões, artigos, que narram para nós, como documentação máxima, a saga do zebu. Porém, um homem de sensibilidade à flor da pele, nascido no ambiente de criadores de zebu, sendo ele mesmo mascate, há muito vem guardando, procurando e arquivando todo tipo de dados sobre o uberabense nas índias. Seu nome: Joaquim Adolfo de Carvalho Borges (Quinca). Com seu arquivo o repórter pôde revelar ao leitor o sentimental, humano mundo deste homenageado de hoje.

JOÃO MARTINS BORGES

João Martins Borges, nasceu na fazenda Canoas, Distrito de Tapira, Município de Araxá, no dia 01.07.1890. Dias depois, na fazenda Campo Belo, de sua avó materna, Maria José Ribeiro de Sousa, recebeu o sacramento do batismo, pelo Pe. Ananias Danzi.

Criança ainda, veio para Uberaba, com seus pais, por volta de 1896. Aqui a família residiu na então Rua Gutefberg, atual Rua Senador Pena.

No Triângulo Mineiro uma cidade florescia, sustentando-se na economia profícua, baseada em suas terras "de cultura" e em suas imensas lavouras de café: Conquista. Joaquim Martins Borges, pai de João Martins Borges, vendo o progresso que fortalecia o município de Conquista, adquiriu uma fazenda e lá se estabeleceu com a família, em 1902. Porém, João permaneceu em Uberaba, continuando seus estudos iniciados no vestuto Ginásio Diocesano, onde bacharelou-se — com mais sete companheiros — no ano de 1908, contando então com 18 anos de idade.

Rumando para São Paulo, João queria realizar um sonho e se matriculou no Curso de Engenharia da Politécnica. O desengano não demorou a vir, sobre este homem sensível. Teve de abandonar os estudos por motivo de enfermidade. Estava com apendicite, que na época era dos piores males. Poeta, sem deixar de ser dinâmico e empreendedor, João enfrenta a vida. Não podia continuar os estudos, mas trabalhar podia E trabalhou desde cedo. Foi ele um dos famosos e importantes mascates, que inclusive levou gado de Minas ao Rio Grande do Sul. Uma leva de gado zebu. Foi nestas viagens pelo país feitas em lombo de burros, que João percebeu a necessidade de melhores animas de custeio. Resoluto, partiu para a Itália a fim de buscar jumentos para a melhoria de nossas tropas. Dessa ida à Europa trouxe 30 animais

(entre os quais apenas uma fêmea) que foi vendida ao Sr. Carlos Benigno Pereira de Lira — no Estado de Pernambuco — outra parte desta tropa foi encaminhada para o Rio Grande do Sul.

JOÃO MARTINS BORGES

A vida de homem pensador, de sensibilidade aguda, fazia dele também um músico. Nos intervalos das penosas caminhadas, quando quietava tempos em casa, fundou, na fazenda da Lapa (Município de Sacramento, onde, inclusive escreveu grande parte de seus poemas) uma banda de música, que tinha como maestro, o famoso compositor de então, José Carlos da Piedade — que segundo muitos foi o verdadeiro autor da conhecidíssima música "Saudades do Matão". João era clarinetista e flautista.

O POETA JOÃO MARTINS BORGES

Sim, eu te vi passar e não me viste:
Ias tão descuidada a caminhar
Que nem lançaste mesmo o terno olhar
Da estrada ao lado onde eu quedava triste.

Passaste, eu te chamei, mas não me ouviste:
Falei mais alto, então pus-me a gritar,
Qual nada! Indiferente, sempre a andar
O teu caminho, altiva tu seguiste.

Vá, sejas, pois, feliz,...Oh! moça bela.
Com dignidade, murmurei então —
Hoje, tu voltas, não és mais aquela:

Tu já me vês e ouves bem, senhora,
As falas tuas, doces falas são,
Dizes d'amor... Mas é tarde agora.

João Martins Borges — Fazenda Lapa
Município de Sacramento, 12.03.1913.

DEPOIS DA EUROPA, AS ÍNDIAS SÃO DESCOBERTAS

O zebu demandava mais procura. Os primeiros homens que foram às Índias voltavam falando de suas aventuras. Em nossa região crescia dia a dia a crença do gado indiano. João planejava uma outra viagem. Associa-se ao coronel José Caetano Borges. Para esta primeira viagem às Índias, João convida um amigo seu, de Santa Rita de Cássia, João Carlos Salgado que aceita o convite. Era o ano de 1913. O navio "Princesa Mafalda" singrava o Mediterrâneo. Alto Mar. 22.06.1913.

Na Índia, João adquire 100 cabeças de reses (gir, guzerá

e kankreji), mas não lhe foi possível embarcá-las para o Brasil, porque estourara a Primeira Grande Guerra, João volta só

Sem se desanimar, mais tarde torna a voltar às Índias. Sozinho. Desta vez consegue trazer o gado comprado, passando pelo Mediterrâneo, embarcando o gado em Liege (Bélgica) e passando pelo por sul da França, Marselha. A guerra ainda fazia suas vítimas. No Brasil, o gado chega são e salvo e é vendido ao seu sócio, José Caetano Borges. Entre o gado que trouxe. três a quatro vacas gir, as primeiras a serem importadas. E' com o cruzamento dessas vacas com os bois guzerás, que se deu início a um novo tipo de gado, mais tarde chamado de indubrasil.

Em 1917, João Martins Borges faz outro contrato com José Caetano Borges, e empreende nova ida à Índia. Acompanhado de seu irmão Virmondes Martins Borges (Candula) e por seu primo Otaviano Martins Borges, João vai à Índia costeando a África. Caminho difícil, penoso, de vapor e de trem. A meta é alcançada. A Índia novamente lhe sugere, com seu realismo fantástico, com sua magia, suas vacas sagradas, seus mistérios soltos. Não era fácil de se adquirir o gado, considerado então mitológico. Já em princípios de 1918, tanto tempo passado longe de seus, de seu meio, que a saudade e tristeza tomam conta dele, homem culto, falador de inglês, francês e italiano.

Suas cartas revelam um sentimento cadente. São tristes e denotam a personalidade de homem instruído:

> "...De certo tempo para cá tenho observado, no fundo de mim mesmo, uma triste mudança. Fogem-se-me uma a uma, do coração, todas essas ingenuidades, todas essas fantasias, todas essas ilusões que fazem a alegria e sorriso, que douram a vida e fazem dela o sumo bem. E' um morrer de flores, um fim de primavera, destas flores, flores perfumadas da esperança, flores ideais do sonho, flores do prazer, flores que mortas, idas, não revirão jamais. Acorda-se dentro de mim um outro eu, séptico, desiludido, indiferente, que já parece ter libado o amargor de muitas ilusões, que já parece ter enxugado todos os cálices do desgosto, que já parece trazer na fronte cansada os vínculos e muitos sofrimentos...".

A linguagem rebuscada e romantizada de um homem no início do século!

Em certa ocasião, numa mesa de hotel em que se hospedava,

aproximou-se um cidadão indu na mesa de João, Candula e Tavico. Sem mais delongas, o indu pôs-se a descrever a personalidade dos três mineiros e alertou a João que a viagem que ele programara não deveria ser feita, porque esta lhe traria um fim trágico. João não ligou para a predição do indu. Tempos depois, parte. Durante a viagem toma uma injeção, a "914", tão em uso na época. Poucas horas depois, no Hotel de Calcutá, João Martins Borges veio a falecer, assistido por um padre católico, uma jovem do Consulado Brasileiro e um casal de hindus amigos. Calcutá 25.05.1918 — (JM — 19.10.75).

EPOPÉIA DE UM POVO

UM DIA SE ENCONTRARAM
O TURINO E O MALABÁ
UM, CUPIM NO CANGOTE
O OUTRO NA VOLTA DA PÁ

Datam de 1534 as primeiras entradas de gado com sangue zebu, ao Brasil. Foi um gado expedido do arquipélago do Cabo verde, pela esposa do donatário Martin Afonso de Sousa.

A criação de gado zebu no Brasil teve início na Província do Rio de Janeiro. Era apenas uma pequena mistura de sangue zebu no esparramado gado crioulo. O primeiro plantel de zebu, estabelecido no Brasil, foi o de Santa Cruz, nas proximidades do Rio. Dom Pedro I, tomando gosto na gestão de uma propriedade, fundou um haras e encheu os extensos campos da propriedade de animais e criações de várias espécies. Entre estas, estava um pequeno lote de zebus africanos, originário da região do Nilo.

OS PIONEIROS DO GADO ZEBU

Seguindo os pioneiríssimos Barão do Paraná, o Barão de Duas Barras, os Clemente Pinto e Manoel Ubelhart Lemguber que ainda no Império se revelaram no cenário nacional na vanguarda da criação de gado, os tão importantes barões do café, os criadores do Triângulo Mineiro se revelaram por sua coragem e sagacidade e criaram dentro da realidade e do mito, a epopéia do zebu. À epopéia das Bandeiras paulistas se seguiu a epopéia do zebu. A primeira, no século XVIII e a segunda, nos fins do século passado e início deste.

1879 — Crise no Triângulo Mineiro devido aos preços dos cereais terem atingido níveis extremamente baixos o que levou muitos dos fazendeiros a se interessarem pela pecuária.

1888 — Data da entrada do zebu, em Uberaba, segundo relata Durval Garcia de Menezes, quando Antônio Cachuca trouxe do Rio de Janeiro alguns garrotes de raça nelore vendidos aos criadores Delfino Gomes da Silva e Hipólito Rodrigues da Cunha.

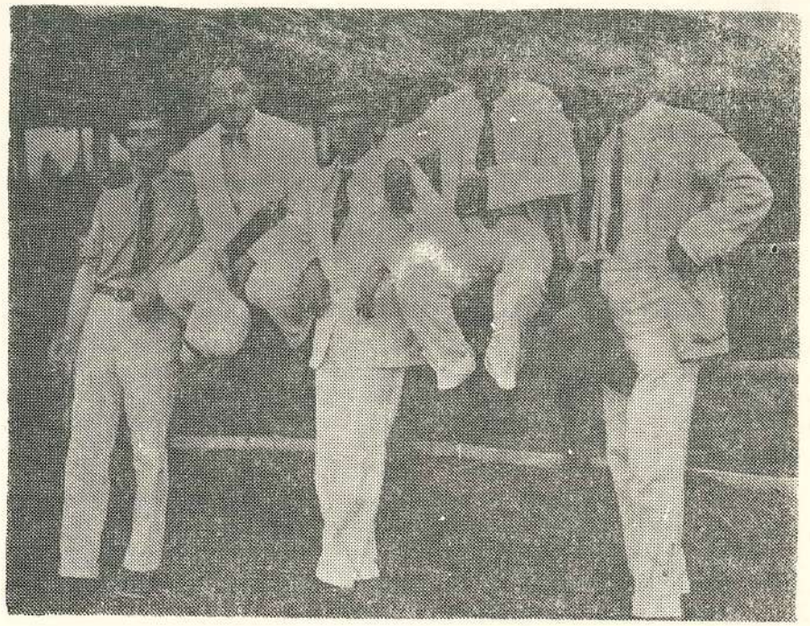
1889 — Manuel Rodrigues, da fazenda "Buracão", levou do Rio um lote, do qual vendeu um touro, o "Cacique" e duas vacas, a Eliézer Mendes dos Santos. No mesmo ano, Joaquim Veloso de Resende vende a Antônio Borges de Araújo, um touro que se tornou famoso, o "Lontra", ao preço de 4 contos de réis.

Segundo André Weiss, em "Os grandes reprodutores indianos no Brasil" — 1956 — Uberaba não foi apenas o grande centro de criação e seleção de gado de origem indiana. Muito cedo tornou-se o centro de irradicação e exportação de reprodutores para outras regiões de Minas, depois, para vários Estados e, finalmente, para o exterior. Mineiros, em sua maioria gente do Triângulo, conhecidos como "zebuzeiros" ou "mascates", através de mil dificuldades, foram levar aos pontos extremos do território nacional os mestiços e mais tarde animais puros, que apontavam aos fazendeiros como os elementos mais indicados para o levantamento dos rebanhos crioulos. Pela ação destes novos bandeirantes, em que se destacou um Lamartine Mendes, um Virmondes Borges e um Armel Miranda, teve início a "zebuição" do rebanho nacional e, com isso, novos mercados foram abertos, estimulando-se as atividades dos criadores do gado indiano".

MARSELHA (França)
URGENTE - CUIDADO

Um dos fatos mais curiosos da vinda do zebu da Índia para o Brasil, foi o ocorrido em Marselha, cidade francesa que desde o fim do século passado, havia comércio transacionado com Uberaba, quando esta lhe importou telhas e tijolos para a construção da Capela do Colégio Nossa Senhora das Dores, da igreja de São Domingos, e em várias residências de gente abastada da cidade: "Voltemos a 1912, ou 1913. Em Marselha, o grande porto do sul da França, Armel de Miranda tem uma partida de gado esperando embarque. Vacas mansas, descansam no porto, esperando outra viagem muito longa. Os currais, no vai-vem do gado, não suportam os esforços e deixam sair para as ruas civilizadas de Marselha um bando já desorientado de reses, que vão praticando estrepolias nas ruas da grande cidade. A correria é enorme, o povo foge apavorado, as vitrines são espatifadas por reses enfurecidas; os "gendarmes" atiram contra elas, matando várias. O dono do gado e os peões, de laço em punho, correm pelas ruas lustrosas, laçando e amarrando nos postes de iluminação. A gritaria é infernal e ninguém ouve — e nem entende — os pedidos para que não matassem as vacas, que o gado era manso..." (1)

(1) José Mendonça, "História de Uberaba", edição da A.L.T.M. e Bolsa de Publicações do Município de Uberaba, 1974.



MASCATES UBERABENSES NA ÍNDIA

OS MINEIROS QUE FORAM ÀS ÍNDIAS

Fora os seguintes mineiros que foram às Índias e trouxeram gado zebu: Coronel Teófilo de Godoi, de Araguari, o primeiro a ir à Índia, Alaor Prata Soares, Ovídio Irineu de Miranda, Teófilo de Godoi, Vigilato Machado Borges, Luís de Oliveira Vale, Ismael Machado, Felipe Achê, Otaviano Martins Borges, João Martins Borges, Virmondes Machado Borges, Vigilato Cruvinel, Vigi-

lato Diniz Mascarenhas, João Machado Borges, Guiomar Rodrigues da Cunha, Antônio Fontoura Borges, Antenor Machado de Oliveira, Teopompo de Almeida, Alceu Miranda, João Pinheiro da Silva, José Jorge Pena, Manoel Rodrigues da Cunha, José Caetano Borges, Lamartine Mendes, Francisco Rosa e Silva, Rodolfo Machado Borges, Vicente Rodrigues da Cunha, Manoel de Oliveira Prata, Geraldino Rodrigues da Cunha, Afonso Rato, Manoel Paula Lemos, Pedro Lemos, Cassiano Lemos, Godofredo Machado, João Urbano de Figueiredo, Neca Andrade, Segismundo Mendes, Edmundo Rodrigues da Cunha, Eliezer Mendes dos Santos, Teófilo Rodrigues da Cunha, Hipólito Rodrigues da Cunha, Luiprant Prata, Álvaro Rocha, Josias de Almeida, Ranulfo Borges do Nascimento, Nelson de Macedo Tibery, Leopoldino de Oliveira, Ângelo Costa, Alberto Parton, George de Chirée, Godofredo Nascimento, Orestes Tibery, Josias Ferreira de Morais, Fileto de Carvalho Miranda, Luís de Oliveira Ferreira, Armando Veloso, Adolfo Mendes, Adelino de Paula Leite e Quirino Pucci.

O "RUSH" PARA ÀS ÍNDIAS

A trasladação dos restos mortais de João Martins Borges, de Calcutá para Uberaba nos força a uma reavaliação dos acontecimentos que introduziram definitivamente o gado zebu no Brasil. Assim, a pesquisa nos livros e na imprensa local, bem como o contato pessoal com os primeiros homens que se mandaram para o país de Ghandi.

Na Rua Marquês do Paraná, 42, Alto dos Estados Unidos, reside um dos homens fortes do pioneirismo zebuino no Brasil. Otaviano Machado Borges Júnior (nascido no Desemboque, fazenda Boa Vista, município de Tapira, registrado em Uberaba em 1895), casado com Geni Ribeiro Borges.

INDIAN TELEGRAPHS O ID Darjeeling 19 11

Octaviano Borges Grand Hotel
Calcutta
Leaving Today to Calcutta

BORGES

This form must accompany any
enquiry respecting this
telegraphs.

Em agosto de 1917, Otaviano Machado Borges Jr., João Martins Borges e Virmondes Machado Borges (Candula) sairam

de Conquista (Minas Gerais) com a quantia de 20 contos de réis e fizeram a seguinte rota: Uberaba — Rio — Santos — Buenos Aires (onde permaneceram 9 dias). Com o mar Mediterrâneo interditado, pois a Europa vivia seus conflitos da Primeira Guerra Mundial, os uberabenses tomaram um navio japonês (neutro na Primeira Guerra) denominado Kifu Ku Maru .De Santos, seguiram para a África — Cidade do Cabo — (o sul da África foi percorrido de trem de ferro — Kaptan a Durban — (em Durban permaneceram dois meses) — No vapor inglês City of Manchester seguiram viagem — Bombaim (se hospedaram no Hotel São Paulo). Na Índia, João Martins Borges foi para Calcutá — Tavico (Otaviano Machado Borges Jr.) ficava transando entre Bombaim e Almedabah.

As impressões de viagem ficaram registradas nos bilhetes, telegramas e fotografias. O exotismo dos tropicos indianos. A veneração do gado. A vaca, nas ruas da índia tinham preferência no trânsito. Os imensos templos erigidos ao macaco (adorado na índia). a queima dos corpos, mortos enrolados em panos, nas praças públicas.

Destes três uberabenses na índia, apenas João Martins Borges falava outras línguas que não o português. Por sinal, ele era poliglota. Falava corretamente o inglês, francês, italiano e espanhol. Aprendeu ainda a falar o "guguerato" um dos trezentos e tantos dialetos indus. O próprio João Borges já tinha estado na Europa, onde adquiriu cavalos de raça européia para o Brasil.

Virmondes e Otaviano, aprenderam o inglês, de acordo com as necessidades, na própria índia, então sob a pata do leão inglês.

OPENED BY CENSOR CALCUTTA

Na cidade de Calcutá, morre João Martins Borges. Das injeções que tomara. Não obedecendo à prescrição médica de tomá-las em tempo certo. A porcentagem de arsênico contida nelas. Eis a causa mortis deste homem saído dos sertões mineiros. Sepultado no Christian Cemitery. Nesta ocasião, Tavico estava em Bombaim — três dias de Calcutá — quando João faleceu.

Então, o gado comprado por João, foi trazido ao Brasil, logo em seguida por Virmondes (Candula). Umas 250 reses trouxeram para Uberaba. Um goano de nome Bento, acompanhou os uberabenses até aqui. E dois indus, acompanhando "o gado que criaram' vieram parar em Uberaba, onde residiram como trabalhadores, durante meio ano: Abdula e Guberiah.

"Suponho que depois de amanhã, chegaremos a Colombo, o navio, devido à má qualidade do carvão vai fazendo uma média de 10 milhas por hora.
A cada passo eu me lembro de vocês;

lastimo muito a sua sorte e a nossa; a sua por ter ficado e a nossa por termos perdido a sua muito prezada companhia. O tempo tem estado chuvoso, o dia de hoje está melhor, mas o mar tem estado ótimo.

...Espero que vocês muito em breve deixem as Índias, conquanto seja problema muito sério a obtenção de vapores para o gado. Tenho esperança que mais cedo do que pensam, todos partirão sorridentes em busca da Pátria querida, que eu com a graça de Deus já vou buscando".

Esta carta de membro do governo brasileiro, amigo de Tavico, nos dá bem a idéia de que as idas à Índia, não conferem com a idéia que se possa fazer hoje em dia, do que seriam estas "viagens loucas". Um turismo forçado. Apenas o gado justificava a ida até àquele país tão longínquo.

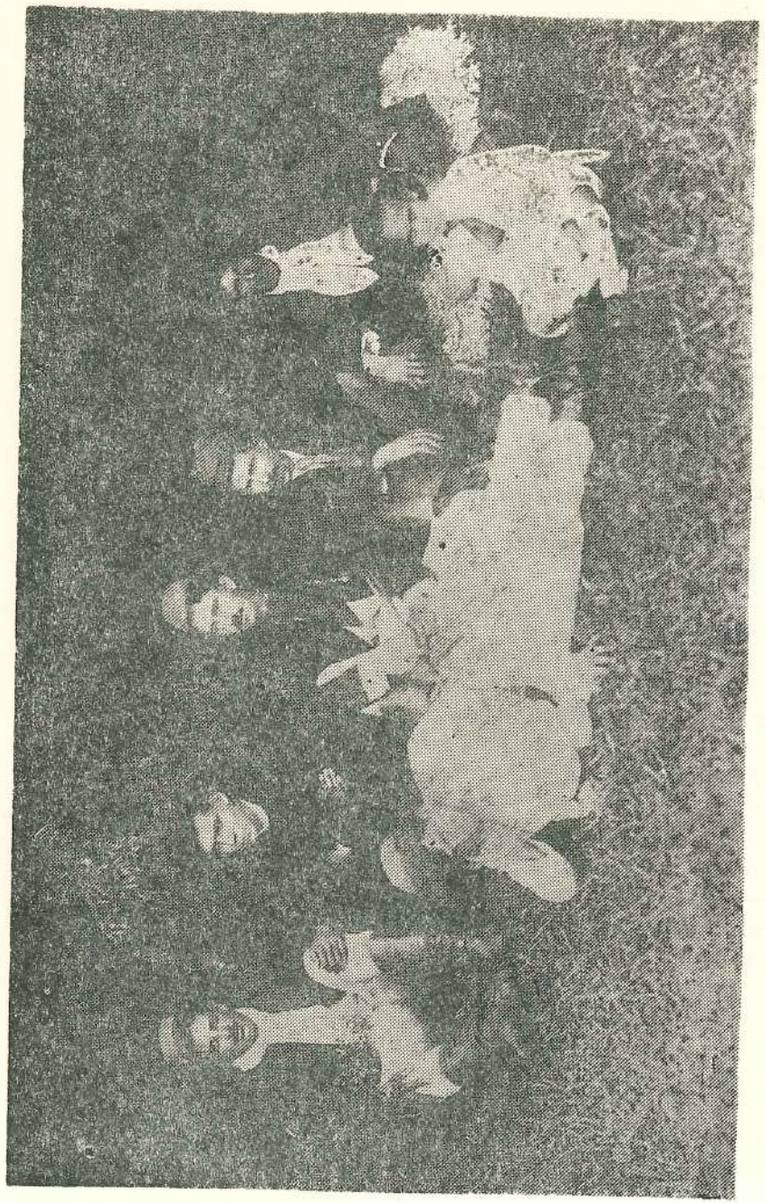
A volta de Candula e Tavico ao Brasil, não foi menos perigosa e arriscada. Uma tempestade colhe o navio, fazendo desastres, arrebentando com os currais, espalhando o gado. Passada a tempestade, a calma volta aos mares, e um primeiro bezerro nasce em alto mar. A esperança do uberabense cresce e aporta aos portos brasileiros, aos chapadões triangulinos.

Por iniciativa da ABCZ, (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu), uma homenagem será prestada a todos aqueles que se dirigiram nos tempos idos, à Índia em busca do gado zebu. Nesta ocasião fará vir da Índia, os restos mortais do uberabense falecido em Calcutá, a 25 de maio de 1918, João Martins Borges — (JM 05.10.75).

AGONIA DOS MASCATES

Mascate — mercador ambulante que percorre as ruas e estradas a vender objetos manufaturados, panos, jóias etc. — Alcunha depreciativa dada outrora aos portugueses do Recife pelos brasileiros que habitavam Olinda, e da qual veio o nome à Guerra dos Mascates, começada a 1710, em Pernambuco, entre as duas facções. (Dicionário do Aurélio).

Tendo surgido o mascate no Brasil desde os tempos de sua colonização, esta figura herdeira de uma tradição árabe, foi das mais divulgadas, desde a Colônia até hoje. Até fins do século passado essa função de mascate ficava a cargo do português. Com a imigração árabe para a América e para o Brasil principalmente, houve adesão do mascate mais autêntico, o próprio homem do Oriente Médio. E ficaram conhecidos em todo o território nacional: "turcos", que, numa coragem e ânimo incríveis percorreram as zonas mais desertas, desoladas, os lugarejos mais longínquos e difíceis dos confins deste Brasil adentro. E nas fazendas, quando chegavam, todos se reuniam à sua volta, na varanda da casa sede. Eles que caminhavam léguas a pé — como acontecia no Sul de Minas — ou a cavalo, onde as distâncias entre fazendas eram maiores, como foi o caso do Triângulo Mineiro, carregando às costas o pesado baú. Este baú, era dividido em três partes superpostas. Na parte inferior, ficavam os tecidos finos, as sedas, mousselinas, as "batistas". No meio, os sabonetes finos (Reuter, Santelmo), e na parte superior, as miudezas, como os perfumes, as fitas, os chamalotes, águas de cheiro, os alfinetes de pombinhas e bijuterias diversas. A noite, eles se recolhiam à alcova da casa um quarto que dava para a sala e não tinha janelas, para evitar surpresas desagradáveis: alguém da casa de relações com o estranho. (Depoimento de Dr. Edelweis Teixeira).



MASCATES UBERABENSES NO R. G. S., NO INÍCIO DO SÉCULO

"O MASCATE ESTA' SENDO ABANDONADO. ESTA' DIFÍCIL DAR O SEGUNDO PASSO"

A ORIGEM DO MASCATE DE GADO

A figura do mascate de gado, surgiu da tradição árabe/luso — quando se começou a intensificar a criação de gado no Brasil Central. Com a vinda do gado zebu das Índias, o comerciante ambulante, (aquele que saía de fazenda em fazenda, de feira em feira vendendo tourinhos mistos de zebu), se estruturou melhor. Até então, o termo, ainda hoje meio pejorativo de mascate, ficava aos portugueses e árabes. Foi com o tempo e com a necessidade econômica, que o brasileiro aprendeu a lição desses dois povos. O brasileiro que antes — no caso de Olinda — havia gozado os mascates, ou o fato de "ser mascate", aderiu enfim à prática secular de mercantilismo.

O MASCATE DE GADO MAIS ANTIGO

Na entrada da pequena chácara Santa Edwiges, no Alto das Mercês, pertinho do cemitério, há restos de antigos portais. Hoje, desmoronados. O carro do repórter corre pelos caminhozinhos feitos em duas fileiras no meio do pequeno pasto. No fim, uma casa pequena, um pouco maltratada pelo tempo, deixando ver as várias cores por que já foi pintada. Na varanda, uma mesa pesada já perdeu a cor, deu no cerne. O cachorro amarrado na corda. A caixa de marimbondo no forro do alpendre assegura ainda que há sorte naquela casa. Uma poltrona descolorida tem almofadas de retalhos soltos. Num grito de "Ô de casa", surge o dono da casa, um senhor simpático, abatido. Ele aparece de calça de pijama e camisa. Pede desculpas por se encontrar naquele estado. "E' o calor". Ameaça entrar e trocar de roupa, mas é convencido a permanecer mesmo naquele estado de lazer. Voam e piam tristes pássaros pretos.

"TERNO BEM TALHADO: PALITO' E CALÇA BRANCA — LINHO 120"

O cão não ladra, nem morde: Venta uma coisa tristinha no ar, quando o repórter principia a folhear o álbum antigo de fotografias. Alí está o entrevistado elegante, bem vestido. A roupa chique da época. Os ternos bem talhados. De linho 120. Os palitós listrados sobre a calça branca. Os sapatos bi-colores. As mulheres lindas, dos anos 30. Misses, com "pega-rapaz". Uma vida de gentleman, convivendo os bons lugares da época. A bela fotografia, feita pelo entrevistado, num barco, dia de pescaria, nas beiras do Rio Grande. Os importantes amigos políticos. O cabelo bem penteado com gumex, mostra a face bem talhada. Agora vejo o ho-

mem atual. De chinelos. Calça de pijama e camisa de mangas curtas:...

"O GAROTO QUE IRIA SER DOUTOR ACABA, NO RIO, MUDANDO O SEU DESTINO"

Chiquito Rosa. Nascido em 1898, a 29 de março em Uberaba. Filho de um dos homens mais ilustres e importantes do fim do século, o jornalista de "A Gazeta de Uberaba". Tobias Rosa e Zulmira Ribeiro Rosa. Nesta cidade, Chiquito Rosa, passou sua infância, e estudou no Ginásio de Uberaba. Adolescente ainda, foi para o Rio de Janeiro. Tentar continuar os estudos. Era o ano de 1915. O Rio vivia ainda seus momentos decorativos da belle-époque. Mas, o mineiro, no Rio, no cais do porto estava atento a um navio que chegava de longe. Que atracava no porto. Carregado de gado. Zebus vindos da Índia. Com a vinda desse navio, uma nova fase surgiria na vida deste homem uberabense.

A VOLTA AS ORIGENS

Armel Miranda, cunhado de Chiquito, acabava de chegar das Índias. E o encontro dos dois, o fez voltar para o interior. Uberaba, ainda citada como cidade do sertão. E com 17 anos, aquele que saiu de Uberaba para se tornar possivelmente um doutor, principia num outro ramo de vida. Vai ser mascate. Mascate de gado. Vai ser zebuzeiro. Vai lidar com boi. E vai para o Rio Grande do Sul, vender um lote de 200 cabecas de gado, tourinhos mestiços. "Gastamos oito noites e oito dias, num trem cargueiro, tratando do gado". Acompanhado de ajudante, chega a Cruz Alta. Neste mesmo ano falece o inteligente Tobias Rosa. O filho, longe mesmo, coloca a faixa de pano preto no braco, sobre a manga da camisa. Em Cruz Alta, dispersos, cada uberabense para cada lado, montados a cavalo. Tentando vender o gado, de fazenda em fazenda. O gaúcho era arredio ao zebu. Entre 10 fazendeiros, um apenas era adepto ao gado indiano. A venda do gado é difícil. O uberabense, passa sede, fome, frio. Desanimado, Chiquito Rosa toca para a Argentina. Levando consigo fotografias do gado indu. No país vizinho, ele é motivo de riso: "Os argentinos olhavam as fotos do gado zebu e riam, diziam que aquilo não era gado; eram bichos do mato". Aproveita a viagem e vai conhecer Buenos Aires. No zoológico da capital, vê um casal de zebu. Um par de missores". De volta ao Brasil, em Uruguaiana, consegue vender o gado restante. Por 4,5 contos de réis e por várias vezes volta ao Rio Grande do Sul.

1919 — Tenta uma etapa desconhecida de todos. Conquistar o comércio do Norte do País. Parte para Santos e embarca seu gado. Entre Rio e Vitória uma borrasca apanha o navio, fazendo perder algum gado e ferir outros. Pelos portos do Nordeste e do Norde,

Chiquito Rosa ia vendendo seu gado. Alí em Salvador, notou que o baiano preferia um gado mais fino. E chegou, até o Pará. Estava assim aberta a primeira "picada" comercial para o nosso gado mineiro indiano. O bandeirante volta outras vezes ao Norte. Publica dados sobre a chegada de seu gado nos jornais de Salvador. E alí mesmo faz amizades e relações. O Norte mostra-se bom freguês Pernambuco, Ceará, Maranhão etc.

Chiquito ouve uma canção de carnaval surgida na época,

"O meu boi morreu
Que será de mim?
Manda buscar outro, ó maninha
Lá no Piauí!"

A música fez Chiquito pensar no Piauí, como bom local para se aplicar o gado. E para lá vai o Chiquito. Tocando sua boiada Seus tourinhos. — "Tinha uma estrada, de São Luís a Terezina, muito ruim; nos grandes rios, o gado tinha de atravessar a nado, ou em balsas. E lá eu me encravei. Um gado ruim, mas muito barato. Não tinham entusiasmo nenhum. Eu acabei vendendo o gado por 500 réis a cabeça, pela metade do preço. Isso, depois de um mês que eu fiquei lá".

"O ENCONTRO DO MASCATE E O MAIOR "INIMIGO" DO ZEBU"

Conta seu Chiquito Rosa, que uma vez, muito entusiasmado com o progresso do Estado de São Paulo, foi para lá, levando uns tourinhos para vender. "Por ironia do destino fui parar na casa do sábio Luís Pereira Barreto, até então o maior inimigo do zebu. Ele que manteve campanha nacional contra a importação do zebu. Isso em Pirituba". Depois de residir no Rio, transfere-se para São Paulo. Onde fez excelentes negócios. "Veio a febre do zebu, que qualquer pintadinho valia uma fortuna. Comprei gado demais. Depois, veio a queda. Perdi tudo o que tinha. Aí, voltei de novo para Uberaba. Com uma mão adiante, outra atrás. Fase difícil!"

Aqui, de novo, Chiquito Rosa passou a vender "titulos de capitalização", ao lado de Dr. José Walter Miranda.

Cinquenta e tantos anos de mascate, de zebuzeiro.

"Viajei o Brasil inteiro. Tomei sol e chuva. Aprendi a usar bombacha e a dormir debaixo dos cinamomos, pois quando não nos hospedavam nas casas das fazendas, tínhamos de dormir debaixo das árvores"

O vento passa no alpendre. Nenhum som de pássaro, Só o canteiro de picão balança. "Há 12 anos não sou mais ninguém Que estou afastado de tudo há 12 anos por todas as razões. Doença e velhice".

"ERA O CAMINHÃO OU NADA. ELE ADERIU AO CAMINHÃO"

Fim da década de 40. Início da década de 50. Surgem os primeiros caminhões. Fase ruim e competição desonesta para com o mascate de cavalo e trem. Quem não aderiu ao caminhão ficou para traz. "Eu aderi em 1952" — diz Chiquito Rosa.

A ASSOCIAÇÃO DE MASCATES DE ZEBU NO BRASIL

Em 1968, já com uma história bem longa pra contar, e sentindo, perto, uma necessidade de se agruparem e defenderem os interesses seus, criou-se em Uberaba, a Associação dos Mascates de Zebu do Brasil. Principia naquela época uma necessidade de valorização, não só do seu tipo de trabalho, como também do secular conceito, ou melhor, preconceito a que vem sendo subjugada a própria denominação de seu trabalho: mascate.

"LAMARTINE MENDES O MAIOR DE TODOS"

A diretoria da Associação ainda é a mesma, formada há anos atrás. Encabeça-a os srs., Balduino Souza Neto, Joaquim M. de Souza e Djalma Ferreira Rocha. Essa diretoria, tenta uma nova fase, projetando renovar a si própria e receber o apoio da Associação dos Criadores de Gir, "que prometeu nos amparar, porque eles sabem da necessidade de apoio, à parte comercial, tanto que esta associação está no Nordeste, enquadrando o Gir no plano da SUDENE e da SUDEP", no dizer de Souza Neto, um dos conhecidos mascates uberabenses. Balduíno Souza Neto sente uma necessidade de valorização do mascate. Cita a homenagem prestada a João Martins Borges — a trasladação dos restos mortais deste homem, de Calcutá para Uberaba — como uma homenagem justa, e que "ninguém deve se esquecer, que antes de tudo, ele era um mascate; que trabalhou para um outro homem, que também havia sido mascate, José Caetano". Comenta ainda a dificuldade por que passa hoje em dia o mascate. "A Associação dos Mascates, hoje, não tem condições nem de tirar a guia para comerciar. A não ser para exposições. O mascate está sendo abandonado". E, meio desolado, lembra da dificuldade que houve para o mascate, quando surgiu o caminhão, novo meio de transporte, concorrendo desonestamente para com ele. Até que o próprio mascate se viu na obrigação de aderir definitivamente ao caminhão "Hoje, o problema é mais grave, as dificuldades são maiores para o mascate, e o nosso problema é não sabermos como dar o segundo passo para o adiantamento do trabalho do mascate". A inseminação artificial é também outro elemento concorrente e negativo para o mascate, porque diminue suas funções. Outra preocupação da Associação dos Mascates muito mais fácil de resolver, sem dúvida, do que as citadas acima — é a homenagem ao mascate, edificando-lhe uma estátua. Num desenho mal feito, numa folha de papel, seu Balduíno mostra ao repórter um projeto do que seria o futuro obelisco, o que nas mãos de um artista seria bem melhor projetado, claro. Antes de mais nada, a homenagem justa que deve ser prestada e apoiada. Principalmente nas mãos de um artista, se possível não acadêmico, que ao elaborar o monumento, desse à cidade não só uma homenagem ao mascate, mas também uma obra de arte, que valorizasse a arte pública de nossa cidade. Fica a minha sugestão: que a obra seja realizada por artista de qualidade como um Bruno Giorgi.

Citando Evaldo Pinto Cruz — como a maior revelação de mascate atual — e o idoso e obrigatório Lamartine Mendes como o maior mascate de todos os tempos no Brasil, seu Balduíno Souza Neto espera chances melhores, vindas de fora, para poder assim, perpetuar um uso milenar de transação comercial. — (JM 01.02.76)

MUSEU DO BOI

A palavra museu pode ocorrer num significado terrível: o de uma cacaria amontoada. E ainda mais: num ambiente de terror: cômodo (incômodo) semi-escuro, múmias ambulantes, peças estáticas, estátuas estupefadas, santos assustados, urinóis, arrepios, escarradeiras, aranhas, velhos retratos de coronéis balofos mulheres carrancas de branco para espantar maus espíritos, calafrios: enfim, um prato cheio para um filme de Alfred Hitchcock

Considero óbvia a necessidade da criação de um museu em Uberaba. Não simplesmente para termos um museu, porém, porque a história da cidade e sua formação, sua localização geográfica, o exigem. Não um museu, apático. Nunca um depósito de quinquilharias. Mas, um museu no cenceito moderno de museu. Local de dinâmica de trabalho. Onde as mostras se renovam. Onde se discute. Se teima. Se solucionam e explicam coisas e temas. Mostras e conferências. Ilustrações com fotografia. Slides. Televisão. Cinema. O conceito atual de museu é muito mais de mobilidade.

Mas, porque Uberaba tem necessidade de um museu? Museu de que? "Todo povo tem seu patrimônio de cultura que deve aprender a conhecer e a utilizar" nos ensina Nestor Goulart Reis Filho. E qual então é o nosso patrimônio de cultura?...

Não acredito que a saída para um museu uberabense seria a corrida imediata e irracional direta aos antiquários da cidade. Museu não é antiquário... O que nos adiantaria reunir alguns obetos de decoração, uns retratos do Barão de Ponte Alta, um vasinho aqui, uma dentadura acolá? A "cacomania" tão em vigor atualmente dizimou o que tínhamos de mais familiar e o que é pior, vendeu tudo para as capitais. Acredito também que não seria essa a nossa necessidade mais imediata. Essa idéia

de ajuntar trastes deixemo-la ao desdeixado Museu de Dona Beija de Araxá.

Dois elementos constituem realmente um patrimônio de cultura uberabense. Não se pasmem, por favor: são eles: o dinossauro e o boi .

DINOSSAURO E BOI

Enquanto as alunas formadas pelas faculdades de filosofia mineiras, sonham com os costados do Ceará, e suas descobertas paleontológicas, a poética Estação de Peirópolis, da saudável Mojiana, ainla continua sendo — descaradamente ignorada por todo o povo uberabense — PARQUE NACIONAL DO DINOSSAURO.

Não é de hoje que Uberaba envia para o Rio de Janeiro e São Paulo e daí, talvez, para outros museus internacionais, toneladas de fósseis. Mas, a briga dos dinossauros virá depois. Vamos ao segundo bicho: O zebu.

Nada mais uberabense, nada mais vinculado à nossa realidade social e histórico/cultural do que o boi. O boi zebu. A própria figura do fazendeiro, ainda hoje o mais peculiar personagem da tipologia uberabense, deveria ser tema de estudo e documentação. Iniciada no fim do século passado, a saga do zebu na Índia, fez principiar para nós, um "currículo histórico" de importância nacional e internacional, dando a Uberaba o privilégio e autonomia da descoberta de várias raças de gado condizentes com a nossa realidade climática. O desenvolvimento do gado zebu em Uberaba, se refletiu em todos os setores da cidade, principalmente, e de vários modos, na economia pastoril brasileira. Nada mais uberabense que a figura do fazendeiro. Desde Bernardo Guimarães, se inspirando em nossos fatos rurais, até hoje. Comenta-se inclusive, ironicamente, haver na cidade uma "mentalidade de zebuzeiro", quando se quer justificar um atraso de vida, ou a falta de difusão da cultura nesta cidade. Ou quando, por exemplo, se derruba um e o único teatro na cidade. Todos dizem. "Ah! isso é terra de zebuzeiros!"

ABCZ E SUAS REAIS CONDIÇÕES

Nascida "Sociedade Rural do Triângulo Mineiro" e tornada "ABCZ", órgão nacional, sabe-se que esta entidade que realmente tem condições máximas e reais de montar um MUSEU DO BOI, em Uberaba. Nada mais justo que ela, a ABCZ, para perpetuar a história do boi. Inclusive no caso das tão conhecidas e necessárias doações, a ABCZ está com tudo, com gente de posse es-

palhada pelo Brasil todo, que, como fizeram com a Faculdade de Zootecnia, não negaria nunca a doação necessária. Aqui fica a minha idéia, que reflete, creio eu, uma necessidade histórica nossa, muito coerente com o próprio desenvolvimento da ABCZ, e com a cultura do Brasil Central .

AS QUESTÕES DO MUSEU DO BOI

O que reuniria esse Museu do Boi?

Selecionei alguns dados, que considero mais importantes:

1º) — Epopéia do Zebu. Constaria esta seção de depoimentos dos homens que foram à Índia, comentários em livros, revistas e jornais e outras publicações que comentassem a saga do zebu, bem como arquivo fotográfico (cartões postais, fotos, pinturas e gravuras) que retratem as viagens dos uberabenses e mineiros ao Oriente.

2º) — Desenvolvimento da Raça Zebuína. Dados técnicos do desenvolvimento da raça zebuína.

3º) — Histórico dos Fazendeiros. Formação das primeiras grandes e importantes fazendas triangulinas e genealogia das famílias rurais (depoimentos, fotos, etc.) .

4º) — Arquitetura Rural — Parte importante do museu, onde se retrataria as várias fases da arquitetura rural triangulina. Ainda hoje tão rica, principalmente nos municípios de Conquista e do Prata.

5º) — Histórico das Exposições de gado em Uberaba, desde a primeira, em 1911.

6º) — A história dos mascates de gado, suas aventuras, depoimentos, fotos e importância na economia e penetração do gado nos diversos Estados brasileiros.

7º) — Biblioteca de formação/criação do gado, no setor técnico.

8º) — Característica marcante de um Museu, a formação de sua pinacoteca, com formação de acervo — pintura, escultura, fotografia, desenho, gravura, etc. Incluiria aí também o setor folclórico, lendas e casos de bois, inclusive, o famoso Bumba Meu Boi, que é tão nordestino, mas de interesse também nosso, pela temática que aborda.

9º) — Formação da biblioteca cultural, abrangendo literatura, poesia, ensaios, história, teatro, sociologia, etc.

Formação de um acervo no qual se reuniria demonstrações da influência e presença do gado nas artes brasileiras, tais como na literatura (Guimarães Rosa, Bernardo Guimarães, Hugo de C. Ramos, Euclides da Cunha, Bernardo Élis etc.), na poesia (Bueno de Rivera), na música (folclórica, popular e erudita), na tapeçaria, nos bordados, no teatro, no cinema, na escultura, na numinsmática, na filatelia, etc.

10º) — O setor de conferências e debates. Não se admite um museu parado, estático. A dinâmica é o sinônimo de Museu. Conferências, exposições, aulas, seminários e debates, se revezam, de tempo em tempo, dando assim ao Museu, um significado de andamento e atualização com a mais sofisticada metodologia da criação do gado.

São estes, a primeiro modo de ver, os 10 ítens, que acho necessários à formação do nosso Museu do Boi.

UM EXEMPLO NACIONAL DO MUSEU

Na cidade matogrossense de Cuiabá, está o verdadeiro exemplo de como se deve ser um museu brasileiro. E o papel que cabe a ele desempenhar na realidade brasileira atual. Coordenado pelo jovem casal Aline Figueiredo e Humberto Espíndola o "Museu de Arte e de Cultura da Universidade Federal de Mato Grosso", abordou para si, a temática, o índio. Nada mais lógico, visto que é o Mato Grosso ainda um Estado em que se encontram tribos indígenas e foi fortemente marcado na sua história e formação pela presença do indígena.

"O MACP, optou no sentido de concentrar-se em um tema nuclear, escolhendo-o precisamente por sua direta ligação com a vivência passada e presente local: o índio, visto não com olhos de turista, mas com interesses de compreensão, levando e debatendo seus problemas através de um ciclo de exposições na área das artes visuais, porém armados de intenções interdisciplinares.

O ciclo de exposições/estudos tem como objetivo propiciar tanto ao público como aos artistas, aos estudiosos em geral e ao próprio Museu a oportunidade de participar de uma reflexão conjunta sobre comportamentos atuais de nossas manifestações plásticas em relação ao estudo de um dado problema brasileiro.

Para atingir os objetivos do ciclo de exposições/estudos em torno do nosso elemento étnico indígena, ele se propôs — o Museu — uma estratégica que inclui: 1) mostras individuais de artistas brasileiros cujos trabalhos abordem direta ou indiretamente o tema em questão; 2) durante cada mostra um estudo com a participação do artista, críticos de arte e outros especialistas; 3) viabilização, aos artistas expositores, de contatos que lhes permitam ampliar ou reavaliar a linha de reflexão que informa seus trabalhos plásticos; 4) solicitação, em caráter especial, a um estudioso de arte, do processamento crítico do ciclo em suas afinidades temáticas e, a um esctudioso de cultura brasileira, um trabalho na mesmã linha, visando ao enfoque fenomenológico do ciclo enquanto proposta cultural; 5) mostra coletiva posterior dos artistas participantes, com trabalhos realizados após a experiência propiciada pelo MACP, e que possam definir-se no mesmo conjunto temático para verificar o retorno das propostas e experiências resultantes do ciclo. 6) enriquecimento progressivo do plano inclusive com a edição de um livro catálogo registrando os resultados obtidos".

Adaptando as condições do MACP, as nossas realidades e aos nossos interesses, e substituindo o índio pelo gado, quanto à temática, é esta a nossa intenção, o objetivo realista de nosso Museu do Boi.

APROVEITAMENTO CIENTÍFICO E CULTURAL

A formação, pela ABCZ, de um Museu do Boi, ocorreria para nós como a realização de um ideal e uma necessidade. No caso do Museu do Boi, além de estarmos coerentes conosco mesmos, com a nossa realidade social, teríamos alí, um forte material de pesquisa e de inspiração aos artistas, de todos os campos das artes. Também no campo científico, daríamos aos pecuaristas, nos debates e conferências atualização e informação no campo técnico de criação e desenvolvimento do gado (JM 01.02.76)

FOLCLORE
DATAS E FESTAS
TRADICIONAIS

A FOGUEIRA ELETRÔNICA DO SÉCULO XX

Quem passou a noite de São João, no Rio de Janeiro viu um cenário deslumbrante: a poesia dos balões subindo aos céus cariocas. O fluminense ainda gosta de homenagear os seus santos, e, cristão ou pagão, ele não perde o costume de fazer festas. Pra Deus ou para o Diabo. Na macumba Na festa de São João. Assim, se Lamartine Babo fosse vivo, poderia ainda crer na verdade de sua marchinha, que encerra, além de poesia, uma verdade dos costumes tradicionais brasileiros:

Chegou a hora da fogueira
E' noite de São João
O céu fica todo estrelado
Fica o céu todo enfeitado
Pintadinho de balão.
Pensando na cabocla a noite inteira
Também fica uma fogueira
Dentro do meu coração.

Aqui, em Uberaba, ninguém viu um balão se eventurar no espaço sideral. Nenhum balão tentou ganhar a leveza pelo ar. Nenhum balão arriscou ser confundido com estrela errante. Meteoro. Esputinique. Diante da "lareira eletrônica do século XX". ou melhor dizendo, diante da TV, o povo vê a recomendação do governo para que não solte balão. Perigo há. O de incendiar. Fogo na roça. Fogo no mato seco. O mineiro, se por um lado obedece ao governo ficando pacato diante das manifestações das festas juninas, por outro, ele desobedece e não muda de opinião: ele mesmo ateia fogo à sua roça. Ao campo. Queima ele mesmo, sua própria propriedade. Não arreda à tradição mais nociva que qualquer outra: a de formar sua lavoura após a inccerente queimada da terra

Quando eu era pequenino
De pé no chão
Recortava papel fino
Pra fazer balão.

De um modo ou de outro, de vários modos, o uberabense, e o brasileiro em geral, vai perdendo seus costumes. Cedendo a outros. Certamente menos participantes. Menos seus. Como o gosto pela TV. E as festas juninas, se continuam a ser tão comemoradas por uma faixa etária, no nosso caso, pelos adolescentes, vai perdendo muito de seu paladar primitivo. De sua mania de aventura. Podemos dizer que a festa junina se acultara, dia a dia. E o exemplo máximo disso é a fogueira: antes, de lenha grossa, queimando, e mantendo sua função necessária, a de aquecer as pessoas, nas noites frias de junho. Agora, a fogueira é estereotipada. Falsa. Há lenha fina. Formada cuidadosamente em arapuca. Mas, fria. Dentro dela um ventilador, ligado à eletricidade, sopra as tiras de papel celofane: outra lareira eletrônica do século XX? Ah! sim! Fogueira eletrônica do século XX!

Rosa Maria levanta dessa cadeira
A noite está tão fria
Vamos acender a fogueira.

Seria impossível, alguém, na magalópole carioca acender uma fogueira no bairro de Copacabana, Flamengo, Ipanema. Como também ninguém acende fogueira na Rua Tristão de Castro, Santo Antônio, ou na antiga Avenida Brasil. Festa junina tem de ter fogueira E fogueira se acende na porta da rua. Dizendo: aqui há festa de São João! O mastro é levantado com antecedência. Nele, além dos enfeites de laranja e limão-china espetados nas pontas dos bambus, os santos de preferência do dono da casa. Santo Antônio- Tradicional santo casamenteiro. São João. Tradicional data de batismo e ligada sempre a casos amorosos. Nas festas de São Pedro e São Paulo, o foguetório parece ser mais forte, de tiros inclusive, e de bombas estrondosas.

Eu pedi núma oração
Ao querido São João
Que me desse o matrimônio
São João disse que não
São João disse que não
Isso é lá com Santo Antônio.

Se na zona urbana, não é possível mais se acender fogueira, na zona suburbana, sim.

A FOGUEIRA NOS ALTOS

Percorrer os subúrbios. As ruas descalças. De gente descalça também. De gente humilde. Como aquela gente da modinha do Chico Buarque.

Entre mangueiras. Bandeiras ao vento noturno. Cercas de bambu. Cercas de arame de farpa. Rente aos largos quintais. Os mastros fincados. A cada quarteirão há um mastro de santo. Embandeirado. Enfeitado. Com tiras de papel crepom. Essa bandeira colorida, religiosa, se agita junto ao vento que sopra nas árvores. Se encarde junto ao pó que o redemoinho (ou o pé-de-vento) levanta da terra fofa. O mastro, assim, me parece a poesia fincada ao chão. Então se descobre que a poesia não chega aos céus, sem os balões. Mas se estende para ele, com raizes na terra, em forma de mastro. Dança não há Pelo menos nesses subúrbios desordenados. Aqui está a paisagem drummoriana. A fogueira enfim descoberta. Acesa. Na porta de casa. Como convém. O fogo arde na lenha madura. Um fogo preguiçoso. A família está parada. Estática. Como numa fotografia. A família morde um naco de mandioca. Possivelmente. De quando em vez bica um pouco de quentão. Um chá de canela. Mais nada. Não faz tanto frio assim para a família, são dez pessoas ao todo em volta de uma fogueira, se encolher tanto. São tantas as fogueiras acesas nesse subúrbio uberabense! Tantos mastros levantados! Mas, as pessoas parecem ausentes. Na sua maioria, estão vendo televisão. Ligada alto. Outros, dentro de casa, bebendo. Ninguém se arrisca mais a pular fogueira. A brincar e se aquecer, mais da sanha do que do frio, em volta dela. A lenha arde. Solta fagulhas no ar. E é como se atingíssemos a leveza. Mas, o coração parece — parafraseando ainda o Drummond — estar seco. Há fogueira. Mas, não há festa.

Implorei a São João
Desse ao menos um cartão.
Que eu levava a Santo Antônio.
São João ficou zangado
São João só dá cartão

Com direito a batizado.

Contraste espantoso das festas juninas dos subúrbios, com a das famílias abastadas. Nestas, indiscutivelmente, há alegria. Todos se vestem de possíveis roceiros. De roupas rodada. Chapéus rasgados. Todos se fantasiam! De roupas remendadas. Botinas desbeiçadas. Não se usa meia. Quando usa é furada. Os ricos ainda procuram imitar uma fala. Forçam, com certa graça, ou falta de graça o erro de concordância das frases. Nas festas suburbanas ninguém se fantasia de nada. Ali não há fantasia. Há apenas a

realidade. De que ninguém tem cultura e escola suficientes para se aprender o português correto. Se não usam meia, é porque uma tradição se mantém de não usá-la. E mais ainda porque o salário não dá para tanto. A roupa é remendada porque se gasta no trabalho. Alegria não, absolutamente. Porque não há motivo para isso.

São João não me atendendo
A São Pedro fui correndo
Nos portões do Paraíso,
Disse o velho num sorriso:
Minha gente sou chaveiro
Nunca fui casamenteiro.

Este ano, as festas juninas em Uberaba se triplicaram, de maneira tal, que ninguém poderia passar sem pelo menos ter boas notícias delas. Essa maravilhosa volta às nossas tradições, revive um momento realmente belo e interessante. As colunas sociais se encheram de notícias destas festas. E quantas outras festas houveram, colunáveis, ou não? Sem dinheiro não há alegria. E a classe mais abastada pode ver seu forró mais movimentado.

Um fato que me chamou a atenção de modo peculiar nestas festas juninas, pelo menos as que eu frequentei, foi a predominância do adolescente. E a quase ausência total de adultos. Os adolescentes se interessaram de tal maneira pelas festas juninas que tomaram conta dela. Aprenderam a quadrilha, o quentão, a pipoca, o amendoim torradinho, a batata doce assada, a cana picadinha, o pé de moleque (com gengibre, assim como o quentão) a boa pinga. Faltam aprender ainda o milagre e a alegria da fogueira. Essa participação dos adolescentes é muito positiva. Eles nos asseguram uma tradição secular. Até mesmo o "correio elegante" é lembrado pelos jovens. O que era uma necessidade, um meio de comunicação numa época, é hoje revivido, como elemento de decór, como alusão, a um tempo em que o amor e a amizade já não se expressam mais desta tal maneira, por meio de bilhetes, com versos rimados, indo e vindo por meio de mão amiga. Não é sem ressentimento, e um certo gosto pelo patético, que Noel Rosa, compôs uma das maiores obras primas do cancioneiro popular, ambientada nesta festa também de gosto tão popular:

Nosso amor que eu não esqueço
E que teve seu começo
Numa festa de São João
Morre hoje sem foguete
Sem retrato e sem bilhete
Sem luar sem violão.

E como num bilhete incruento, como um bilhete que vai além da poesia banal do correio elegante:

Nunca mais quero o teu beijo
Pois meu último desejo
Você não pode negar

Aculturadas, nostálgicas, revividas, as festas joaninas e juninas parecem procurar reviver os seus melhores momentos, sem dúvida, já idos. Mesmo com a fria "fogueira eletrônica". Se existe otimismo no mundo de hoje (onde?) é que estes adolescentes, ricos ou não, possam desligar essa fogueira eletrônica da eletricidade e volver ao fogo das fogueiras naturais, do fogo da lenha, justamente eles, que vivem a idade do fogo do corpo. (JM — 01.07.77).

SEBASTIANA

Isso foi sucedido. Um caso de assombração. Quem tem fé não duvide não. Quem não tem, não deboche também não. Na casa dum pessoal, um estranho barulho. Num havia nada. E a porta da casa rangendo que num quietava nada. Noutra noite, fazia treva. Num tinha xícara na casa. Não tinha bacia na casa. Vinha lá aquele barulho de xícara raspando bacia. De arrepiar. Outras vezes, alguém tava coçando os pés da gente. E não se via ninguém. Com um pouco, vem aquilo. Naquele fogo vermelho. Fazendo barulho que nem roupa engomada. Um dia teve brincadeira. Todos foram pro pagode. Eis que um passou pela casa fechada e vazia. O dono fora. E viu a casa toda aberta. Sem ninguém. Aquele fogão pegando. Os donos da casa foram avisados. Voltaram na carreira e não era nada. Entraram. Viram só um homem pequetito. Mas, muito gordo. Era o Coisa-Ruim.

Esse, e outros, é um dos casos contados por Dona Sebastiana, uma preta cheia de simpatia, comunicativa e boa prosa. Residente na Vila Frei Eugênio, numa casa simples, com a filha e a neta. Todo mundo já criado. O terreiro é limpinho. Pouco espaço. Porque dona Sebastiana gosta de plantas e no terreiro dela tem de tudo. Bem plantado. Bem cuidado: manga bourbon, cravos, dálias, saudades, milho verde. laranjeiras, sabugueiro, catinga de mulata, alecrim e malva. Tem arruda, comigo-ninguém- pode, avenca e begônia. A casa é limpinha. O chão encerado de vermelho. E Bastiana sabe receber e prosear com todo mundo. Lavando roupa para fora, com a idade avançada de 70 anos. A memória lúcida desta avozinha. A vivacidade da mente. O bom humor e o espírito de brincadeira contradizem um pouco com seu andar dificultado. Aí está uma figura humanamente integrada. A memória do povo. O acervo folclórico. A cultura dos antigos passada de mão em mão. Um patrimônio humano. Sua figura, sua fala, seus gestos e principalmente sua lucidez, fazem de Dª Sebastiana um arquivo. Seus casos seus desafios aprendidos na roça, seus versos que contam dos negros escravos, a alforria, tudo junto prova que uma

pessoa vale tanto o que ela sabe. Nascida no então Arraial do Desemboque, tendo vivido grande parte de sua vida em Sacramento, há 20 anos vive em Uberaba.

A PRETA SEBASTIANA, DONA DE UMA MEMÓRIA PRODIGIOSA

OS "CAUSOS" CONTADOS

1º) — O CASO DA FILHA DO REI QUE QUERIA SE CASAR COM O CONDE, HOMEM JA' CASADO

Rei — Diga minha filha, diga
Cum quem vóis qué casá

Princesa — Eu quero casá com o conde
Que tem muié e fio!

Rei — Coisa que eu não pensava
Com esse desgosto ocê
num me daria.
Deixá tanto moço sorteiro
Pra casá cum pai de família.

Princesa — O Sinhô chama ele
Pra jantá cum nóis um dia.
No meio do meu jantar
O Sinhô falaria
"Ocê mata sua muié
Pra casá cum minha fiá".

. . . . . .

Conde — Senhor seu rei
São coisas que eu num fazia
De matá a minha muié
Pra casá com sua fia

Rei — Cala, cala senhor conde
Com o rei eu não profia,
Vai buscá a cabeça
Nessa dourada bacia!

Saiu o conde chorando
Chorando por desmazelo

Conde — (Pra sua esposa)
Vim buscá sua cabeça
Nessa malvada bacia

Mulher do Conde — (Dando de mamar ao filho)

Mama, meu filhinho mama
Enquanto você tem vontade
Que hoje você tem sua mãe
Amanhã você tem madrasta.
Debaixo de falsidade

Mama meu filhinho, mama
Que esse leite é da amargura
Hoje, tou na minha vida
Amanhã, na sepultura.
Mama meu filhinho, mama
Que esse leite é da paixão
Hoje, estou na minha vida
Amanhã, tô no caixão.

Deu um vento no craveiro
A roseira esfloresceu
O sino já bateu
Vai ver o que aconteceu!

— A condessa ficou viúva
A princesa é que morreu.

O CASO DO REI

— Seu rei mandô me chamá
Pra casá com sua fia.
Eu mandei dizê a ele,
Que agora eu num podia.

Que já tenho uma doença
Que até parece graça
Mandaro eu comprá remédio,
Eu errei, comprei cachaça.

Torna a mandá me chamá:
"Vá casá cum uma das fia!"
Eu mandei dizê a ele
Que agora eu num podia.

Eu quero 500 contos
Também quero uma fazenda
Com toda tesouraria.
Também quero uma invernada
Com quatrocentas novia.

Quero um laço na garupa
Com 25 rodia
Que dum lado, laço vaca,
Do outro, laço novia.
No meio, laço menina
No ponto do meiodia.

Quero uma espingarda laporte
Que veio de La-Portaria

Inda bem eu num caçava,
Todas caça aparecia.

Quinela bem eu num atirava
Todas caça já caía.
Inda bem eu num jantava
Minha muler já fazia.
Quinda bem num assava,
Meus fio, já comia.

E do boi quero
Quero o cifre, quero a guampa
E dos baláio, quero fundo, quera
tampa!

O CASO DA HERANÇA

Minha vó quando morreu
Me deixô uma herancinha
Me deixô uma casa véia
Me deixô uma despencinha

Me deixô um mandiocal
Me deixô um puleiro de galinha.
Me deixô uma preta véia
Criando uma pretinha.

Me deixô uma vaca véia
Criando uma bezerrinha,
Me deixô uma égua véia
Criando uma podrinha,
Me deixô uma porca
Criando uma roinha.
Me deixô uma cachorra
Criando uma cachorrinha.
Me deixô uma gata
Criando uma gatinha.
Me deixou uma franga
Criando uma pintinha.

O fogo deu na casa
Me queimou a minha cosinha
O teba deu na horta
O gato nas galinha.

O sarampo deu na preta,
Catapora na negrinha,

A peste deu na vaca,
Migradeira na bezerrinha.
Batedera deu na porca,
A peste na porquinha,
Pelada deu na gata,
Mim matou a gatinha,
O gogo deu na franga
O caroço na franguinha
O berno deu na cachorra
Bichera, na cachorrinha.
De modo que se acabou
Tudo o que minha vó tinha.

O CASO DA CAPA QUE VIRAVA CANOA

Na beira de um rio tinha um homem. Que quando dava na dele atravessar esse tal rio, tirava a capa, igual de boiadeiro que ele usava nos ombros, jogava ao rio e dizia assim: "Bendito, malvado seja!" Aí, a capa dele virava uma canoa, e ele passava para a outra banda do rio. Era esse homem, o canoeiro dalí. Um dia veio um padre que queria atravessar o rio. O canoeiro aceitou. Mas, o padre ao ouvir dizer o "bendito malvado", consertou para "bendito louvado". Assim, a capa afundou e afogou o padre no rio. Daí em diante, o canoeiro continuou levando os outros à outra margem do rio, dizendo "Bendito Malvado Seja!"

O CASO DOS PRETOS ESCRAVOS

Quando batiam no escravo, o preto Ezequiel, no cativeiro, cantava assim:

"A alfra eu livre nasci
Fui preso, vendido,
Cativo me vi.

A minha mulher
Esforçada deixei
O pobre filhinho
Nem mais avistei

Na coiêta do café
E na ranca do feijão
O negro ficou tão bão
Como tão bão.

Os branco se serve
Com todo respeito
Eu, vendo chicote,
Ainda sujeito.

Meu marido tem paciência
Tudo o que Deus faiz é bão
Você vai cedo pra roça
E eu madrugo no fogão.

Meu bom Pai do céu
Ainda tem inderência
Ouvi minha voz
E dai-me clemência

Sou preto e sou velho
E não sou desprezado
Pra todo serviço
Sou ainda chamado

Os branco se serve
Com todo rigor
E eu por ser negro
Ainda tenho o Senhor

Marido chamou mulher
Pra fazer exclamação
Eu me acho muito triste
Moça rica no fogão

Um escravo fugiu, o capitão do mato o achou e o levou ao seu dono. Aí, o negro gritou pro dono dele:

"Calor, calor
Qué abrazar um poco"
O dono respondeu: "Bacalhau, bacalhau!
Quer abrasar-te o rabo!"

Negro-Cortina verde serei meu descanço
Patrão - Corrente de ferro, serei encosto
do seu pescoço.

No ano de 88
No 1º de janeiro
veio uma lei do governo
que veio contra o fazendeiro
O ário ficara livre
O povo ficou banzeiro
A promessa da rainha
Acabou-se o cativeiro.

Os negro ficaro liberto
Acabou-se a judiação

Eles agora são livres
E' tão bão como tão bão.

DESAFIOS

1) Desafio, desafio
Nunca foi bão
Por causa de desafio
Já dei muito pescoção.

2) Num canto desafio
Num quero desafiá,
Desafio mata a gente
Eu num quero me matá.

3) Você diz sabe, sabe
Eu digo que saiba bem
No meio do Padre-Nosso
Quantas palavras têm?

4) Meu amigo, meu colega
Com reza eu não aprefia,
No meio do Padre-Nosso
E' pão nosso de cada dia.

5) Quando eu vim da minha terra
Trouxe forma de vadio,
Trouxe um letreiro na testa
Pra cantá o desafio.

6) Eu sou aquele moreno
De você não tenho medo
Eu canto desafio
Até na ponta do dedo.

7) Dei um tapa na peroba
Pra raiz arrebentá
Serro tábua de dois dedo
No ar e sem brandiá.

8) Atirei com a garrucha
No morão de uma porteira
Morão era de bálsamo
E arrancou lasca de aroeira.

9) O arco do meu pandeiro
Que de arco virô rio
Eu mandei fazê o barco
Eu mandei vir o navio.

10) O arco do meu pandeiro
Que de arco virô mar
Eu mandei fezê o navio
Pro povo navegá.

11) Meu amigo companheiro
Você num pode ir comigo
Puxa o banco pra sentá
Quem não pode num deve cantá.

12) Você pra cantá tropica
Eu canto sem tropicá

13) Eu, mais os meu companheiro
Tamo certo pra cantá
Eu já vi arribulero
Derrubá jequitibá.

14) E' no meio de tanta gente
Que mentira veio contá
seis verdade, seis mentira
Tem você pra confirmá

15) Eu dei um pulo pra cima
Caí no mesmo lugá
Na altura da tua cabeça
Finquei esteio e fiz currá.

16) Na ponta da linha
Tirei corda pra laçá
Os garrinhaque ficou
Eu fiz sessenta bussal

OUTROS DESAFIOS

1) Eu sou filho do Barbadura
Neto do Barbadurão
Mato dez, mato cem
Com a bainha do facão

2) Arranco pau, arranco raiz
Sem fazê sinal no chão
Ranco língua com fissura
Sem bulir no coração.

3) Quero que você me diga:
Donde que gerou o truvão?

4) Gera da força da terra
Gera do bafo do chão.

5) Subi serra de fogo
Co'a precata na mão.

6) Subi as nuvi pra cima
Pra falá co'o truvão.

7) Cabra, conheço perigo
De cutuvelo bramão.

8) Olê, olê, olê Olá!
Trupiquei no pé da mãe,
Fui caí no pé do pai.

9) Trupiquei no corredô
Fui sai lá na cozinha
Caí por cima da criança
Quais que matô a coitadinha.

Meu pandeiro novo
Do arco do jequetibá,
O coro do boi mestiço
foi tirado a bera mar.

Tenho um pandero novo
Foi feito em Nazaré
Quem toca nesse pandero
Num é home, é muié.

Tenho um pandero novo
Foi feito em São João
Quando meu pandero bate
Aparece dois truvão.

DESAFIOS — CASO DA LAGARTIXA

1) Fui andá no meu caminho
Encontrei u'a lagartixa
Eu tirei o pé de banda
E disse: Bom dia, sua bicha!

2) Eu sô uma muié casada
Ocê num cunhece meu marido
Tem a cacunda listrada
E um tanto de rabo comprido

O FRANGO E O GALO

1) O franguinho mais o galo
Dorme no puleiro.
Se o galo facilitá
O frango canta primeiro.

2) Num tenho medo de galo
Nem de frango de topete
Galo, mato de faca
Frango de canivete.

3) Num tenho medo de home
Nem que ele venha danado
Nem que ele venha dos quinto,
Nem que ele venha dos inferno
Fedeno pena de pinto

5) Num tenho medo de home
Nem do bufo que ele dá
Porque o toro China
Também berra na portera do currá.

1) Meu cumpanheiro
Porque você num canta
O sapo passô no peito
Deixô cobrero na garganta

2) E agora vou cantá
Quinda hoje eu num cantei
Vou experimentar minha guela
Sinda tá como eu deixei.

3) Você num pode ir comigo
Você num pode cantá
Eu sô aquele moreno
Que apanhei ponto no ar.

4) Sê sabe fazê foice
Mais num sabe temperá,
Você sabe amarrá verso,
Mais num sabe desatá.

5) Adizata, adizata
Ainda torno a dizatá
A chuva grossa num me molha
Sereno que me molhá?

1) Sai daqui cachorro magro
Num meche no meu fogão
Vou dá parte ao seu sinhô
Que te prenda no cambão.

2) Sai daqui cachorra seca
Num meche nas minhas panela
Vou dá parte ao seu sinhô
Que te prenda numa trela.

1) Da palma nasceu o palmito
Do lamito nasceu a palma
Quero que você me diga
Quem intrô no céu sem alma.

2) Do palmito nasceu a palma
Da palma nasceu o palmito
Quem intrô no céu sem alma
Foi a Cruz de Jesus Cristo.

(JM — 14.12.75).

O ROMANCEIRO POPULAR DE JULIANA

A sabedoria popular, denominação certa que surgiu para bem substituir o termo folclore, revela, nos seus momentos mais inesperados, as mais agradáveis e surpreendentes surpresas.

A sabedoria popular é de uma fecundidade e de uma vitalidade incríveis. E como ela tem o poder de preservar um fato, conservar um drama! Guardar os segredos dum crime de amor..'

O povo tem mais facilidade de conservar, de guardar o canto. A poesia já se perde com mais facilidade. E para se registrar um fato então, para se contar um caso, a maneira certa foi sempre fazê-lo cantado. Assim, através de séculos se preservou, histórias de amor entre princesas e nobres, reis incestuosos, fadas e bruxas. Podemos nos surpreender, se um parente nosso principiar a contar/cantar um caso vindo através de geração e geração, desde a Idade Média até nossos dias. E' aí que a sabedoria popular nos encanta com suas surpresas mais agradáveis.

O ROMANCEIRO TRADICIONAL DE JULIANA

"Cada pesquisa da literatura oral realizada no Brasil apresenta surpresas que vêm amenizar os prognósticos pessimistas da acelerada destruição dos tesouros do romanceiro tradicional guardados na memória popular. A cultura de massas, levada às mais distantes e segregadas regiões pelos modernos veículos de comunicação, gerou desde logo o receio, e quase pânico, do esquecimento e gradativa extinção dos cantos tradicionais. A transmissão oral através de gerações, durante séculos, entraria em processo de regressão para dar lugar à canção urbana nacional e estrangeira, pela intensidade de sua divulgação".

Já no século XVIII os alemães se apressavam para colher, nas diversas regiões do país, os cantos populares, pois era a

última oportunidade que ainda dispunham, pois daí a meio século seria tarde demais.

Exagero ou não, a verdade é que o romanceiro cantado persiste mais do que se pode pensar. E em todas as gerações acaba surgindo uma pessoa de idade a transmitir esses cantos para as novas gerações. "Nos dias atuais, paralelamente ao rádio e à televisão, às revistas em quadrinhos e de fotonovelas, continuam a circular, nas camadas populares, aqueles cantos de amor, engano e sofrimento, de heroismo, coragem e cavalheirismo correntes na vida cotidiana espanhola, já no século XVI". (Bráulio do Nascimento. O Romanceiro Tradicional no Brasil, Revista Cultura nº 11).

Os portugueses receberam esses contos da Espanha e os passaram para o Brasil.

O primeiro brasileiro a cuidar dessa coleta de cultura popular (romanceiro tradicional) foi o maranhense Celso de Magalhães (1849-1919), que divulgou (ainda segundo Bráulio do Nascimento) no quinzenário O Trabalho, no ano de 1873 vários cantos e o primeiro deles é também o mais famoso e o mais popular no Brasil. Trata-se de Juliana. Eis, na íntegra (ainda segundo a revista Cultura) o texto publicado em 1873, por Celso de Magalhães:

"— Deus vos salve, Juliana, no teu estrado assentada.

— Deus vos salve, rei D. Joca, no teu cavalo montado.

— Rei D. Joca, me contaram que tu estavas pra casar?

— Quem te disse, Juliana, fez bem em te desenganar.

— Rei D. Joco, se casais tornai ao bem querer, poderás enviuvar e tornar ao meu poder.

— Eu ainda que enviúve e que torne a enviuvar, acho mais fácil morrer do que contigo casar.

— Espera aí, meu D. Joca, deixa subir meu sobrado, vou ver um copo de vinho que pra ti tenho guardado.

— Juliana, eu te peço que não falsas falsidade.

Vejais que somos parentes, prima minha da minha alma.

Que me deste Juliana, neste copinho de vinho, que estou com a rédea na mão, não conheço o meu caminho?

A minha mãe bem cuidava que tinha seu filho vivo.

— A minha também cuidava que tu casavas comigo.

— Ó meu pai, senhora mãe, me bote sua benção, abrace bem apertado o meu maninho João.

Meu pai, senhora mãe, me bote sua benção;
Lembranças a D. Maria, também à D. Merência.

A minha alma entrego a Deus, o corpo, a terra fria, a fazenda e o dinheiro entregue a D. Maria.

— Cala a boca, meu D. Joca. Ponde o coração em Deus, que este copo de veneno quem te há de vingar sou eu.

— Já acabou-se já acabou-se, ó flor de Alexandria!
Com quem casará agora aquela moça Maria?
Já acabou-se, já acabou-se, já acabou-se já deu fim.
Nossa Senhora da Guia queira se lembrar de mim".

É ainda Bráulio do Nascimento que nos informa que este romance cantado é dos mais antigos e que Menéndez Pidal encontrou registro dele no século XVI, numa Ensalada de romances viejos, de um pliego impresso por volta de 1560, em Burgos.

JULIANA E D. JORGE

Desde a minha infância eu sempre ouvi cantar esse conto de Juliana e D. Jorge. Desde as sestas tiradas depois das refeições, quando minha tia Cecília se punha a contar casos e cantar esses cantos. Já na adolescência e juventude atual, os ouvia e os ouço constantemente da voz de minha tia, entremeados aos seus afazeres domésticos.

Há de se notar a importância da preservação e da cultuação do romanceiro cantado, ainda meio não descoberto pelos críticos literários do Brasil. Essa coleta desses romances cantados ha de ser feita nas suas variaçõe, de Etado, de região para região, pois. são estas variações que imprimem em si o caráter da própria região e de seu povo.

Assim, eu transcrevo aqui a "nossa" versão de Juliana, ouvida e gravada das vozes de minha mãe (Mariana Abdanur Nabut) e minha tia (Cecília Abdanur Stephen):

Mãe —
Que tu tens ó minha filha
Que estás triste a chorar?

Juliana —
O mamãe é que eu soube a notícia
Que Dom Jorge vai se casar.

Mãe —
Bem te disse, ó minha filha
Não quiseste me acreditar
Que Dom Jorge amava outra
E vivia a te enganar...

Juliana —
O mamãe não faz
O Dom Jorge hei de vingar
Se ele não casar comigo
Nem com outra ele há de casar.

Ó mamãe lá evém Dom Jorge
Amontado em seu cavalo
Trazendo uma fitinha preta
Apertando sua cinturinha

Dom Jorge —
Que tu tens ó Juliana
Que estás triste a chorar?

Juliana —
Ó Dom Jorge é que eu soube a notícia
Que você vai se casar.

Dom Jorge —
E' verdade, ó Juliana
Vim aqui pra te convidar.

Juliana —
Ó Dom Jorge espere um pouco
Que eu vou subir o meu sobrado
Vou trazer um copo de vinho
Para festejar o seu noivado.

Dom Jorge —
Que puseste neste vinho, ó Juliana
Que minha vista escureceu
Não enxergo o meu caminho
E nem o meu cavalo.

Juliana —
Foi veneno, ó Dom Jorge
Que eu pus para te matar
Você não casou comigo

Nem com outra hás de casar.
Ó mamãe matei Dom Jorge
Matei com toda razão
Dom Jorge amava outra.
Deixou dor no meu coração.

Mãe — —
Ó Juliana lá vem o sargento
Com dois soldados ao lado
Vem prender a Juliana
Que matou seu namorado.

Era costume nos tempos de infância e adolescência de minha tia se fazer representar nos auditórios e teatros esse romanceiro cantado. Se usavam então poucos atores, como a própria música pede: a mãe, Juliana, Dom Jorge, e os soldados. Nos teatrinhos de sala de visitas e de quintal, predominava o sexo feminino nessa representação — (JM 01.04.77).

MARIA GIRIZA

A ORGIA DA GIRIZA E SEU SURREALISMO

Quando há alguns anos atrás vi pela primeira vez, a fotografia do grupo de artistas Dzi Croquettes, de imediato, me lembrei da nossa Banda da Maria Giriza. Coincidência ou não, aquela **troupe** de artistas que se exibia no Rio e em São Paulo, com sucesso, estava levando ao palco um espetáculo há muito já inventado e conhecido em Uberaba. Mudando a concepção de ser travesti no palco (passando para trás a mania duvidosa tipo Cocinelli ou Rogéria, o homem imitar perfeitamente a mulher, se disfarçar de) e optando por uma idéia muito mais original, mais engraçada, e criativa, que é a de se vestir de mulher, adaptar ao corpo às partes mais femininas que o homem não tem, sem contudo perder certas características masculinas, ou melhor não escondê-las. Como deixar as pernas cabeludas de fora. O decote do vestido mostra os braços troncudos e as costas musculosas. A maquilagem no rosto não esconde os bigodes, ou a barba mal feita. Sapato de salto alto. Sombrinha e bolsa de mulher. São acessórios imprescindíveis. O resultado é o melhor possível. E' ao mesmo tempo fantástico, esdrúxulo, cômico, imaginativo, excitante e totalmente desengonçado Aquelas nádegas arrebitadas a poder de enchimento de pano. Maminhas avançadas com exagero, com bolas de plástico. A mini-saia ganha aí a homenagem, visto que é a mais despudorada das sáias. Aliás, é o despudor uma característica inegável dos elementos da Banda da Maria Giriza. Carnaval é a despedida da carne — como nos ensinou a própria Igreja — haveremos de nos despedir dela, sem nunca esquecê-la, nem abandoná-la... Se a sociedade, o **stablishment**, nos obriga a um comportamento tal durante todos os dias de nossa vida, no carnaval há uma coisa, já antiga, que nos facilita fugir dessa obrigação: a máscara de carnaval, (persona para os antigos latinos) E debaixo dessa multidão de máscara, a Banda da Maria Giriza faz seu alvoroço, sua safadesa, seus despropósitos — por sinal, mui-

to a propósito — sua arrelia, sua bulinação com a platéia, que acaba sorrindo, com... ou sem graça, coisa também que o teatro viria usar, década atrás, em peças tipo "Roda Viva", com os atores mechendo com o público, fustigando-o.

OS INSTRUMENTOS E OS BICHOS

Irreverente como ela só, a tão uberabense Banda da Maria Giriza além das dezenas de travestis que vão puchando na obrigatória caminhada de duas filas — como nas procissões católicas — algumas figuras tornaram "clássicas" nessa banda assanhada. Como os "cabeções". As figuras de animais Aquele enorme jacaré, com luz acesa nos olhos. A girafa que masca. O Bumba Meu Boi. E certos instrumentos musicais, hoje tão usados nas experiências de música aleatória, de caráter erudito: frigideiras, pinicos, sanfonas velhas, violões sem cordas, berrantes, instrumentos de couro, e cornetas desentoadas

LONGE DO LUXO

Sem gastar praticamente nada. o folião da Giriza nem necessita de ensaio ou inscrição na entidade. Não tem dificuldades de se disfarçar. Sacos de linhagem, vestido de mulher, o que for achando pela casa adentro e pelo quintal afora. Quanto mais desconcertante melhor. A aberração atinge a alegoria e ganha o aplauso do povo. Plumas, nunca. Penas de galinha, sim!

A GRAÇA DO POVO DE UBERABA

Se a Banda da Maria Giriza não recebe das administrações as mesmas verbas que recebem as escolas de samba, (suas próprias características franciscanas de desapego ao luxo a afastam das verbas polpudas), nem por isso ela se afasta do centro da cidade. E, o que é mais importante: ela não se oficializa. Não faz aquilo que o figurinista quer ou desenha. Ela é o que é. O que gosta de ser. Não o que querem que ela seja. A Maria Giriza é dona absoluta de sua personalidade. Mantém consigo sua liberdade e também, é claro, sua libertinagem. Não leva buquê de rosas envoltas em papel celofane para as autoridades do palanque. E, quando menos se espera, surge, de qualquer canto da cidade aquela procissão de fantasiados, dançando marcha, e dando vivas e glória à safadagem, no melhor estilo e gosto do melhor Macunaíma. Se as escolas de samba ganhassem o prêmio de fantasias de luxo, a Maria Giriza ganharia por certo (imaginação, minha gente!) o prêmio de originalidade.

JORGE: O FUNDADOR DA GIRIZA

A calça pertenceu a um defunto bem maior que ele. A camisa é desfiada na barra e o colarinho armado e muito grande lhe dá o ar de clown. Na cabeça, o gorro de meia imita uma peruca trágica com pelo de animal eriçado. Na mão, a bengala desproporcional. Feita de bambu. O rosto inevitavelmente mascarado. Sempre que surge esse homem fantasiado assim, todo mundo nota e acha graça. "Olha o tamanho da bengala dele!" A maldade causa risos logo que o segundo sentido da frase vem à mente de cada um.

Se esse disfarce ainda causa risos para quem não o conhece, para os conhecidos a graça é outra. Há 41 anos que esse folião sai assim.

O FUNDADOR QUE NÃO É O SUBMARINO

Nascido em 1910, em Uberaba, com 67 anos, Jorge Montes, pedreiro conhecido na cidade, teve como ele mesmo diz, uma vida ambulante. Em criança, vendia jornal nas ruas. Pegava mala para os viajantes da Mojiana. Vendeu quitanda na rua. Frutas. Vendeu balas nos circos. Aprendeu ofício de pintor de parede. De pedreiro. E pedreiro ainda é.

Jorge Montes relembra que antes dos Bambas do Fabrício escola fundada em 1935, havia na cidade dois clubes carnavalescos Os Felianos (da alta sociedade) e os Pedro Cem. Os primeiros (entre eles o César Vanucci, o Arturzinho Machado), saiam do Alto de São Benedito, das Mangueiras, da chácara do Badu Rocha. Os Pedro Cem saiam da Praça da Gameleira, atual Praça Afonso Pena.

O NASCIMENTO DA MARIA GIRIZA, A HEROÍNA SEM CARÁTER

À semelhança de Macunaíma, nasceu Maria Giriza. Criada por Jorge Montes, em 1936. Menina ainda, a Maria Giriza começou a fazer sucesso. Em forma de banda carnavalesca. Seu Jorge Montes conta como ela surgiu: "Tinha aqui no alto, dois soldados arruaceiros. O quartel era ainda na Artur Machado, onde hoje é a estação da CEMIG. Um soldado se chamava João e o outro Leopoldo. Eram assim uns caboclos. A mãe deles, uma trigueira, era mulher que tinha o hábito de beber. E quando os filhos iam presos por bagunça, ela saía às ruas, descabelada e puchando os cabelos da cabeça. Naquele tempo eu morava na Rua Dr. Zeferino. Ela morava perto. E ganhou do povo o apelido de Maria Giriza. Em 35, também na Rua Dr. Zeferino, na casa do Tobias, um

cambista de bicho, se reuniu a rapaziada e formaram os "Bambas do Fabrício". Em 1936, eu frequentava os ensaios dos Bambas e veio à mente a idéia de formar um bloco, uma bandinha meio escarrapachada com o nome da Giriza. Ajuntei os amigos, o Nego Crioulo, o Tin Din Manteiga, Antônio Pracatu, o Jcão Suã, Calango, Felipe Dentadura, o Nego Lindolfo, o Chico Rebola. Fomos comprar os instrumentos. O Rigoleto de Martino nos arrumou uns pedaços de instrumentos e no Jubaí, arrumamos os restos dos cacos dos instrumentos: um bombardino, um baixo, um berrante (para estragar a harmonia), um par de pratos turcos duas sanfonas de oito baixos estragados. Tentamos fazer uma alvorada! Não sabendo nós do horário de se fazer alvorada, saímos às 11,30 na noite. Fomos amolestados pela polícia que não conhecia tal alagazarra. Tivemos de explicar à ela que a Maria Giriza era um conjunto carnavalesco para a chegada dos roceiros. Até o outro dia a bandinha novata tocou e dançou pelas ruas da cidade. Como sendo um trem muito esquisito, desengonçado, não podia pôr um nome bonito, explica seu Jorge, que continua contando suas lembranças da Giriza: "Às duas da tarde do dia seguinte, domingo, pegamos um carro até a Estação de Amoroso Costa, eu, mais o Rei Momo. E fui o primeiro a fazer Rei Momo aqui em Uberaba. Tomamos o trem para cá, e na estação daqui estava a Giriza e os Bambas nos esperando. Fiz a chegada do Momo e foi sem dinheiro que viemos de trem pra cá. Viemos numa gaiola de animais, com um porco bravo solto no meio da gente e que acabou mordendo o Rei Momo. Mas, na Mojiana foi aquela festa. O Momo, que foi o Camilo Tamanduá, foi saudado pelo Orlando Nascimento. Depois, descemos em desfile até a Rui Barbosa..."

O CASO DO SUBMARINO

E' caso comum se afirmar ser o falecido congadeiro apelidado de Submarino, o fundador da Giriza, na verdade, como vimos, criada por Jorge Montes que explica como Submarino entrou na Giriza: "Foi em 1938. Encontrei o Submarino morando na Rua Tiradentes num lugar chamado Curral do Inácio, espécie de uma senzala. Uma favela, perto da Praça Santa Terezinha. Ele era carpinteiro e congadeiro. Entrou para a Giriza. Ficou sendo o maestro dela. Foi ele quem deu maior impulso na agremiação".

Entregue hoje à dupla Dico e Milteira, a Maria Giriza, a importante manifestação do nosso carnaval de rua, tem em seu fundador, a figura de maior respeito e participação. (JM 13.02.77)

RITUAL DO MOÇAMBIQUE E DOS CONGOS

As mutações que a vida moderna provoca. A necessidade de ganhar o "pão de cada dia". A mão de obra oscilante. A carência de trabalho e melhores salários. O êxodo constante para os grandes centros. O excesso de ocupação do trabalhador. A concorrência do rádio. Da televisão. Mudaram não só os hábitos do homem. Como o próprio ser humano. E suas manifestações. O folclore é uma das manifestações do ser humano que ressentiu essas mudanças imbuídas no homem, do século XX, principalmente. Muito da sabedoria popular desaparece. Muito se acultara. Se transforma.. Surge em outras modalidades.

Mas, para a nossa cultura, a descaracterização do folclore, e o sumiço que dão em várias de suas manifestações antigas, e totalmente prejudicial. Assim, perdemos contato com as raízes do povo. Com a essência do seu pensamento. Do seu modo de agir. E quem perde muito com isso é a cultura erudita. Os escritores, músicos, artistas, políticos do presente e do futuro. Pois, o folclore é a base da cultura erudita. Como diz o compositor-regente Guerra Peixe: "é a essência do folclore que deve interessar o compositor, inclusive o de música de vanguarda, embora o folclore possa diluir-se na obra, tornando-se imperceptível para o público"

Outro exemplo da importância do folclore na criação artística é a obra do escritor paulista, Mário de Andrade, culminada em sua obra prima Macunaína, fecundada nos filões do folclore e da realidade nacional. Ainda um exemplo incontestável do valor e da importância do folclore para a criação artística: a obra de Villa Lobos, longe, o maior compositor erudito brasileiro. Sua obra está impregnada do sabor das cirandas nacionais, dos temas folclóricos pesquisados.

Não chego ao exagero de dizer que o folclore uberabense é rico. Longe dessa afirmação. Digo que ele tem muita coisa a ser pesquisada, usada, analisada.

Persistentes e teimosas, algumas manifestações do folclore ainda se mostram. Saindo no meio "pop" e diversificado da vida moderna: o Lundun, Folia de Reis, Derrubada, Mutirão, Cantigas de Trabalho, Cirandas, Aboio, Congada, Moçambique, Catira etc.

Em Uberaba, duas manifestações do folclore parecem ser mais típicas: a Catira e o Congado.

A primeira, ligada à classe de fazendeiros médicos ou abastados e à classe média urbana. Ficou especialmente numa família tradicional: Borges. O Congo, por sua vez, permaneceu vinculado à classe proletária. Muito chegado aos negros e seus descendentes. Pegado aos mulatos e manifestado de modo importante (sob o ponto de vista de estudo grupal dos negros em Uberaba), na chamada família dos Mapuabas. Esses, residem hoje, numa verdadeira tribo estilizada, no Alto das Mercês.

Falar em ternos de Congada em Uberaba, impossível não homenagear dois elementos negros dos Congos: Submarino e vovó Mariinha. O primeiro, do Alto dos Estados Unidos, incrementou a famosa, espalhafatosa, "chargística" e andrógena Banda da Maria Giriza, ainda hoje bloco do nosso carnaval. A segunda, não participando diretamente das manifestações folclóricas, foi na sua idade avançada o sinônimo da tradição e da religiosidade negra em Uberaba.

COM A NATUREZA, SURGE O REI DO CONGO

Acostumados na África às cerimônias de coroação constante de seus reis (os reinados, na África viviam sob constante mudança), no Brasil os negros puderam continuar tendo seus "reis". E foi aproveitando da influência desses Reis do Congo que o português (ou melhor, o "bacalhau escravocrata", como o Mário de Andrade chamou aos reinóis), amansou seus escravos. Escreve o autor de "Amar, Verbo Intransitivo". "Num tempo em que a escravaria predominava em número, os reis e rainhas negros, com os quais os padres e senhores condescendiam, a que os chefes profanos da Colônia chegavam a honrar e prestar homenagem como se fossem reis legítimos: esses reis de fumaça eram bons instrumentos nas mãos dos donos e excelente pára-choques entre o senhorio revoltante do senhor e a escravidão revoltada do escravo. E os escravos obedeciam, ou imaginavam obedecer ao seu rei Congo que os mandava trabalhar para os reizinhos brancos. Os reis de fumaça funcionavam utilitariamente para os brancos".

Hoje, esses reis do Congo, ainda se preservam travestidos na imagem do festeiro das Congadas. O festeiro "reina" durante um ano. A partir do dia 13 de maio, na cerimônia realizada na Catedral Metropolitana, onde ele é escolhido e nomeado, segundo o gosto do festeiro precedente. A não aceitação do cargo, pode dar revolta e briga E normalmente nunca admitida.

O reduto uberabense usado antigamente para a manifestação dos folguedos dos negros, sempre foi o belo templo e o pátio da igreja de Nossa Senhora do Rosário, (esta, sempre tida como padroeira deles). Numa atitude descabida e impensada, já na década de 20, o templo colonial (mais bonito e mais rico do que a igrejinha de Santa Rita de Cássia), foi demolida. Ficou, até hoje, aquele espaço vazio na pequena Avenida Presidente Vargas...

OS CONGOS

"Os Congos são uma dança dramática, de origem africana, rememorando costumes e fatos da vida tribal. Na sua manifestação mais primitiva e generalizada, não passam de um simples cortejo real, desfilando com danças cantadas. Aida hoje certos Congados primários ou decadentes, do centro do Brasil, nada mais são o que, isso Porém, mesmo na manifestação mais primária de simples cortejo de um rei negro, os textos das danças, e em parte mais vaga as coreografias, sempre fazem alusão às práticas religiosas, trabalhos, guerras e festas da coletividade".

Passadas quatro décadas após esta opinião, de Mário de Andrade, a situação das Congadas no centro do Brasil, ainda se encontra na mesma posição descrita pelo criador de Macunaína, um cortejo pelas ruas de cidade.

Um caráter pouco visto nas pesquisas sobre os Congos, é a função social que os mesmos têm. Afora a religião, as danças, o desfile cantado e dançado pelas ruas da cidade, tem também a festa. Festa na casa da festeira que se faz de rainha. A festeira lembra a rainha Ginga. Uma rainha negra, que vence seu inimigo numa luta, que as Congadas mais ricas contam e interpretam, mas que as nossas apenas fazem referências. Houve essa luta na África, que a rainha Ginga fez contra o Rei e seu filho e saiu vencedora. As espadas usadas pelos nossos congadeiros, ainda são lembranças da repreentação dessa luta.

A beleza e a boa aparência duma congada depende, praticamente do prestígio dos festeiros. A rainha, por exemplo, cuida de seu acompanhamento. Recentemente, as Congadas uberabenses sofreram uma adaptação, uma atualização. No cortejo que acompanha os festeiros, estes de braços dados, os homens estão com-

parecendo de terno e gravata e as acompanhantes, de vestidos longos, de organdi, e outros tecidos da moda.

AS NOSSAS CONGADAS

Numa média de 200 congadeiros, cinco Congadas se apresentam em Uberaba nos últimos anos e mais o Moçambique. Por ordem de acompanhamento no desfile temos:

1º) — Moçambique — chefiado por Manoel Nazaré Oliveira.

2º) — Batalhão do Norte, ou Terno da Sainha — chefiado por Olício Francisco Vieira.

3º) — Minas-Brasil — chefiado por Manoel Lázaro.

4º) — Penacho — chefiado por Adalberto Gonçalves Carneiro.

5º) — Carijó — chefiado por Domingos Prudência e Antônio Bernardes Ferreira.

6º) — Minas Gerais — chefeiado por Rubens Félix.

São as seguintes, as cores usadas:

1º) — Moçambique — veste branquinho e chapéu de palha.

2º) — Batalhão do Norte — vermelha e branca.

3º) — Minas Brasil — verde, amarela e branca.

4º) — Penacho — azul e branco

Segundo um dos congadeiros entrevistados, a Congada se forma, na seguinte ordem:

General, acompanhado do rei e da rainha.

Capitães

Soldados rasos

Fitão da Festeira (acompanhantes dela), formado pelos "escravos".

Batuque.

Vigias (fardados).

Todos os elementos das nossas Congadas, lembram a guerra

do Rei Cariongo e a rainha Ginga. Inclusive os vigias, figuras importantes nas Congadas onde fazem a embaixada e a luta dos dois reis. Creio eu que, as nossas antigas Congadas faziam a Embaixada ou elementos vindos de outras cidades (Bambuí etc) e induziram há tempos, estes resquícios de guerra africana aqui.

Um fato que elucida bem a situação de transformação por que passa uma demonstração folclórica nos dias atuais: diante do gravador de um pesquisador, atendendo o pedido de cantar as músicas das Congadas, o congadeiro, sem a menor seca, cantou uma canção do Roberto Carlos!

Os estudiosos crêem que a improvisação faz parte da cantiga do Congo. Não só na cantiga, como em todo o modo de proceder

Um exemplo de improvisação, deu ao repórter um congadeiro entrevistado: "Estava certa vez em Uberlândia (boi em terra alheia é vaca...) fui convidado pra tocá numa casa. E homenageei sincero:

Dona sua casa cheira
Dona sua casa cheira
Cheira cravo de rosa, crerê
Flor de laranjeira.

"Antigamente — falou-me Manuel Lázaro — tinha a meia-lua. Hoje, eles têm de trabalhar, outras vezes aparecem com a cachaça na cabeça e a gente num quer ninguém assim". Referindo-se à meia-lua, "seu" Lázaro explica bem que antigamente havia uma coreografia. Hoje, como me disse um entrevistado "a gente dança do jeito que quer"...

O que é muito importante no folclore, é que, participando ou promovendo estes folguedos, o negro lhes vai comunicando muito das suas maneiras de ser — graça, vivacidade, liberdade em relação aos versos tradicionais e à música.

Há quem afirme que a deturpação feita pelo elemento negro em todo o folclore de que ele participa, o que parece uma deturpação condenável, na realidade enriquece esses folguedos e lhes dá cada vez mais a nacionalidade brasileira. As modificações de forma e conteúdo por que passa o folclore correspondem a modificações na composição social e nos motivos de interesse do povo e na estrutura econômica da sociedade. Assim, num país em transformação, seria normal e lógico a mutação também em seu folclore. Num país, estabilizado, e estático, será normal a estabilização não só de seu folclore, mas de sua cultura.

No desfile pelas ruas de Uberaba, ninguém é mais importante na Congada que os seus chefes e acima deles, o rei e a rainha. "seu" Olício, do Batalhão do Norte (do Alto da Boa Vista), de madrugadinha, quando vai buscar a rainha, na porta da casa dela, canta:

Rainha Conga
Esse é o Barco do Norte.
Ele veio te buscar.
Vamos visitar a coroa imperial
Rainha Conga
Rainha do Indomar
Chegou o negro congo.
Agora vamos, Saravá.

Depois, Seu Olício canta pro rei:

Ô sinhô rei,
Me dê sua licença.
O dia 13 de maio.
O dia 13 de maio.
Me dê sua licença
Pra fazê sua festa

Na maioria das vezes o Congo recorre auxílio ao Moçambique. Uma afinidade os ligou. Em Uberaba, fato não muito comum no Brasil, o Moçambique que se apresenta pelo país afora isolado, aqui sempre vai junto das Congadas.

Um folião assim se expressou sobre a diferença entre Congo e Moçambique: "Moçambique são três negros de bastão, de lenço, que rolam no chão, vestidos de saia, fazendo estripolia. Agora no Congo, a roupa é diferente".

No Moçambique há uma luta muito interessante, ou melhor um jogo simboliando uma luta. E' um jogo ritmado em que os bastões se encontram três vezes, produzindo um ruído que se adapta bem à letra da canção:

Nóis encruza bastão
Nóis vira bastão
Sinhô meu irmão.

Em Uberaba, os Congos e o Moçambique saem invariavelmente, no dia 13 de maio, data em que se comemora a libertação dos escravos no Brasil e com seus ensaios principiados no sábado da Aleluia. Cada qual em seu terreiro. O Terno da Sainha ensaia

no Clube Ferroviário. Aquele que carrega guizos na roupa, leva o nome de Abaeté. Tem até um versinho:

Abaité, amarrado no pé
bate no chão
escuta quem quizé.

O principal som do Moçambique são os guizos amarrados nos calcanhares... O Batalhão do Norte leva viola, sanfona e cavaquinho. O comando nos Congos é por apito. Na frente vai o Moçambique. As Congadas vêm atrás por ordem de chegada.

E' hora vamo simbora
Tá passano da hora
nóis vamo simbora.

"Só de ver a caixa bater, vai voltando os versos todos na cara", explica Seu Olício, quando perguntado dos cantos mais antigos deles.

Parece que nos Congos os cantos, quanto ao tema, se dividem em, exaltação, circunstancial e social.

DESAFIOS:

Não tenho medo de galo
Nem de frango de topete
Galo mato de faca
Franco de canivete.

RESPOSTA:

Marimbondo me mordeu
Na capela do olho
Não doeu.

LETRAS CIRCUNSTANCIAIS:

A prenda que vóis me deu
De muito prazer é meu.
Os anjos lá do Céu
Que vem lhe ajudar.

Cadê, cadê. cadê?
Sinhô rei?,
Mandou me chamar.
Mas, o sinhô rei

mandou me chamá,
mandou me chamá,
Eu vim fazê o seu pidido
aqui nesse lugá.

Chica mancava
entrava na cenzala
sentava na cadeira
que nem sinhá-dona
Perguntava prá Chiquita
se tinha tamborete.
Chiquita foi, dizia que ara.

Quem dará
Quem dará
quendé seu pai?
Bororá
quenderô, quendé, querá.

EXALTAÇÃO:

Cidade Uberaba
Princezinha do Sertão
Vamos, adorar
Igreja do Indaiá
Na época existiu esteira
Vamos adorar padre-mestre

Ô indaiá, Ô indaiá
Princezinha do Sertão
Ô indaiá
Coco de indaiá.
Padre Mestre foi indaiá.

— No intuito de preservar a nossa cultura popular, prestamos aqui homenagem aos que fazem as manifestações folclóricas. Porque é através delas que fabricaremos a vanguarda. Pois, elas ainda são a estrutura da música, da dança, da literatura, do teatro, enfim, a fonte de pesquisa da nossa cultura, — (JM 17.08.75).

UMBANDA
O FOLCLORE E A MAGIA
EM ASCENÇÃO

Se existe em Uberaba uma crença que dia a dia vai ganhando terreno, tendo novos adeptos (na maioria vindos de outras religiões à cata de remédio espiritual e material para seus males) é a Umbanda.

A umbanda pertence também ao folclore e foi trazida pelos negros escravos, quando para cá vieram cinco milhões de africanos. Submetido todo o contexto cultural no negro, às condições e exigências sociais do branco, os rituais africanos, notadamente os religiosos, foram, até quando puderam, proibidos à custa do chicote, encobertos por teimosias e persistência dos negros, adaptados à custa da catequese da Igreja

De vinte anos para cá, em Uberaba ela vem crescendo assustadoramente, colhendo adeptos de todos os cantos, partindo das classes inferiores, para atingir as classes médias e a classe "a". Tentando se desmistificar, deixar às claras seus rituais até então guardados em sigilo, a umbanda se adapta às condições da vida moderna, se organiza e se expõe aos interessados e fiéis.

Salvaguardada nas cidades grandes do litoral brasileiro, principalmente Rio de Janeiro, Salvador, Recife, a umbanda muito recentemente penetrou por terras triangulinas. Conhecido como o mais antigo terreiro de umbanda, o Pena Verde, não tem mais de 20 anos. O que se fazia antigamente eram trabalhos individuais. Trabalho de porta de casa, que exigia apenas um médium. Hoje, se impondo como religião, nascida do folclore afro, a umbanda exige um corpo mediúnico.

A IGREJA E A RELIGIÃO DOS NEGROS

Nos primeiros séculos de colonização e catequese, os padres da Igreja Católica, vendo os negros em seus rituais religiosos, numa inteligente atitude didática, usaram das entidades negras para as adaptar em santos católicos. Assim, educaram os negros ensinando-lhes que Ogum era São Jorge; Oxossi, era São Sebastião; Iemanjá, Nossa Senhora da Glória; Iansã, Santa Bárbara; Xangô, São Jerônimo; Olorum, Nosso Senhor; Oxum, Nossa Senhora da Conceição e Cosme e Damião permaneceram como protetores das crianças.

O FOLCLORE DA BAHIA A MINAS

Filão inesgotável para o compositor popular e erudito, só mais recentemente a música da umbanda vem sendo explorada. Clara Nunes, Ronnie Von, Maria Betânia e Martinho da Vila são alguns cantores/compositores que vêm lançando no mercado musical temas nascidos dos terreiros de umbanda. Assim, as músicas dos Ogã de Atabaque (nome dados aos músicos que tocam atabaque durante as cerimônias e puxam os cantos) são documentadas definitivamente nos discos e na memória do povo:

O sino da igrejinha faz belém-belém
Deu meia-noite o galo já cantou
Seu Tranca-Rua que é o dono da Gira
Oi, corre-gira que Ogum mandou.

Tem pena dele, Benedito tenha dó
Ele é filho de Zâmbi, São Benedito, tenha dó.

PEQUENO LEVANTAMENTO DOS TERREIROS DE UMBANDA DE UBERABA

Muito mais do que se pode imaginar é o número de terreiros de Umbanda existentes em Uberaba.

Terreiro de Umbanda Pena Verde; presidente Francisco Savério Ciriani, Pai de Santo ou como é mais comumente chamado: Babalaô. Tenda Mãe Maria de Moçambique: Rua dos Andradas, dirigida por Marlene. Centro São Jorge (15 anos de atividades); presidido por Clodion Resende, "Filhinho"; Rua Carlos Maria do Nascimento. Tenda do "João Gago", dirigida pelo Sr. João Batista, Rua Osvaldo Cruz. Tenda de "João Augusto Silva", Rua Teixeira de Freitas, Alto da Abadia. Tendo do "João Baiano", Rua Barbacena, nº 8, Alto de São Benedito. Terreiro do "João Juca", Vila Santa Maria. Terreiro "Pai Serrador", do Sr. Geraldo. Tenda de Umbanda

Caboclo Tupi Tupiara, presidida por José Resende. Rua Menelique de Carvalho, 393; Alto da Boa Vista. Tem 1 ano e 3 meses de vida, funcionando às quartas-feiras. No dia 27 de setembro realiza a Festa de Cosme e Damião. Acolhe cerca de 80 pessoas e tem cerca de 10 a 15 médius. Terreiro do Sr. Osmar, Rua Diamante, 230, no Leblon. Tenda "Pai Domingos", no Leblon. Tenda de Mariinha Carreira, no Parque das Américas. Terreiro de Dª Isoleta, no Leblon. Terreiro Vovó Rosa, do Sr. Manoel Coelho, no Leblon. Terreiro de Dª Luzia, no Leblon. Terreiro "São João Batista", do Sr José Venerando, no Leblon. Terreiro de Antônio Marra, no Leblon. Tenda "Pai Joaquim", logo abaixo ao Pena Verde. Tenda dos Iauô, Olorum e Iemanjá de Candomblé, de Dª Ercília Salviana da Silva, Rua Jardim Indianópolis, nº 1616. Tenda Umbandista "Mamãe Oxum", de Dª Bernardina Alves Baliero, Rua América, nº 200, trabalha com vinte e cinco médiuns. Tenda Umbandista Iemanjá, Rua Portugal, nº 200, do Sr. Luís Carlos Maia. Tenda de "Oralinda", Rua México Terreiro das "Sete Flexas", de Dª Maria Leonor, Rua México. Tenda de Dª Adelaide, Rua Caratinga. Tenda do Sr. Sebastião Espiridião, Rua do Pára-Raio, Alto Fabrício. Em Delta, dois terreiro, um do Sr. José Maria (Pai Jacó), e outro de Juscelino (Pai Velho).

Dezenas de outros terreiros estão esparramados por esta Uberaba, também esparramada. E não cabendo aqui um levantamento completo, calcula-se para mais de cinquenta o número de terreiros de Umbanda na nossa cidade.

MAESTRO BRASILEIRO GRAVA CANDOMBLÉ NA URSS

"Minha última viagem à Europa, de outubro a dezembro de 74, teve duas finalidades: ir a Moscou para gravar em disco o meu Oratório Candomblé, baseado no candomblé da Bahia, e realizar um concerto na cidade de Porto". Durante a gravação que o Maestro fez em Moscou, um fato curioso aconteceu: das 150 crianças que iriam participar da gravação, só 60 foram selecionadas. As 90 restantes protestaram porque ficaram entusiasmadas com as melodias do candomblé negro. Com isto queremos mostrar a importância do aproveitamento do rico filão musical que nos dão as manifestações folclóricas".

A BOLA DE CRISTAL: ONDE A MAGIA REVELA SEU UNNIVERSO

Quatro principais casas de comércio fornecem material aos umbandistas e "filhos de terreiro", da cidade:

Casa "Ubirajara Peito de Aço", de Romilda Augusta de Oliveira, Avenida Rio Branco, 104; "Aldeia dos Orixás", Avenida Fer-

nando Costa, de Sílvia de Sousa Silva; "Banca Pernambucana", no Mercado Municipal, de José Francisco de Oliveira (Pernambuco); e, na Rua Capitão Manoel Prata.

RITUAL DA UMBANDA

Nestas lojas, os mais diversificados materiais de magia, que vão desde a bola de cristal (na qual o mago tem revelada a visão que

deseja) até os arcos e flexas para caboclos. Ali você encontra os defumadores, velas de magia (nas cores das entidas), velas de caveiras, turíbulos e incenso, mirra, espadas e capacetes de Ogum, capacetes de Exu, mil e um elementos de defesa, de proteção: pulseiras de aço, guias de aço, banho de descarga (com ervas perfumadas), perfumadores, colares de contas (coloridos conforme a entidade), colares cruzados de contas de lágrimas, imagens de santos, de pretos velhos e caboclos, atabaque, azeite de dendê (para se fazer farofa para ser despachada "encruza"), quadros de santos, alguidar, pó de mironga, até a estrêla do mar.

Foi numa tarde serena
Lá na mata da Jurema
Que eu vi o caboclo tratar.
Quiô, quiô quiô que era
Tua mata está em festa
Saravá. Seu Sete Flexas
Que ele é o Rei da Floresta.

O TERREIRO: COMO FUNCIONA

O mais antigo terreiro de umbanda em Uberaba — não tem mais de vinte anos — é o Pena Verde. E sobre ele, nos fala, um dos seus elementos mais antigos e devotados, Sr. Sebastião Alves Camilo, mais conhecido por Nonô.

Seu Nonô esclarece o problema das assombrações: — "Antimente, falava-se em assombração. Nesse tempo as entidades não estavam educadas, ficavam soltas, vagando. Quando um vidente via uma assombração, não sabia de que se tratava, que entidade era aquela que ele percebia". Num terreiro de umbanda, as manifestações mais comuns, nas quais se baseiam os trabalhos, são a incorporação e a vidência".

A perda da influência da Igreja em certos níveis do povo, fez com que este recorrece à umbanda. Decididamente a tendência da umbanda é crescer, e isto prova o número crescente de terreiros que vêm surgindo, notadamente nos últimos 15 anos.

O próprio Pena Verde, que anos atrás, acolhia no máximo 250 pessoas, reformado e ampliado recebe hoje 600 pessoas sentadas. Funciona toda quarta-feira para os trabalhos normais, como dar passe. Para os trabalhos de esquerda (no caso, desmanchar "trabalho" que alguém está sofrendo), requer que se marque hora especial e dia. Na última quarta-feira do mês, são os trabalhos de preto-velho e Cosme e Damião (das crianças). Na assistência, os universitários parecem ser a mais nova e ficaz conquista da umbanda, (JM 7.9.75)

DATAS E FESTAS TRADICIONAIS

NOSSA SENHORA D'ABADIA DE UBERABA

Falar em festa de Nossa Senhora D'Abadia aqui no interior do Brasil, é antes de tudo, regredir no tempo, dois séculos. A Nossa Senhora D'Abadia mais antiga de Minas Gerais é a de Martinho Campos, zona de Pitangui. Para as vastas regiões que abrangem o Triângulo Mineiro, Goiás, parte de Mato Grosso e Bahia, é Nossa Senhora da Abadia de Moquém. Historicamente, é essa que nos interessa como tradição religiosa dedicada.

Fundado nas primeiras décadas do século XVIII, o Santuário de Moquém recebeu a imagem de Nossa Senhora D'Abadia, esculpida no Reino, encarnada em Goiás e reencarnada em 1.884, na então Vila Boa, por José Joaquim da Veiga Valle, o Aleijadinho de Goiás.

No Segundo Império, quando surge a Guerra do Paraguai, conhecida como a Guerra de Lopes, na região de Bagagem (Estrela do Sul), onde o trabalho era farto na mineração, as minas são abandonadas pelo pessoal válido que fugia à designação para o serviço de Campanha. Os sadios fugitivos da guerra embrenharam-se nas perigosas matas e sertões adentro, e acabaram por descobrir novas jazidas de ouro e diamante. Assim é que, em janeiro de 1867, um garimpeiro de nome Sebastião descobre diamante no gorgulho da encosta do córrego da Água Suja.

No então povoado, ali criado, uma igreja surgiu. Data de 1869, a origem da evocação à Nossa Senhora D'Abadia da Água Suja. E a grande causa dessa devoção a Abadia da Água Suja é a distância que nos separa do Santuário de Moquém. Em 1890, chegava a Água Suja a imagem da Virgem.

NOSSA SENHORA D'ABADIA DE UBERABA

Em 11 de agosto de 1881 a Câmara Municipal de Uberaba através do Capitão Eduardo José Alvarenga fazia doação de um terreno para a construção da Igreja dedicada à Nossa Senhora da Abadia que seria inaugurada no dia 15 de agosto de 1882.

Somente em 16 de julho de 1921 era transformada em Paróquia.

De 1889 até 1915 a administração da igreja esteve entregue aos padres agostinianos recoletos. Em 1915 o Cônego César Borges Pereira assumiu a direção e acelerou as obras do santuário iniciadas pelos agostinianos e que haviam sido destruídas, em parte, por um incêndio. Dirigiu a paróquia até 1928 quando o substituiu o Pe Albino Sella. Estimatino que permaneceu no cargo até 1940. O atual vigário, Pe. Ângelo Pozzani assumiu o cargo em 1949, 7 anos após o lançamento da pedra fundamental da atual matriz.

Meninas colocam a coroa na imagem de Nossa Senhora da Abadia

A FESTA

Dona Conceição Espinosa Sanches é a mais velha dona de barracas ali D'Abadia: 25 anos servindo doces e bebidas. E bebida é o que não falta. Principalmente o bom quentão, bebida tradicionalmente nossa. Vem servido em bule ou chaleira nas xicrinhas de louça grossa. Quentinho e bom mesmo. Pinga também não falta. Vem da "Baixa". E' das boas. O churrasquinho cheira forte e não falta freguês: gente banguela mastigando gengiva, gente popular de todo jeito.

Carrocinhas de pipocas, brancas na noite negra. Parecem carros fantasmas. E' pipoca de sal, de doce, em cubos, pipoca com molho gaúcho.

Ovo cozido e panela de ferro com molho. Doces. Quitandas enfileiradas em bandeijas de lata. Doce de leite em forma do losango. Queijadinha branca. Maria-coco embrulhada em papel celofane. Pacotinhos de amendoim com Nescau e açúcar.

Nos dedos da menina loira, sonhos. Na mão de anel de rubi do senhor de terno, pé-de-moleque. Os garotos choram e querem algodão doce. E quando mordem a maciez, nascem-lhes bigodes de papai noel. E' festa: um cafezinho para o pito e o papo; pedaços de beiço de porco, arroz doce com pau de canela, sardinha com pão, e galinha para quem tem fome. A mineirada come o tareco.

O Leiloeiro é um só: Antônio Tiveron. Grita. Está rouco de tanto gritar:

— Dou-lhe uma, dou-lhe duas dou-lhe três. E lá se vão as prendas embrulhadinhas no papel de seda azul, picadinho em franjas, enfeitado com laço de papel de seda vermelho.

"... e tem sequência o programa que atende pedidos musicais. Alguém oferece a alguém e este alguém sabe quem é".

Cinco garotas passam de braços dados. E' a corrente que mata a gente nesta rua cheia de gente. Indiferentes aos milhares de pedintes:

— Bendigo tua sorte. Maldita tua ridiqueza.

Uma senhora de bolsa branca, cabelos penteados com laquê a sobrancelha riscada a lápis, examina as gravuras à venda: meu padroeiro São Jorge Guerreiro, a brava Santa Joana D'arc, o Sagrado Coração de Jesus em chama, a doce Iemanjá...

Um senhor fumando cigarro fedorento, tira o chapéu e examina a figura com religiosa atenção.

"...Este é o Serviço de Alto Falante do Santuário de Nossa Senhora da Abadia".

Vinte horas: Pça. D'Abadia superpovoada. Fim de novena; amontoado, o povo passeia. Garotas desfilando. Rapazes na paquera. Velhas negras sentadas nos bancos, nos pequenos muros, descansam. Pencas de famílias inteirinhas. A filharada rodeando o pai, a mãe e pedindo isso e aquilo. Mulatos aos montes. Crioulos. Pardos. Gente branca. Gente encardida. Gente preta. Uma fuzarca. Uma festa. Um aperto danado.

"Ouça sua música predileta, ou peça bis à música que você ouviu pagando só dois cruzeiros".

As barracas estão firmes, rentes ao meio-fio.

"Atendendo pedidos ouviremos agora "Pampamia", música esta que Marquinhos oferece a Roberto como prova de amizade; Norma Luiza dedica a João Luiz como prova de profunda amizade".

O alto falante anuncia, oferece e agradece músicas ao preço de dois cruzeiros. E, as mais tocadas e bisadas são Bilu-Teteia, Pampamia, Montanha, Soleado, Casinha, Dio Come Te Amo, E' Um Problema, Flor do Baile, Amor Sem Fronteiras, Tou Vendendo Grilo...

Gente se diverte nas barraquinhas do jogo da argola, onde você pode ganhar um maço de cigarros, ou uma garrafa de guaraná. Também no jogo da roda você pode levar uma prenda: um santo de gesso, uma panela de pressão, uma penca de banana, ou uma cana. Um papa vento, custa cinco cruzeiros. No rio de areia, no jogo da pescaria, você pode fisgar um prêmio.

Ao lado da matriz, na frente da fila de enormes casuarinas que na noite se cobrem de negro, um enorme balão de plásticos colorido e iluminado. No seu contraste exagerado com a praça da Abadia, o "passeio astronáutico" com as crianças pulando dentro, dá um ar de ficção científica.

OS AFICCIONADOS

Duas figuras tradicionais pertencem. definitivamente à festa da Abadia: Sara Aidar e Antônio Vanucci.

Sara Aidar, o repórter foi encontrá-la à tarde em sua residência no Alto da Abadia. Fazendo hóstias que o sacerdote consagraria à noite. Suas funções dobram nessa época de festas e novenas. A ela muito deve a administração da igreja, tamanha a sua ajuda e encargos. E é zelando pelas coisas da igreja, adaptando letras suas nos antigos hinos, que esta descendente de árabes se dedica à igreja de sua devoção.

Antônio Vanucci, fervoroso devoto da Virgem, ocupa-se de fazer o "caixa" do leilão. Na procissão, ele é quem "puxa" os cantos e orações durante seu percurso. Coloca ordem e silêncio, exige respeito ao ato e às filas. Um parente seu, César Borges Vanucci, serviu 52 anos à mesma igreja.

Fé. Caridade, Passeio. Chacrinha. Devoção. Superstição. A procissão era famosa quando até bem pouco tempo, os fiéis iam pagar suas promessas, carregando latas d'água na cabeça e com um caneco, distribuindo água para o povo. Carregavam pedras na cabeça. Tijolos. O atual vigário proibiu o uso do peito nu, durante o cortejo da procissão, como falta de respeito e pudor... A festa de Nossa Senhora da Abadia de Uberaba, sem o fluxo de devotos e fanáticos de Nossa Seenhora d'Abadia de Água Suja, se mantém como um dos nossos principais momentos turísticos (JM 15.08.75).

ROMARIA EM ÁGUA SUJA

Romaria é peregrinação a algum lugar religioso. Reunião de devotos que participam de uma festa religiosa. Festa que se realiza num arraial. Certamente a definição de dicionário é pouca para uma noção de romaria. A vivência de um ambiente desses de romaria, nos ajudará a compreender melhor o termo. No Triângulo Mineiro, entre as cidades de Uberlândia, Araguari e Monte Carmelo, e pertencente à Diocese de Uberaba, existe Romaria. Há mais de um século visitada por romeiros dos Estados de Minas, São Paulo e Goiás. Para alí, de 6 a 15 de agosto, cerca de 20.000 pessoas se dirigem. Pagar promessas. Pedir graças. E vender. A cidade se transforma radicalmente, com os acontecimentos religiosos e comerciais. Uma verdadeira epopéia de gosto muito medieval, onde filas e filas dão voltas à praça, milhares de romeiros sobem as escadarias de joelhos, e barracas de pano são armadas para negociar de tudo. De ex-votos até maçãs do amor.

DE MOQUÉM A ÁGUA SUJA

Já no século XVIII, a devoção à Nossa Senhora da Abadia já existia por todo o Brasil Central. Até praticamente às últimas décadas do século passado, esse fervor tão espalhado nas gentes desses confins, fazia com que famílias inteiras saíssem das cidades do Triângulo. Fossem a cavalo, carro de boi De Uberaba, Araxá, Sacramento etc., até Moquém (mais ou menos à altura de Goiânia, Goiás) para a romaria de Nossa Senhora da Abadia. Viagens de semanas e semanas, atravessando toda sorte de tempo, e contratempos, varando lamaçais, rios, Estados.

Já na segunda metade do século XIX, é que se pensou em construir no Triângulo Mineiro, uma capela em homenagem à Nossa Senhora da Abadia. E, em 1870 deu-se início à construção da capela provisória, no local onde é a cidade de Romaria A construção da capela esteve a cargo de Joaquim Alves Perfeito E, para

funcionar a igreja, encomendou-se de Portugal a imagem de Nossa Senhora, que foi transportada do Rio de Janeiro à Barra do Piraí, nos lombos de animais. Trazida pelo viajante português, Custódio da Costa Magalhães, a imagem chegou a Água Suja depois de viajar de trem e de carro de boi. A capela, então, era de construção estilo colonial, simples, no melhor e mais honesto gosto da época.

As filas eram enorme. Uma, de pessoas que subiam as escadas de joelhos. Outra, a das que subiam normalmente. Todos em direção ao santuário de Nossa Senhora da Abadia, no segundo pantamar da Igreja. Os fiéis aguardavam horas e horas para beijarem a fita que estava aos pés da Virgem

Precisamente, há mais de um século que romeiros de todo o Triângulo, Minas, São Paulo e Goiás se dirigem de todas as maneiras possíveis à Romaria de Água Suja que, com o tempo foi, de certo modo, "tomando o lugar" de Moquém. Em 1935, contavam-se cerca de 200 carros de bois, estacionados alí. Nesse tempo de transporte primitivo, as famílias levavam de tudo: comida, fogareiro, roupas para trocar, lampião, armas, etc. Normalmente, permaneciam cerca de três dias no local. A estrada de terra tornava a romaria, uma verdadeira epopéia, um misto de loucura e religiosidade. Hoje, a coisa simplificou. O asfalto chega até as portas da cidade pequena. Grupos de romeiros se formam em cada cidade, e vão em ônibus (só de Araguari sairam 15). Assim, vão e voltam no mesmo dia. O asfalto reduziu os custos, e o tempo. Na década de 30, demoliram a Igrejinha antiga e construíram o atual Santuário, todo revestido de pedra (que ninguém pode afirmar que seja de bom gosto), mas que enfim, tem espaço suficiente para acolher a avassaladora horda humana que para lá se dirige.

OS ROMEIROS

Vindos de toda a parte do Brasil, hospedados nas condições mais diversas, sem higiene, sem moral, os romeiros armam barracas em volta da cidade. Praticamente, toda uma outra cidade é levantada. Uma cidade de pano, como nas cidades orientais. Caminhões de romeiros estacionam. As carroceirias cobertas de lona. Muitos grupos dormem dentro dos carros; das camionetas. A crença secular ainda é uma grande motivação para o povo. Realmente o povo brasileiro. E' nestas solenidades que se mostra a verdadeira face, aberta, encardida, banguela, do povo brasileiro. As transformações radicais da sociedade urbana, de consumo, não conseguiram mudar ainda os costumees mais arraigados do povo. No ano passado, 150 mil pessoas lotaram Romaria. Este ano, a coisa aumentou.

Entrando no Santuário, no mais perfeito estilo do medievo, duas filas, a das pessoas que entram em pé, e a das que entram ajoelhadas, sobem as imensas escadarias que levam até o pequeno altar onde se encontra a imagem centenária. As filas dando imensas voltas pela praça. Milhares de pessoas, pacientemente nas filas. Quem entrou numa fila, às 6:00 horas da manhã, só consegue chegar ao altar e beijar a fita, às 11 horas. Mulheres com velas longas. Mocas vestidas de virgem, véu e grinalda. Velhos descalços. Namorados. Senhoras comprando algodão doce. As filas não terminam nunca. As sombrinhas coloridas debaixo do sol escaldante.

Dom José Pedro Costa comenta com o Jornal da Manhã, sobre a romaria de Água Suja:

"Esse nome de Água Suja, é o que tinha esse rio que passa aqui, e era o nome que a vila tinha no século passado. Essa vila foi implantada nessa região por causa da mineração de diamantes. As pessoas que aqui se fixaram tinham devoção por Nossa Senhora da Abadia que era cultuada em Moquém. O espírito prático fez com

que em 1870 construíssem uma capela e mandassem vir da Corte uma imagem igual àquela de Goiás. A cidade está entupida de gente. Com esta particularidade de que Água Suja está em um bico que une as dioceses de Uberaba, Uberlândia, Patos de Minas e um pouquinho a de Paracatu. Água Suja pertence à Arquidiocese de Uberaba. Minha presença aqui serve, não só para supervisionar, como também para fiscalizar. Aqui, há problemas de toda ordem. Problemas de Igreja, de saúde pública, de higiene, de ordem pública, de caráter nacional. Problemas terríveis. Quase todo ano falta até água. Vem gente de todo o canto. Há problemas de ladrões, de morte até. A presença da Igreja aqui, é um respeito com a religiosidade popular ".

A CIDADE TRANSFIGURADA OU A TORRE DE BABEL

Água Suja, ou Romaria, uma cidade pequena. Algumas ruas formadas. Outras com falhas de casas. onde predomina o casario colonial em estado visivelmente precário ao lado de algumas casas mais recentes, de classe média (pelo menos quanto ao gosto), simplesmente foi transformada. O que o visitante vê durante a Romaria, é uma espécie de cenário anti-roliudiano é verdade, mas um cenário completo, que transfigura, esconde a cidade, e cria uma outra, completamente diferente; de contexto diferente, de linguagem e comportamento diferentes. E' o grande comércio de barracas, que mesmo antes do início da temporada de novena, vai chegando à cidade, se arranchando na linha do meio fio como uma feira oriental. São centenas de barracas de lona, umas grudadas às outras, que dão uma dimensão de metrópole caótica e porca ao que não passa de um vilarejo. Ruas e ruas surgem sobre o que antes eram terrenos baldios, chão de terra, de capim, de mato. Fileiras de barracas se estendem (como um momento decisivo de se vender tudo, a última liquidação, a hora de se mudar definitivamente dali). Há tendas de pano, de lona, de algodão cru, de plástico, outras abertas sem cobertura. Um simples pano jogado ao chão e a mercadoria em cima. E o tanto de gente que se esfrega, pisa, tropeça nesse mercado (persa?) generalizado e badernado. Quadros de santos, caras coloridas de olhos virados para o céu, ao lado de sutiãs. Roupas de baixo e de cima. Sempre de qualidade inferior. Ao nível dos romeiros. Miudezas "em geral", anéis, pulseiras, coletes e casacos de veludo sintético, colunas de maçãs, mulheres gordas atrapalhando, maçã do amor, gente banguela, bonecas de plástico, casas de jogos, bares improvisados nos quartos das casas, verduras, caldo de cana, uma garagem se transforma em restaurante; brinquedos, roupas feitas, banha de boi, pomada japonesa, mulheres de "papo", mascates aos gritos, alumínio, ciganas e seus seculares tachos de cobre, concorrência do som caipira, a roda gigante leva os infelizes ao céu na parabólica de metal, churrasquinho, pu-

tas, estampinhas a oito cruzeiros cada, cesta de flores de papel, mini-saia, sandália havaiana, unhas coloridas dos pés, foto-mágicos, bobs nas carapinhas das negras, vestidos longos, quebra-queixo, moças de mãos dadas, Mário Gomes nas revistas, Giuliano Gemma e Fernando Sancho na porta do Cine Sâmia, jogos de argola, a tourada cercada por tapume de pano branco, o alto falante no Maverick, neste local Milionário e José Rico, aluga-se banho quente, rodeio à 20 cruzeiros, o circo anuncia sua **matinée**, seu espetáculo noturno, gente de cor de rapadura, cor de açúcar queimado, no "Curral da Santa", o gado doado é leiloado, cavalos, bois, "perroinhas", (todos correm para ver uma mula. de tetas cheias amamentando cria que dera, e considerada impossível, jamais vista). galinha, fanáticos, arroz, feijão, (donativos, promessas, na boca do leiloeiro), um arriado, parque de diversões, mulheres paridas, canoinha, o moço levanta o chapéu para beijar a namorada, ex-votos vendidos na sala dos milagres, terços, biscates, o stúdio alto-falante, poeira, de tudo isso, dos panos ensebados, dos restos de comida jogada fora, do estrume dos animais, das pernas seios chupados, caídos, do pescoço, dos sovacos da gente, o sol estatela e impiedoso, tira o cheiro forte que sobe no ar e embrulha o estômago. De tudo isso, lar transtornado, casa virada em venda, passeio transformado em comércio, cidade mudada em mercadorias e mercado, torre de Babel estabelecida na linguagem mais diversificada, na tentativa mais assanhada de faturar tudo.

OS MISERÁVEIS

Hoje o cemitério não se sente tão solitário quanto no resto do ano. O seu muro largo e velho, de pedras, serve para estranhos visitantes, que vêm ali fincar sua temporária morada. Do lado de fora do muro. Os de dentro, têm a morada definitiva Os de fora, dão um tempo para chegarem até o "definitivo". As tendas, as barracas, vão se alinhando em torno do muro do cemitério. Como se quisesse sitiá-lo. Como se desejassem invadí-lo e tomar para si a morada definitiva e oficial das catacumbas, das sepulturas. Aos tantos vão aumentando os volumes desses intrusos, que agora se estabelecem e ocupam os quarteirões vazios defronte à "cidade dos mortos". Dezenas de barracas montadas. De pano, de cobertor sapeca negrim. De trapos, de capim, de restos de lona, de latas abertas, de plásticos, de caixas de papelão rasgadas, Criam assim um campo habitado e muito mais terrível do que o do cemitério vizinho. E' o campo dos leprosos. Dos macutenas. Dos morféticos Suas barracas não têm mais de um metro de altura. construídas em "V", sobre a terra solta, sob um sol claro e constante que os torna mais evidentes e miseráveis ainda. No chão, sobre colchões improvisados, a pele se soltando do corpo, essas figuras estáticas pa-

recem apodrecer sob esta estufa inapelável. Há os lázaros, em estado menos precário, criancinhas de mãos enfaixadas, de dedos caídos, moças de cabeça e olho enrolados por panos imundos, que armam numa vala, um churrasco de carnes e torresmos ganhos, e compõem a mais tétrica e insuportável refeição. Um redemoinho de vento e terra passa pelo campo dos leprosos, mas não os apaga. Os infecta ainda mais.

Em Água Suja, vários tipos de promessas são cumpridas pelos romeiros. O exemplo maior está nesta foto. Vestir as moças de virgem, levá-las ao altar da Santa Milagrosa e tirar uma fotografia. A festa de Nossa Senhora da Abadia é, acima de tudo, uma festa do povo.

Este ano a organização da Romaria "houve por bem" separar os mendigos, os leprosos, que antes andavam misturados com o povo, pelas ruas e praça principal. Agora, os verdadeiramente mendigos ficam em ruelas, definidas por cercas de arame farpado. Terrenos baldios, entre as últimas casas da cidade, o cemitério e o campo dos leprosos. Aqui, todo azar de gente, se enfileira rente à uma cerca de arame, espectros à caça da reencorporação, para receber comida. Gente anã, mulheres cegas que xingam. Aleijados de todas as maneiras, arrastando-se pela terra fofa e solta do mês de agosto. Pencas de filhos. Velhos em carrocinhas de madeira. Crianças barrigudas. Latas de cera. Imundas. Enferrujadas. Nas mãos. Dentro da camioneta, ao lado de um soldado, um senhor enfia a concha no barril de comida e vai servindo a lavagem um por um desses miseráveis, que invadem o prato de comida, com as mãos. Nessa gente encardida, sórdida, emporcalhada por uma situação apocalíptica, a miséria cria sua fais faustosa e barroca ópera.

Prova indiscutível da religiosidade e do subdesenvolvimento do povo brasileiro, da fé que a gente simples deposita em entidades divinas, (gente pedinte, procurando ganhar causas, receber graças, sanar problemas), a Romaria de Água Suja torna-se cenário fantástico e qualquer cineasta do Terceiro Mundo, retrataria, em um movimento agitado todo um panorama do próprio país. Alí estão as mais profundas raízes de um povo (JM 17.08.77)

FINADOS - A CAMINHADA DOS VIVOS

O ônibus que sobe, sobe. Cheinho. Pesado e quente. De gente. Quem vai dentro, espia p'ra frente. Espia p'ra fora. Quem vai fora, vai a pé. Fecha a cara e espia. Vai no sol, no sôlado do pé. No mormaço que irrita até. O sovaco do povo sua. A chuvinha ralinha passada no ralo mais fino. Sombrinhas vermelhas e azuis. Os guarda-chuvas de luto, nas mãos, vão andando pelo estranho caminho que a Avenida da Saudade conduz, com certa ironia, a todos nós. Os sapatos apertam os calos dos pés, e a saudade, os calos do coração. Algo de tenebroso espalha-se pelas ruas que nos conduzem aos mortos. Os filhos enfiados nas "cadeiras" das mães. Os pezinhos balançando dentro das sandalinhas de plástico. Dedinhos sujos de terra. Flores de papel crepon, rechonchudas, plebéias dominicais, armadas em coroas: Pra quem, essas coroas? Quem vai ser coroado? Um novo rei? Novo papa?

Toda a cidade representa uma cena terrível: toda ela pratica um triunfal e vigoroso auto-enterro. As portas do semitério arreganham a boca e engolem a todos. Vivos e mortos.

Há uma inevitável vontade de faturamento. Uma lembrança do dia de Natal, dia das Mães, dos Namorados.

Pencas de meninos esparramados e encardidos nas portas do cemitério irritam qualquer um que estaciona o carro aí. A visão de uma nota de um cruzeiro, ironicamente, é recebida com uma algazarra geral. E' uma concorrência medíocre, por parte dos moleques. Mais felizes devem estar os japoneses, exímios floricultores do Estado de São Paulo. O Brasil todo importa. aos tufos, as incrivelmente pontuais e bem tratadas flores para os finados. As floras da cidade, abarrotadas de flores, esgotam-se até o último

cravo amarelo, a última flor da temporada. Resta varrer a sujeira das flores e colher o lucro. Os motoristas de taxis sabem que o caminho do cemitério é longo e que o taxímetro registra. Há quinze dias, mais de 30 pintores lixam e repintam os maltratados túmulos. A cal revive a estabilidade do ambiente. Há quem fatura quinhentos cruzeiros, pintando túmulos, um serviço rendonso, um excelente pe de meia, para esse tipo de gente.

Dona Brecholina, há 11 anos trabalha, semanalmente no limpamento dos túmulos. Com esse trabalho ajudou o marido a criar seus onze filhos. Ganha uma média de 15 cruzeiros por túmulo que limpa.

A AVENIDA PRINCIPAL
O FIM DOS CORONÉIS

A importância da avenida principal do cemitério de Uberaba revela todo um desenvolvimento econômico, poder aquisitivo dos tempos idos. Assim, suntuosamente, faz-se a sequência de jazigos da avenida central, com túmulos encomendados na Corte, principalmente com mármore italiano de Carrara

Com calma, observamos nas lápides, as inscrições, nomes e datas. Alí estão os conhecidos tenente-coronéis de nossa decantada história. Nomes que se tornaram famosos na região: Segismundo Mendes, (1882-1918), Tenente Coronel Antônio Borges Sampaio (1827-1908), Dª. Maria Cassimiro de Araújo Sampaio (1824-1907), Frei Hermógenes Sampaio O.S.B. (1853-1912), Capitão Miguel José da Silva (1892-1918), Capitão Joaquim Antônio Rosa (falecido em 1886), Luís Soares Pinheiro (falecido em 12 de setembro de 1901, com 84 anos de idade). A sequência se faz, com nomes pomposos, nomes cultos. Antigamente, esta avenida central era arborizada, como só poderia ser, com imensas, verdes, sombrias e sonoras casuarinas. Infelizmente derrubadas, a avenida central perdeu a dimensão que tinha, a proporção certa entre os túmulos esculpidos e pontiagudos, com a carga de volume verde musgo das casuarinas. Mas tarde, os arbustos, tentaram substituir as insubstituíveis casuarinas. Hoje, praticamente nada existe de arborização na avenida principal, o que é uma pena.

"Oh! meu pobre coração!
Inebriado pelo amor divino
Deixaste o lar junto de Deus, vela
pelo teu esposo e filhos".

Os epitáfios desenhados com zelo e precisão sobre as tampas de mármore. Anjos gorduchos carregam cruzes. Os rostos inclinados, virados para a lateral, pranteiam. Vasos sem fertilidade enfeitam. Colunas de mármore cercam os túmulos e correntes de ferro, de mãos dadas, fazem-lhes uma ciranda de proteção. Pairando sobre colunas esguias, esbeltos anjos, de túnica longa, esparramam flores. Sobre a testa deles, uma estrela.

E CRESTA 8 C/G.R. D' AJUDA N 33 E18 — CORTE

Há túmulos bastante antigos. Muitos vieram de marmorarias de São Paulo e Ribeirão Preto. Duas marmorarias antigas uberabenses foram renome no passado: a de Henrique Vitale e a de Vitório Mecheri.

"Foi esposa dedicada, mãe extremosa e
sempre afeta ao bem e a caridade.
Neste vale de lágrimas eternas de
seu esposo, filha, irmãos. Orae por ela."

O neo-clássico, sem duvida, foi o estilo marcante dos túmulos pois ainda hoje, muitos procuram, ao encomendar túmulos nas marmorarias, reproduzir a forma dos túmulos neo-clássicos Quase todos os túmulos da "gente importante antiga" foram executados neste estilo. O mais neoclássico de todos eles, o de estilo mais apurado, sem dúvida, é o do Tenente Coronel José Teixeira Alves de Oliveira (1813-1884), fora da avenida central, lado esquerdo de quem entra. Esta campa foi executada por João Gonçalves da Silva & Cia., Rua D'Ajuda 14, Corte. Todo o espirito neo-clássico está contido neste túmulo simples, no qual, uma coluna enorme é encimada por um ano.

O melhor exemplo de romantismo, talvez seja o túmulo de Nair de Lourdes Ferreira (1918-1937), no qual dois belíssimos anjos volteiam uma coluna de flores. Lembra particularmente, obras tipicas da bele-èpoque.

O neo-gótico tem seu melhor exemplo no túmulo da família Riccioppo , entrando lateral esquerda, e no do Coronel João Quintino Teixeira, em mármore branco, na avenida principal.

Finalmente, o estilo modernista, o internacionalmente conhecido e tão em voga atualmente, art-deco, tem seu melhor exemplar no túmulo de mármore negro de Dr. Guilherme de Oliveira Ferreira (1898-1941). O túmulo foi executado por Amleto Beloni (os italianos, como sempre), de Ribeirão Preto.

Vários estilos de épocas passadas são notados ao se passar pelos ricos e pobres túmulos do cemitério municipal. Assim vemos re-

tratos típicos dos anos 20, com mulheres usando imensos colares de pérolas, e o folclórico pega-rapaz. O fim e começo de século, são os detalhados nas fotografias de túmulos mais antigos.

PASTÉIS, ESMOLAS

Pastéis — esmolas — um ceguinho — pelo amor de Deus — abacaxi — sorvete — moço, me dá um cruzeiro? — ponto de taxi — leva uma vela aí? — flores de quintal — lenço na cabeça — anjo com asas de borboleta — tem um túmulo pra pintá? — um anjo desiste de ser eternamente vertical e cai em decúbito dorsal — pipoca branca — pipoca vermelha — uma bicicleta carrega quatro — Ki gostoso — latas d'água — olha o churrasquinho — palmas de Santa Rita — DW 0008 — vassouras e vassouras — rádio de pilha — pintores manchados de tinta — um adjutório — hortências e samambaias — japoneses franzindo a testa — Deus te ajude — melancia — picolé.

ASSASSINADO E SANTO

O túmulo de Alfeu Aparecido de Sousa, (12.02.37 a 24.12.57), assassinado num escandaloso crime que abalou toda a região, virou mesmo romaria. Entupetado de flores de toda a gente humilde, velas sem nem lugar de por, são jogadas no meio das outras, formam uma compacta massa de parafina no chão fumegante. A campa deste jovem assassinado aos vinte anos de idade, não se consegue ver. Tufos de flores simples, colhidas nos quintais das pessoas devotas, cobrem totalmente a campa. Tantas promessas feitas à alma dele, tantas graças concebidas por seu intermédio. Tanta fé rodeando uma campa tão simples. A mãe de Alfeu afirma que ainda hoje, quem a sustenta, é ele. Ele que ainda interfere no lar. Ele ainda ajuda. E tanta gente rezando de verdade. Agradecendo graça. Pedindo milagres. Ele que era chofer de taxi: numa noite de Natal, quando ia buscar a noiva para a Missa do Galo, recebeu um pedido para levar três rapazes ao Chuá. Aí, ele foi esfaqueado e morto. Aqui no túmulo, não é o cúmulo dizer que ele faz milagres.

CEMITÉRIOS UBERABENSES

O primeiro cemitério de Uberaba, cercado com achas de aroeira, situado à direita da primitiva igreja de Santo Antônio e São Sebastião, onde hoje é o SENAI.

O CEMITÉRIO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Conta José Mendonça, em sua História de Uberaba, que o Cemitério de São Francisco de Assis, o segundo cemitério da cidade,

em 1859 consistia apenas de um alicerce e uma pequena parede de muros, medindo cerca de 73x73 metros. Ficava no fundo da Santa Casa de Misericórdia. Durando pouco, ali se guardaram os restos mortais do Capitão Manuel Crisóstomo, fazendeiro de fama na cidade que teve seus ossos furtados por feiticeiros!

ANJO DE MÁRMORE E DE CEMITÉRIO

CEMITÉRIO DE SÃO MIGUEL

Construído pelo praticamente santo, Frei Eugênio M. de Gênova situado na atual Pça Frei Eugênio, cobria a área ocupada pelos edifícios do SENAI e do Grupo Escolas "Minas Gerais". "Era o mais amplo e o mais sólido de todo o interior do Brasil". Funcionando durante 44 anos, desde 1856 até 27 de maio de 1890, quando foi inaugurado o Cemitério Municipal, conhecido como Cemitério do Brejinho. (JM. 02.11.75)

A RINHA - TRADIÇÕES E TURISMO

Pouco incrementado, e principalmente pouco acreditado (mostrando de certo modo uma ironia do uberabense, injusta por sinal, em relação à sua terra natal), o turismo às vezes vive dias quentes e fartos. Alguns desses dias passam em surdina, discretos, quase em branca nuvem. O que não impede de serem manifestação da possibilidade de verdadeiro turismo em Uberaba.

Nem só de Exposição de Gado Zebu, ou de Festa da Abadia vive o desprotegido e ignorado turismo uberabense. A rinha traz a Uberaba gente de todas as partes do Brasil. Gente que quer descançar nos fins de samana. Fazer amigos. Praticar o esporte da briga de galos.

Com intúito de "melhorar as raças dos galos", galistas de todo o Brasil se reúnem em Uberaba, durante os feriados da Festa da Abadia. Trazem consigo uma importante disponibilidade monetária, que em boa porcentagem deixam em nossos hotéis lotados, nossos bares, boites e **rendez-vous**. Tudo sem alerde. Procurando, na maioria dos casos passarem desapercebidos da imprensa da cidade.

Na porta da rinha, nos dias 14, 15, 16 e 17 de agosto, dezenas de carros estacionados paralelos uns aos outros. As placas dos veículos revelam a importância turística da chamada Concentração: Londrina-PR, Cuiabá-MT, São Paulo, Campinas, Barretos, Rio Preto, Santos, Ibitinga, Araçatuba-SP. Numa só tarde, 45 nomes de cidades nas placas dos autos, que na sua maioria pertencem ao Estado de São Paulo, onde o maior poder aquisitivo e a proibição da rinha fazem com que paulistas passam aqui, dias de descanço, apostas e divertimento.

O TORNEIO OU A CONCENTRAÇÃO

Numa concentração, cerca de 400 galos são trazidos a Ube-

raba. As apostas e as combinações para brigas são feitas de acordo com o peso e o tamanho do galo. Neste particular não interfere a Diretoria que deixa a cargo dos participantes a resolução dos acertos e contratos de briga. A diretoria cobra apenas uma taxa de inscrição aos galistas para a manutenção da rinha.

A TOURADA E A RINHA NO SANGUE DA COLÔNIO ESPANHOLA

Parece mesmo que o costume de por os galos a brigar se radicou em Uberaba, no começo do século. Com a vinda dos imigrantes espanhóis. Principalmente, foi sob o arvoredo farto dos quintais dos imigrantes de Espanha, sob frondosas mangueiras sombrias que começou aqui o uso da briga de galos. Acostumados ao esporte sangrento, como touradas e brigas de animais, os espanhóis radicados aqui, deram início à rinha.

Conta o Sr. José Luís Dieguez (um dos mais antigos imigrantes espanhóis, nascido na Provincia de Acedo, em 23 de março de 1895, vindo para o Brasil em 1911 e em 1914 para Uberaba, onde, até 1966 exerceu a profissão de padeiro), que se reuniu numa tarde com os senhores, Isauro Loureiro, José Silveira, Joaquim Cruvinel, Henrique Furtado, Mamede Vasques e resolveram criar uma rinha Compraram de um baiano um galo, e o puseram a brigar com galos daqui. Daí para cá, adquirindo galos do Estado de São Paulo, montaram uma rinha mais ou menos precária na Rua do Comércio. (Hoje, Rua Artur Machado).

Em 1949, os aficcionados às brigas de galo, adquiriram um terreno no Alto São Benedito, onde montaram, com poucos recursos a segunda rinha. Inauguraram o prédio onde ainda hoje funciona a rinha, à Rua Rodolfo Machado Borges. Um dos defensores da rinha, galista antigo, Borges ganhou o nome da Rua.

LEMBRANÇAS DE RINHA

Fato comum na infância de qualquer brasileiro: as brigas de galo: o índio, o caipira e a fama do garnizé: "Toma cuidado com esse garnizé..."

A valorização e a seleção foi algo inevitável dos galos de briga. Sem um galo tipicamente nacional, os brasileiros importaram galos do México, Japão e índia, países que têm suas raças próprias. Hoje, existe uma raça típica nossa: o caboclo.

No Alto dos Estados Unidos ficou famosa a Praça da Gameleira, onde, sob imensa árvore centenária, se faziam as apostas e as brigas

A criação e a seleção do galo evoluiram, como evoluiram os tipos de apostas na rinha, cada dia mais modernizada. Henrique Fernandes Perez (imigrante espanhol, nascido em 1887 na Província de Orence, Espanha, vindo para o Brasil em 1914, rumando diretamente para Uberaba, onde, trabalhando de carroceiro chegou mais tarde a montar sua própria padaria, fato comum ao imigrante espanhol), comenta que a rinha mudou muito: as apostas que antigamente eram uma brincadeira, passaram de dez a dez mil cruzeiros... O mesmo espanhol um dos fundadores da rinha de Uberaba lembra os antigos aficcionados às brigas de galo: Mamede Vasques, José Luís Dieguez, José Perez, Dr. Ernestino Rocha, Dr. Moacir Medina Coeli, Helvécio Prata de Oliveira, Ari Medina Coeli, Joaquim Cruvinel. E lembra ainda da fama dos galos "Favorito", de José Silveira, "Milionário" e "Cizentinho", dele mesmo e o sempre citado o mais famoso de todos o "Mais Um". Hoje, rinha é muito complicada. Galo é que nem jogador de futebol: de repente aparece um dopado..." contente. Perez lembra com orgulho "Getulio Vargas" era um grande galista".

CONTRA BRIGA

O movimento contrário à brigas de galos (já universal) é antigo. Já na década de 30 a conhecida revista Careta, defendia os aficionados das brigas de galo, mostrando uma "charge" onde dois homens se duelavam, rodeados de um público ansioso por brigas. A legenda dizia: "Eis aí o que diverte o mundo inteiro. E tem gente que implica com brigas de galo".

Consideradas desumanas, por uns, divertimento por outros, as brigas de galo realizadas na rinha uberabense tem um fator positivo indiscutível: é um acontecimento turístico na cidade. Resta agora tomarmos consciência em relação à rinha neste setor. A rinha como grande atração turística e explorarmos, com consciência, este rico filão (JM 24.08.75).

OS ARTISTAS E SUAS MANIFESTAÇÕES

CAPELA DO MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DAS IRMÃS BENEDITINAS E DINAMARQUESAS DE UBERABA

Uberaba, parece ser, antes de tudo, a cidade desconhecida De passado e presente. Andando pela cidade, de repente a gente pode topar com coisas incríveis, casarões coloniais, arcadas art nouveau, ou como é o caso do nosso exemplo, um convento, nos melhores moldes daqueles conhecidos nos romances e no cinema europeu.

No final da Rua Visconde do Rio Branco (quem não tem carro, toma o ônibus da Medalha Milagrosa).

Um imenso muro se espicha, feito elástico, por todo um quarteirão. Um muro descoberto, dando nos ossos, nos tijolos. Sobre ele desmaiam as buganvílias, os coqueiros de procissão, casuarinas posudas, espigadinhos coqueiros com as cabeleiras ao vento batendo na cara deles, despenteados na nuca, e a sequência robusta, rechonchuda das mangueiras antigas, compridando e dificultando mais ainda os muros...

Dona Joana, a mais antiga moradora/vizinha do convento, leva uma cadeira, todas as tardes para a porta do convento. Sentada, ela fica a apreciar o ralo movimento. Um telhado coberto de musgos, se espicha sobre o passeio e a cobre
queada mostra a antiga entrada do convento.

O Mosteiro de Nossa Senhora da Glória das Irmãs Beneditinas de Uberaba, foi fundado em 1954, na antiga chácara do Sr.

Vigilato Cruvinel Borges. Da Abadia alemã de Nossa Senhora de Aasebakken, veio o primeiro capelão beneditino. As irmãs, vieram da Dinamarca. Uma delas é autora do projeto da capela do Mosteiro: Irmã Ildegardes. Que tinha muito conhecimento de construções e cujo pai era engenheiro-construtor no país de origem.

"A idéia da arquitetura da capela nos veio das igrejas simples ainda da Idade Média, em nossa pátria, a Dinamarca, com suas pinturas alegres e piedosas, feitas por artista do povo e imitando a beleza dos afrescos da Europa do Sul, lá no norte de nosso país, com o meio modesto, porém encantador, da pintura com tintas naturais sobre cal fresca. Nós queríamos criar um ambiente de louvor a Deus, da gratidão e alegria pela vida, digno, e de cunho beneditino". Fala a pintora Irmã Gertrudes, hoje residente em Campos do Jordão.

A beleza desta capela, que deve ser visitada por todos nós, está justamente na sua singularidade, no seu despojamento de empetecos, de coisas da moda. A honestidade na construção é que deu um caráter especial à mesma, uma dignidade pouco conhecida no nosso meio religioso e arquitetônico.

Ali, a gente se encontra e se perde. A frescura, o silêncio e a quietude poética nos levam à contemplação, nos deixam como que relaxados, embriagados pela sensibilidade e pela áurea de paz que penetra na gente.

Nesta capela estão os belíssimos afrescos da Irmã beneditina Gertrudes Marker.

Ainda a Irmã Gertrudes quem depõem para o repórter:

"Para a capelinha, pintei a "Morte de São Bento" aproveitando uma fotografia de uma pintura da escola de Beuron, já existente no Brasil, na Abadia de Olinda, e se não me engano, também na Igreja maravilhosa de São Bento, em São Paulo. Os ornamentos, letras (1), vitrô (executado por Conrado Sorgeniht) são criações espontâneas minhas. Nossa Senhora na tábua é uma cópia do ícone muito venerada da escola de Moskau, chamado de Wladimir, enquanto que São Joaquim e Sant'Ana e São José são criações minhas a estilo do ícone".

Atrás do altar-mór da capela, a Irmã Gertrudes pintou um dos seus mais belos trabalhos. A Descida da Cruz, contornado por uma carreira de tijolos, salientes, à vista. Sobre o mesmo, a artista mandou colocar o seu vitrô (citado acima). Esta colocação causou uma certa polêmica recentemente, pois muitas das irmãs que residem atualmente no Mosteiro são contrárias à permanência do

afresco sob o vitrô, o que declaradamente não concordo. Nunca poderíamos, nós amantes da arte, concordar que se apague uma obra de arte, em qualquer colocação. E se pararmos para contemplar veremos que o afresco não concorre com o vitrô, mas compõem um todo uniforme, ganhando o afresco, pela manhã, maior exuberância; e o vitrô, no fim da tarde, reina na capela, espandindo-se em raios, luzes e cores. Portanto, a própria luz do sol dá o destaque necessário a um e a outro, no horário certo para cada um. E quem ganha com isso, são os que frequentam a capela.

Ainda sobre o resultado final da capela, opina a pintora da mesma: "De fato, tudo resultou harmonioso, altares, assoalho, colunas, arcos, grade com cortina (2) e nas capelinhas, o túmulo do fundador venerado. Ainda faltava a Via-Sacra, mas não deu tempo".

A ansiedade pela vida e sua alegria em manifestá-la (em função da vida e em função de Deus), fez com que a Irmã Gertrudes pintasse sobre diversas paredes do convento, da Casa dos Anjos (reservada aos visitantes) tanto no seu exterior, quanto no interior, anjos e santos.

"Dentro do Mosteiro houve também pinturas e letras ornamentadas. Acho que ainda existe uma tela de uns dois metros de altura, que pintei; expressiva, mas nada acadêmica."

A PINTORA DO MOSTEIRO, IRMÃ GERTRUDES MARKER:

"Formei-me na minha cidade de nascimento, Copenhagen, em cursos de vários anos, com suplemento em Viena, Áustria, praticando em seguida durante sete anos em grandes casas de trabalhos para impresso e moda, e depois, entrando no Mosteiro continuei trabalhando até agora. Em Uberaba mantivemos durante anos um atelier para Paramentos e outros trabalhos artísticos. Em Campos do Jordão temos atelier, uma loiinha. Fazemos o possível, dentro da moldura da nossa vida beneditina, para satisfazer os fregueses e executar as encomendas que vêm de todos os Estados do Brasil e do exterior: América do Norte, Portugal, Espanha, Itália, Japão, Turquia, Suíça, Suécia, Bélgica, Holanda, Alemanha etc.

ZULMIRA TANAKA, A IRMÃ HERDEIRA DAS ARTES

Vivendo no Alto dos Estados Unidos, Uberaba, uma das mais dinâmicas artistas da cidade, Zulmira Tanaka, foi talvez a melhor aluna de Marker. A fama de Zulmira já atinje vários Estados brasileiros. Principalmente como restauradora de porcelana, peças de arte de todo tipo, vidro, madeira etc.

AFRESCOS DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA

No Mosteiro Nossa Senhora da Glória, um bem trabalhado São Bento, em cerâmica de Zulmira Tanaka.

Rica em patrimônio artístico, por sua arquitetura, suas pinturas e trabalhos em cerâmica, a Capela do Mosteiro de Nossa Senhora da Glória, em Uberaba deve ser vista/visitada/contemplada com tempo e curiosidade. Uma homenagem à paz que vem dentro da gente quando a gente está lá. Apenas os jardins denotam desmazelo e esquecimento. Poderiam ganhar ciprestes novos, casuarinas, dedaleiras, hortências, enfim, flores e plantas, que nas mãos de freiras ficam muito mais bonitas, como sabemos. A cidade desconhecida do uberabense de modo geral, pode se revelar como um dos principais pontos turísticos da região. E tenho certeza, se revelará do melhor modo, no melhor sentido.

(1) as letras foram raspadas da parede, bem como os dois pombinhos, de forma art-nouveau que havia sobre a porta lateral da capela.

(2) as cortinas foram retiradas da grade, que vedava ao público a sala de canto das irmãs.

POEMA E PINTURA

Os pombos do Mosteiro da Glória
são pombinhos simples, de tinta.
Pombinhozinhos anilados
soltos na sorte do cereal sortido
servido ao terreiro cimentado
das máquinas nuas de beneficiar arroz:
pirâmides e paisagem
de leve palha e parras.
Empoleirados empolvilhados
dos chiqueiros das porcas/paridas
na porcaria/estrebaria
corcundas/carrancudas (pura encenação
medieval do medo).
Gertrudes Marker deixou
a marca de cor dinamarquesa
sobre cal virgem: a Virgem!
E empinou os pombos sobre o altar
como quem empina um papagaio
uma pipa..... depois
corta o barbante/linha, larga
o bichinho no ar, que vai, daí
cria azas e voa...
Os pombos empinados/pintados

não sujam de merda a Nossa Senhora.
(As andorinhas adoram fazer isso
nos adros adornados dos templos/temporões
e uma beata bate no peito e bate o pé
de pirraça).
Um balé encena a morte de São
Bento: Stagium?
O anjo verde/azul
não esconde sua força celeste
sua inquietação/irritação carnal
de cacos/nacos de vidro
e quartzos/wolts de luz
o vitral da Virgem vaza
seu verde, sua verve.
A dinamarqueza beneditina
apeou em Uberaba
(apoiado pincel nas paredes puras)
colore/coloca os santos
nas prateleiras/painéis piedosos. — (JM 28.09.1975).

O PINTOR HÉLVIO FANTATO

Pela quarta vez na vida de um artista nosso, os amigos se reúnem para promover sua obra, em caráter individual, como que arrancando essa obra de amigo para mostrá-la ao mundo. Mas, afinal de contas, o que tem essa obra e esse artista, que nunca siquer aprendeu como se deve usar um pincel, como se faz para misturar as tintas e conseguir tons diferentes? Por que os amigos se preocupam em expor essas telas fumegantes de cor, como se a paisagem humana pegasse fogo e irritasse a todos os que a contemplam com sua absurda figuração? A obra de Fantato já foi exposta individualmente quatro vezes, sendo a mais importante delas, realizada na galeria na Folha de S. Paulo -SP. As três outras foram realizadas em Uberaba no Jóquei Clube, num espaço de tempo de dez anos. A última, foi encerrada recentemente. Deixando o valor da obra ao gosto dos espectadores e ao critério dos iniciados à arte, sob a impiedosa ação do tempo (o tempo tanto pode valorizar como desclassificar uma obra e tem sido o mais severo e surpreendente crítico de arte), comentemos um pouco do homem, um homem menos fantástico que sua pintura, mas intimamente coerente com ela, que chega um ponto não se sabe qual é a margem do rio, qual a esquerda, qual a direita, e o homem e o artista se fundem numa só coisa, num só objeto, numa só personalidade, revelando coesão e coerência nos sentimentos, que podem ser tanto de revolta quanto de complacência, como algumas vezes acontece com Hélvio Fantato.

Ao transpor uma idéia social para a tela, Fantato dá-lhe força de revolta e dignidade, forma e cor. Aí, ele marca a figura de desespero sem desvinculá-la do que tem de belo, de esteticamente humano e pictórico.

O HOMEM

Hélvio Fantato, nasceu no Alto dos Estados Unidos, mais

precisamente na Rua Sete de Setembro, no dia 9 de agosto de 1920 dois anos antes da Semana de Arte Moderna, se isso quer dizer alguma coisa para sua obra.

Seu pai, Egídio Fantato, foi das figuras típicas da imprensa uberabense, nela colaborando de modo peculiar durante tantos anos assinando suas "Cartas Roceiras", com o pseudônimo de João da Mata. Sua mãe, Maria Ramos, sempre ligada às atividades domésticas, ainda é viva.

A INFÂNCIA COMO PONTO DE PARTIDA PARA A ARTE

A infância de Hélvio Fantato se aproxima, de perto da infância das pessoas de sua classe social e de sua geração, onde, não faltaram trepadas nos muros e assaltos aos pomares alheios, caça aos passarinhos, com arapucas, estilingues e alçapão. Menino, fazia demoradas e longas caminhadas a pé, percorrendo distâncias de quilômetros. E foi numa dessas caminhadas, à caça de passarinhos que foi se definindo, desde cedo, a personalidade do artista. O por do sol nesses lugarejos retirados surgiu, com a secura típica da hora colorida e solitária, como momento marcante e tempo de descoberta das formas, que se transformaram sob efeito de luz e cor. Esse aspecto decadente de pôr do sol, que sob efeito de luz parece mo dificar as coisas, fazer de uma árvore um monstro, de uma paisagem um possível nimbo e das figuras, seres saídos do purgatório, isso tudo, esse momento de decomposição, ficou marcadamente na sua obra. Hoje, propositadamente, suas figuras, sua gente e seu retratos de lugares, ganham uma deformação. Essa deformação que o sol faz na natureza, quando se põe. De propósito.

Hélvio Fantato cursou o primário no "obrigatório" Jardim da Infância de Edite Novais França.

Foi péssimo aluno, como era mesmo de se esperar. Na aula, sentava-se perto da janela, que dava vista para o plácido largo da Igreja de São Domingos. E ficava a pintar os detalhes da igreja, seus portões, suas árvores, seus vitrôs de agulhas góticas. Nessa época o ensino era muito religioso. E as estampinhas dos santos, beijadas diariamente, quase como uma obrigação. Num tempo em que pouco se tinha para mirar em matéria de gravuras coloridas o próprio cinema era branco-e-preto — as estampinhas dadas pelos padres e pelos professores de catecismo, eram admiradas pelo artista menino ainda.. A noite, ao deitar, rezava para conseguir desenhar um daqueles anjinhos das estampinhas. Mas, como ele mesmo diz, "reza pra mim, nunca adiantou nada não".

Mais tarde cursava a Escola de Comércio José Bonifácio

"Naquele tempo, quem completava o primário podia cursar o propedêutico. Era o tempo dos professores Amadeu Paschoalini, José Maciotti, Raul de Mello Resende, e outros." E nas aulas destes mestres antigos Hélvio Fantato passava-as fazendo caricatura dos mesmos, que depois corriam de mão em mão ganhando o rizo dos colegas irônicos. Nessa época havia o álbum de caricaturas de Raul Pederneiras, que o jovem artista copiava o quanto podia.

A ESPINGARDA E A BICICLETA

A juventude de Fantato, precocemente semi-amputada pelo trabalho, tinha, nos seus momentos de folga e preguiça, os passeios de bicicleta, suaves e esburacados passeios, e a caça. Nessa época tinha uma lagoa entre a cidade de Uberaba e a Estação de Peirópolis. Alí, era um reduto de patos selvagens, que os caçadores sem se locomoverem muito, tinham um bom prato.

Em 1935, com quine anos de idade, Hélvio principia trabalhando com João Laterza, seu tio. Trabalhando no balcão, onde até hoje trabalha, no mesmo prédio de seu tio, na Rua Artur Machado, onde sempre se vendeu materiais para construção. Porém, antes de vender tinta aos pintores de paredes, Fantato, já tinha a preocupação pelas cores. Assim, viveu sempre rodeado de tintas e rótulos de tinta.

Nessa época desenvolve o gosto pela música popular, até então esnobada pelos "entendidos de música". Descobre Noel Rosa, na voz imorredoura e peculiar da Araci de Almeida. As sátiras de Noel, compensam em pensamento e ação o que ia pelo coração do pintor uberabense.

O CERCO DOS AMIGOS

Positivamente, foi Moacir Laterza, o intelectual uberabense, catedrático hoje na Universidade de Minas Gerais, quem descobriu a sua pintura. Isso em 1945, mais ou menos. Moacir, também poeta e amigo de infância de Hélvio, lhe levava gravuras de obras de artes famosas, reproduções e publicçaões. Foram estas as primeiras lições. E' desta maneira que ele obtém contato com os grandes mestres da pintura universal.

Casado em 1942 com Natalicia Mello Fantato (Piquitita), Fantato se define categoricamente — e até hoje não abandonou o gênero — como um pintor de fim de semana.

Mais tarde, o amigo José Sexto Batista, entra no rol dos admiradores de sua obra e sendo da diretoria do Jóquei Clube de Uberaba, patrocina, em nome do clube, a primeira mostra do ar

tista. Isto em 1960. E' nesta exposição que ele vende o primeiro quadro seu. Este costume veio modificar um pouco o seu modo de encarar sua obra, mesmo não tendo abandonado o hábito de doá-la.

Sobre esta fase de sua pintura, Paulo Lima tem, publicado, no "Suplemento Cultural do Correio Católico", um artigo, no qual defende o valor da obra de Hélvio Fantato. Talvez, Paulo Lima tenha sido o terceiro admirador e incentivador da obra do artista uberabense.

Em 1974, vem a sua terceira exposição, organizada também por amigos. Entre eles, Demilton Dib, Lincoln Borges de Carvalho, Dr. Cecílio Silva, Salvador Cicci Neto e este repórter.

Homem simples, desligado do setor, chamado pela coluna social, de "badalativo" Hélvio Fantato tem sua vista e sua verdade, e também, e principalmente, sua arte voltadas, para o ser humano das classes menos favorecidas. Como Carlos Drummond de Andrade não tem vergonha de mostrar que há miséria espalhada pelo mundo. Sem fazer de sua arte, subserviências a partidos, ou a inteiros, Hélvio Fantato chega a animalizar o homem, dando-lhe uma cara de cavalo, contorce os elementos da natureza com uma força e uma coragem que refletem o sentimento humano.

Denunciando, através de sua espátula, de seus pincéis, a situação degradante de grande faixa da sociedade brasileira (a sub-condição de vida), Fantato recria esse mundo (sub-mundo), procurando nele, o que há de mais penetrante e humano. E' nestes retratos de uma realidade crua e nua que Fantato se aproxima do Expressionismo. (JM — 18.04.76).

VIENA/UBERABA/UMA ARTISTA SE TRANSFERE

Maria Hummel está morta. E tudo é como se tivesse morrido uma grande parte de nosso trabalho. Da nossa vontade. Do interesse nosso em lidar com as coisas da vida.

Lembro-me muito quando levei um amigo para conhecer Maria Hummel. Ela, "plantada" lá no Alto do Fabrício. Como meu amigo se sentiu pequeno diante da personalidade daquela mulher maravilhosa, clara e humana.

Só esta arte bastava para Maria Hummel ser uma artista de mão cheia: a da dignidade de sua figura humana. Arte esta muito acima de sua criação artística. E como artista, o que ela mais desenvolveu foi mesmo a arte do contato pessoal com os seres vivos: esses cães de quintal, esse homens sensíveis. Maria Hummel foi um personagem mágico das histórias da infância que dere pente, a gente desmama, cresce, se esquece, se embrutece e sem querer descobre que fadas ainda existem (e surgem na dúbia atmosfera putrefata da poluição) e transformam a gente em menino, de novo com sua presença envolvente.

Que Maria Hummel foi e é uma fada, que ninguém, por favor, duvide. Clara gorda, alta, sardenta, sorridentíssima! Ela e seu toque de maga européia guiando agulhas e linhas coloridas e bêbadas pelos labirintos da tela de seu trabalho E seu universo austríaco de talagarças bordadas, trasladado das margens azuis do Reno para as margens pardas do córrego das Lages: o gobelino riscado , tratado, delicado, minucioso, míope, penoso em todos os tons taciturnos do outono.

Outono Parece que estamos mesmo no tempo das secas. E' tempo de poeira. E' tempo de pó. E' tempo de pedras. A única safra

que há e que se colhe, é a do bererê que continua levando da gente, quem não devia nunca de levar.

MARIA HUMMEL

UMA BIOGRAFIA

Maria Hummel nasceu em Viena, Áustria, em 1901. Foi nesta cidade de tradição cultural que ela aprendeu a bordar, fez cursos de

peçaria e de gobelino. Alí, ela aprendeu os mais variados e custosos pontos de bordado. Ainda em Viena fez cursos de arte culinária e mais tarde trabalhou como chefe de seção de culinária e dietética de hospital importante da capital austríaca. Neste ponto ela permaneceu até se casar com João Hummel.

Em 1928, o casal veio para o Brasil, como imigrantes. A partir de 1944, o casal fixa residência em Uberaba, onde João Hummel trabalha em eletrotécnica. Foi aqui, que Maria Hummel fez a maior parte de seus trabalhos artísticos e veio a falecer, para pesar de todos os amantes da arte às 23 horas do dia 18 deste, com 74 anos de idade, em sua residência à Rua Rodrigues Alves, nº 12.

Encontram-se trabalhos seus no museu de Viena, no Palácio do Catete, Rio de Janeiro, em várias residências uberabenses, entre as quais residências de Dr José Soares Bilharinho, da Vvª. Dr. João Henrique, na chácara do deputado Dr. João Guido etc..Seus trabalhos, em sua maioria foram vendidos a São Paulo, notadamente suas bolsas pequeninas bordadas com o minúsculo "ponto pérola". Trabalhos seus fizeram parte da "Mostra do Artista Uberabense", realizada no Palácio da Cultura de Uberaba, por Jorge Alberto Nabut, por ocasião do Congresso do Rotary Internacional.

MARIA, A MULHER E O TRABALHO

Exímia bordadeira, sabia bordar com perfeição o ponto do gobelino, o meio ponto, bordava bolsas pequeninas, de baile, com o mínimo ponto pérola. Ela ampliava com perfeitanoção de geometria e de proporção pequeninas gravuras em tamanho 20, 30 vezes maior que a original. Maria Hummel estudou também, a fundo, as bases da costura, sabia muito de corte e talhe de roupa. Porém nunca chegou a "costurar para fora", se limitando a coser as roupas dos de casa.

A culinária, foi da maior importância ao calendário de talentos desta mulher vivíssima. Chegava ao cúmulo de, no Natal, em Uberaba, reproduzir em detalhes perfeitos, a mesa de Natal do Imperador Francisco José, da Áustria. Conhecia e fazia os pratos típicos da sua terra natal e de todas as regiões alemãs.

Acredita o médico de 30 anos de assistência e amigo particular, Dr José Soares Bilharinho, que Maria Hummel chegou mesmo a criar "pontos" em seus trabalhos e bordados, dada a extrema habilidade e domínio técnico a que chegou esta forte mulher. E além de bordar ela fazia com aprimoramento, croché, tricô, teneriffe, rendas frivolitê.

Mulher de vasta cultura, apredeu no Instituto Brasil Estados Unidos, a língua inglêsa e na mesma escola uberabense, lecionou o alemão. Em sua residência, com o tempo, ela formou uma excelente biblioteca particular, da qual 200 livros foram doados, em vida, ao nosso Palácio da Cultura. Em sua biblioteca, quase toda com originais germânicos, livros raríssimos. Amante incontida da música erudita, formou custosa discoteca, onde se ouvia os grandes clássicos universais.

Perdendo um elemento tão caro à cultura da cidade de Uberaba, perdemos também quem nos podia dar, diariamente lições de humanismo. (JM. — 24.08.75)

ÍNDICE

COISAS QUE ME CONTARAM, CRÔNICAS QUE ESCREVI 1

A PAISAGEM DE ORIGEM 3

DESEMBOQUE: DESCUBRA VOCÊ MESMO A PAISAGEM DO DESEMBOQUE 5

ALDEIA DE SANTANA DO RIO DAS VELHAS OU O ESTRANHO CAMINHO DE SAINT-HILAIRE 11

UBERABA, O CENÁRIO DE HOJE E A PAISAGEM AUSENTE 19

SENTIMENTO URBANO UBERABA ANO 121 21

CARÁTER UBERABENSE 25

OS BLOCOS ARQUITETÔNICOS E CULTURAIS DE UBERABA 29

DESTRUIR E' PRECISO, VIVER NÃO E' PRECISO 35

UM TEMPO NA ARTUR MACHADO 41

SANTO ANTÔNIO DE UBERABA 45

AS MANGAS — PRESENTE UBERABENSE 49

O CINEMATÓGRAFO REVISITADO 55

AS PRIMEIRAS SESSÕES DE CINEMA 57

COMÉRCIO E INDÚSTRIA 69

TEMPO DE NEGÓCIOS — O COMÉRCIO RESUMO HISTÓRICO E CRÍTICO 71

A VANGUARDA DA INDÚSTRIA UBERABENSE 81

OS MÚSICOS DA CIDADE — O SOM DAS JANELAS E DO POVO 93

OS BATUTAS E OS SERESTEIROS 95

RIGOLETO DE MARTINO 101

RENATO FRATESCHI 107

LORETO CONTI 113
JOÃO VILAÇA JÚNIOR 119
ZEBU — CAMINHO DAS ÍNDIAS — CAMINHO DO PASTO — CAMINHO DO MUSEU 123
A CONQUISTA DAS ÍNDIAS 125
JOÃO MARTINS BORGES 127
EPOPÉIA DE UM POVO 133
AGONIA DOS MASCATES 139
MUSEU DO BOI 147
FOLCLORE — DATAS E FESTAS TRADICIONAIS 153
A FOGUEIRA ELETRÔNICA DO SÉCULO XX 155
SEBASTIANA 161
O ROMANCEIRO POPULAR DE JULIANA 173
MARIA GIRIZA 179
RITUAL DO MOÇAMBIQUE E DOS CONGOS 183
UMBANDA — O FOLCLORE E A MAGIA EM ASCENÇÃO 191
DATAS E FESTAS TRADICIONAIS 197
NOSSA SENHORA D'ABADIA DE UBERABA 199
ROMARIA EM ÁGUA SUJA 205
FINADOS — A CAMINHADA DOS VIVOS 213
A RINHA — TRADIÇÕES E TURISMO 219
OS ARTISTAS E SUAS MANIFESTAÇÕES 223
CAPELA DO MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DAS IRMÃS BENEDITINAS E DINAMARQUESAS DE UBERABA 225
O PINTOR — HÉLVIO FANTATO 231
VIENA — UBERABA — UMA ARTISTA SE TRANSFERE 235

Composto e impresso nas oficinas da

Editora Vitória

Av. Alberto Martins Fontoura Borges, 41
38.100 — Uberaba (MG) — Brasil
Fone: 332 4280